



MACAU

IV Série - Nº 12

Setembro, 2008 Trimestral

ENTRE DOIS MUNDOS

a aventura da tradução em Macau

FANTASIAS PARA A RAEM

música, orquestras e um maestro carioca

MOITINHO DE ALMEIDA

um homem para todas as transições

ZHENG GUANYING

as advertências de um mandarim

ISSN 0871-004X



9 770871 004001

Director

Victor Chan Chi Ping

Director Executivo

Louie Wong Lok I

Editor Executivo

Fernando Sales Lopes

Propriedade

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

Endereço

Avenida da Praia Grande, n.º. 762 a 804
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

Produção, Gestão e Distribuição

Delta Edições, Lda.
Tel: +(853)2832 3660 Fax: +(853)2832 3601
e-mail: info@deltapublishing.com.mo

Editor

Luís Ortet

Direção Gráfica

José Manuel Cardoso
Graffiti - Arte & Comunicação

Colaboradores Permanentes

Ina Chiu, Joyce Pina, Marta Curto e Patrícia Lemos

Colaboraram nesta edição

António Mil-Homens (fotografia), Fernando Peixeiro,
Gilberto Lopes, Isabel Castro, José Costa Santos,
Maria João Belchior, Ricardo Bordalo
e Ricardo Franco (fotografia)

Administração, Redacção e Publicidade

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E
Edif. Centro Comercial "First International"
14º andar, Sala 1404
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

Impressão

Tipografia Welfare, Macau

Tiragem

3 000 exemplares
ISSN: 0871-004X



Esta edição de Setembro cobre uma grande variedade de temas. Os recém-realizados Jogos Olímpicos de Pequim merecem, como seria de esperar, um relevo especial, com o enfoque na participação de atletas dos países de língua portuguesa, onde reside parte significativa dos leitores da revista.

O ano de 2008 foi de festa, para a China e para o mundo, mas a tragédia de Maio passado na província de Sichuan, em que um terramoto causou largos milhares de vítimas mortais e feridos, bem como avultados danos materiais, foi o infeliz reverso da medalha, que no entanto a nação chinesa encarou com igual coragem e abnegação. Todo o país se mobilizou, solidário, para a reconstrução de Sichuan, estando Macau a dar o seu contributo, em meios humanos e financeiros, como damos conta numa reportagem alusiva ao tema.

Duas personalidades merecem um destaque especial: Pedro Moitinho de Almeida, cônsul-geral de Portugal, que deixará o seu cargo, depois de um período de vários anos em que esteve ligado às questões asiáticas; ao passo que Rodrigo Pedro Domingos acaba de cumprir o seu primeiro ano no cargo de cônsul-geral de Angola na RAEM e dá conta das suas expectativas.

A edição de Setembro inclui ainda reportagens sobre outros aspectos da vida de Macau: a convivência das duas línguas oficiais da RAEM, o chinês e o português, a vida das orquestras, a figura do filósofo Zheng Guanying e o papel da RAEM como plataforma para a cooperação entre a China e os países de língua portuguesa. A recente inscrição das casas Hakka, da província de Fujian, na lista do património cultural da UNESCO é igualmente abordada. ■

Luís Ortet

■ ANGOLA: 300,00 AON ■ BRASIL: R \$8,50 ■ CABO VERDE: 350\$00 CVE
■ GUINÉ-BISSAU: 2000,00 XOF ■ MACAU: 30,00 MOP ■ MOÇAMBIQUE:
100.000,00 MZM ■ PORTUGAL: 3,00 ■ S.TOMÉ e PRÍNCIPE: 30.000,00
STD ■ TIMOR-LESTE: US \$3,80 ■ RESTO DO MUNDO: US \$3,80

Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da revista MACAU.

■ Perfil

O diplomata da transição, 4

Gilberto Lopes

■ Olímpicos 2008

Os melhores de sempre, 14

Gilberto Lopes

■ Solidariedade

Macau na reconstrução de Sichuan, 20

Marta Curto

■ Cooperação

Tão longe e tão perto, 34

Marta Curto

A Oeste de África, 42

Fernando Ribeiro

Cativar investimentos para Angola, 47

José Costa Santos

Dos milionários projectos

aos pequenos negócios de rua, 51

Ricardo Bordalo

■ Convivência

Entre dois mundos, 59

Marta Curto

Por outras palavras, 71

Joyce Pina

■ Cultura

O mandarim da “casa”, 80

Joyce Pina

■ Património

Castelos de Terra, 90

Maria João Belchior

■ Arte

Sons em crescendo, 102

Isabel Castro



CAPA



Costuma dizer-se que Macau é um ponto de encontro de culturas. Basta ver as placas com os nomes das ruas escritos em duas línguas. Muitos falantes de português não sabem chinês; e muitos mais falantes de chinês não sabem português. Mesmo assim, tudo funciona, numa região com duas línguas oficiais. Este pequeno milagre deve-se ao trabalho discreto mas omnipresente de tradutores e intérpretes.

SOLIDARIEDADE COM SICHUAN



Macau não ficou indiferente à tragédia de Sichuan. Centenas de médicos e enfermeiros da RAEM desde logo se disponibilizaram para a ajuda na reconstrução após o terramoto de

Maior passado e alguns deles transmitiram à revista **MACAU** o testemunho do que viram e sentiram ao se deslocarem à região afectada.

QUE SEGREDOS NAS CASAS HAKKA?



Imagine casas circulares, isto é, sem esquinas, com poucas e pequenas janelas e com paredes que chegam a atingir o metro e meio de espessura. São construções especiais, certamente, e por isso passaram a integrar, este ano, a lista de património cultural da UNESCO. As casas do povo Hakka podem ser encontradas na província chinesa de Fujian.

FESTIVAL INTERNACIONAL DE MÚSICA



Outubro é, por tradição, o mês do Festival Internacional de Música de Macau. Tendo como palco não só os dois auditórios do Centro Cultural de Macau, mas também igrejas e outros pontos culturais da cidade, o FIMM leva à população de Macau e aos turistas a oportunidade do encontro com diversas vertentes da música erudita.

SECÇÕES

■ NOTICIÁRIO, 56-57 e 88-89

■ CARTAZ, 116

■ RETRATO, 124

Macau 2007

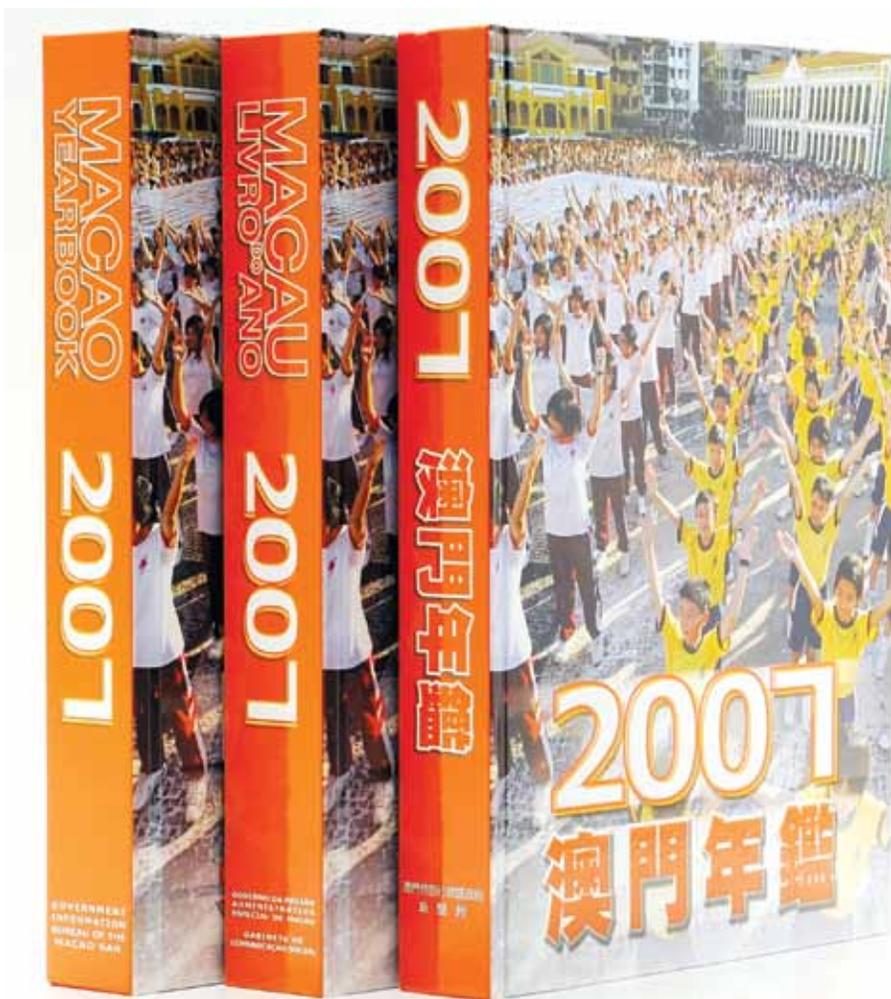
Livro do Ano

MACAU 2007

Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistematizada o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial.

MACAU 2007

Livro do Ano, meio essencial para todos quantos desejam estudar e compreender melhor a realidade da RAEM, publica-se nas versões chinesa, portuguesa e inglesa ao preço de capa de 120 patacas.

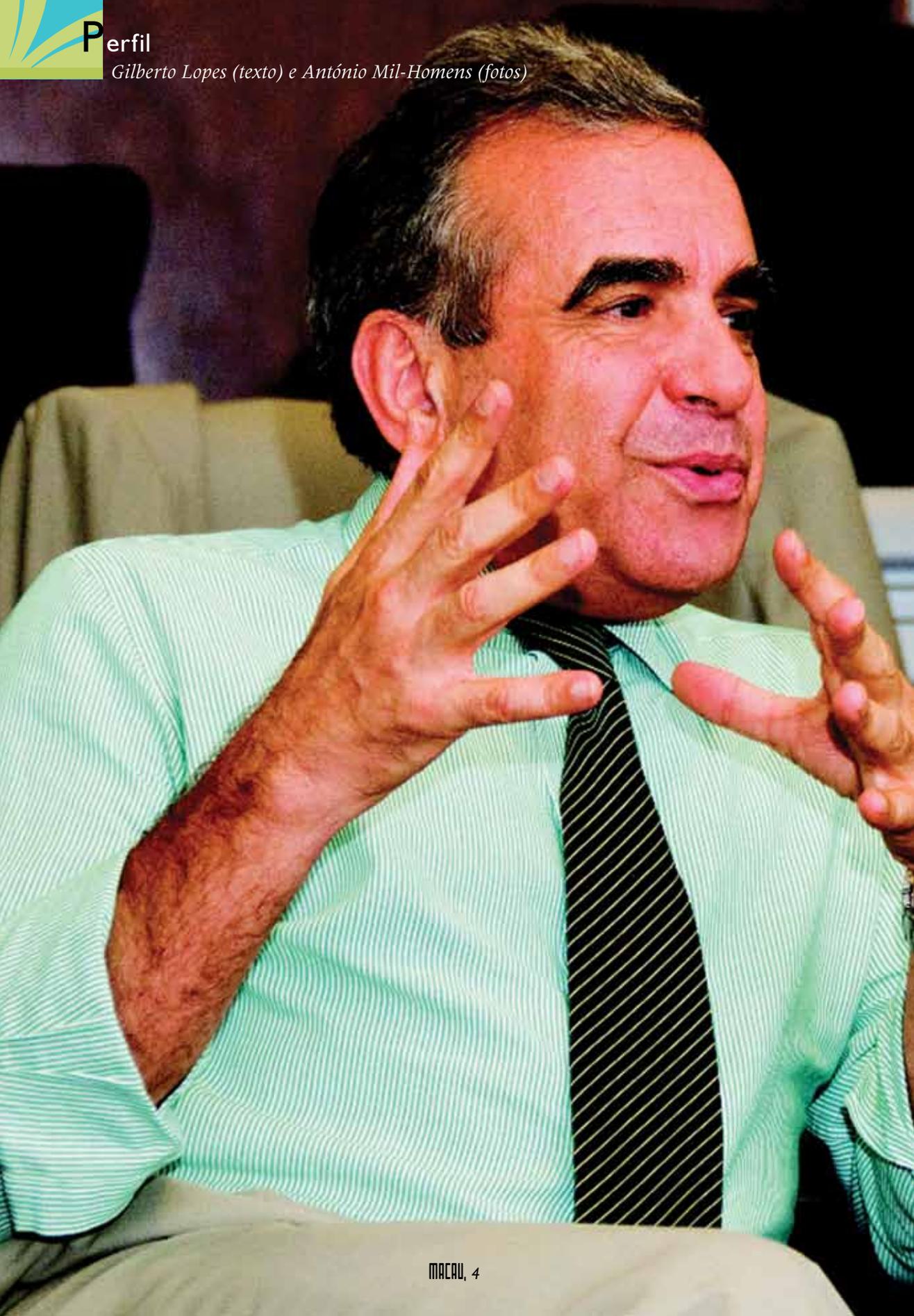


As edições em língua chinesa, portuguesa e inglesa podem ser adquiridas em Macau nos seguintes locais: Plaza Cultural, Livraria Seng Kwong, Livraria Portuguesa, Livraria Wan Tat, Elite Bookstore, Livraria Uma, Livraria Universal e, ainda, na loja da Divisão de Filatelia (Sede) e estações dos serviços de correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo, do Aeroporto e da Urbanização Nova Taipa, na Imprensa Oficial (Sede) e Loja da Imprensa Oficial sita na Rua do Campo Edifício Administração Pública; e em Hong Kong na Commercial Press (HK) LTD e Cosmos Books LTD.



Perfil

Gilberto Lopes (texto) e António Mil-Homens (fotos)



O diplomata da transição

Macau, Timor-Leste e Bósnia. Três percursos de Pedro Moitinho de Almeida, o diplomata da transição, que agora vai para o Canadá

De depois de oito anos de permanência na RAEM, Pedro Moitinho de Almeida prepara-se para a estreia diplomática no continente americano. A partir de Outubro vai ser o embaixador de Portugal no Canadá.

Na primeira passagem por Macau, na fase final da administração portuguesa, quando integrou o Grupo de Ligação Conjunto, ajudou a moldar o modelo que tem estado a ser concretizado na região administrativa especial. Nos últimos cinco anos e meio, como cônsul-geral de Portugal, acompanhou o desenvolvimento de Macau.

Alfacinha de gema, nasceu há 57 anos em S. Sebastião da Pedreira, filho de um engenheiro de minas, de 92 anos de idade, especialista em pratos portugueses (com livros publicados). Teve uma infância feliz, na companhia dos seus seis irmãos, "foram anos sem dificuldades e problemas, mas sem luxo".



Grupo Desportivo de Direito: Moitinho de Almeida, quarto em cima à esquerda e Pedro Leal, em baixo segundo à direita

Râguebi: escola de carácter

Aos 15-16 anos começou a jogar râguebi, a modalidade da sua paixão. É, de resto, presença assídua no grande torneio da variante de sete, o Hong Kong Sevens, “a melhor e mais carismática prova do mundo, pela qualidade das partidas e pelo ambiente que durante o fim-de-semana contagia Hong Kong. O entusiasmo com que a população vive o campeonato não tem qualquer comparação com outra parte do mundo. É um autêntico carnaval”.

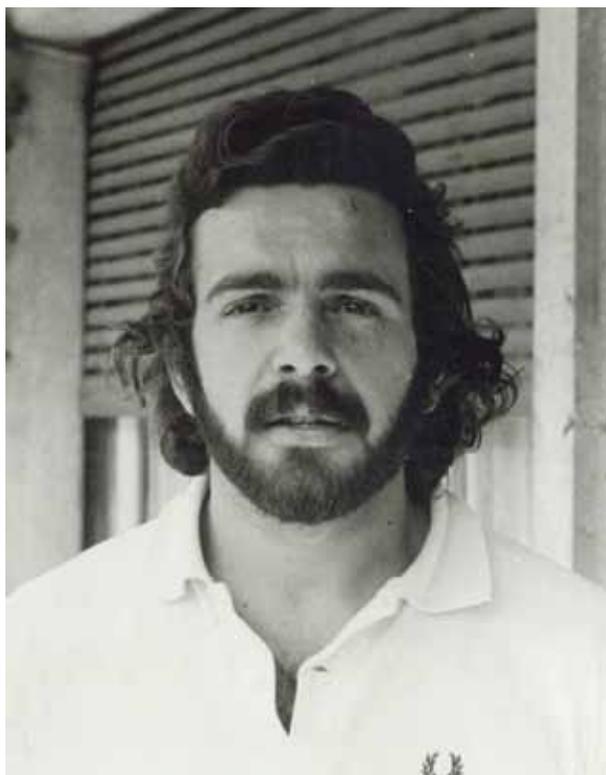
Em Macau veio reencontrar o advogado Pedro Leal, com quem jogou durante vários anos e também Oliveira Paulo, quadro da Companhia de Electricidade de Macau, e João Costa Antunes, director dos Serviços de Turismo, também eles antigos praticantes.

“É um desporto duro e se as pessoas não forem leais na maneira como actuam pode tornar-se perigoso”, reconhece, mas afasta a ideia de que se trata de uma modalidade disputada por rufias. “Não quero ser

elitista mas os jogadores são tratados por senhores, dado que há grande correcção e desportivismo no râguebi, que é, de facto, uma escola de carácter”, nota. “Tenho recordações magníficas desse tempo, sobretudo de jogar no sul de França, onde havia boa comida e boa bebida. Em grupo há de vez em quando alguns excessos, mas cenas de violência são raras”, garante.

O antigo praticante (foi internacional júnior e envergou uma vez a camisola da selecção principal) destaca a importância da terceira parte dos desafios. “A cerveja, com ou sem gasosa, a seguir aos jogos, fortalece os laços de amizade entre colegas e adversários. Criam-se amizades que permanecem durante toda a vida e uma série de ligações que mais tarde são úteis em termos profissionais”, sublinha o adepto do Sporting, que também tem uma paixão pelo futebol.

Licenciado em economia, Pedro Moitinho de Almeida terminou o curso pouco tempo depois da Revolução dos Cravos. “Em 1974 andava à procura de emprego



quando vi num jornal um anúncio para o Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE). Pensei que podia ser uma coisa interessante e não estou nada arrependido”, lembra hoje passados mais de 30 anos. Seixas da Costa (actual embaixador de Portugal no Brasil), Fernando Neves (secretário-geral do MNE) e Álvaro Mendonça e Moura (representante permanente de Portugal junto da União Europeia) entraram também nessa altura para o MNE.

O primeiro posto diplomático fora de Portugal, entre 1979 e 1984, foi em Atenas. “Uma excelente experiência, num país lindo. Estava ainda solteiro e foi a primeira vez que me afastei da família”, conta.

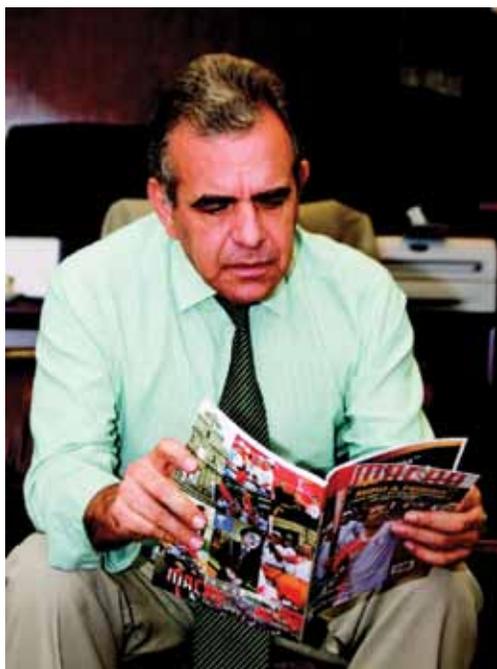
Cabo Verde: o seu segundo país

Em 1984 parte para Cabo Verde, que considera ser o seu segundo país, já que foi na Praia que conheceu uma bonita cabo-verdiana, com quem veio a casar. “Além dos laços familiares (tem duas filhas) tenho

muitos amigos em Cabo Verde. Quando vou lá sou recebido como se tivesse saído ontem”, realça com grande emoção.

“Quando cheguei à Praia, para desempenhar as funções de secretário da embaixada, havia apenas um partido. Foi muito marcante ter assistido à transformação do PAICV (Partido Africano para a Independência de Cabo Verde) e à consolidação da democracia no país. Uma situação que está a ter enormes repercussões no desenvolvimento do país que, infelizmente, não é muito vulgar em África, onde há muitas nações em que a agitação política prejudica o crescimento”, acrescenta.

Quatro anos volvidos regressa ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, em Lisboa, onde desempenha vários postos. Em 1992 participa na primeira presidência portuguesa da União Europeia, era Durão Barroso secretário de Estado. Recorda que nesse período Angola e África do Sul atravessavam momentos importantes da sua história recente e destaca as deslocções à Somália, “período particularmente



interessante da minha carreira, pelo que foi possível fazer em prol da população”.

Em 1993 parte para Barcelona, “onde o sul do norte da Europa se cruza com o norte do sul da Europa”. Para Pedro Moitinho de Almeida, “uma cidade magnífica e vibrante, com enorme actividade cultural. Tem a qualidade de vida do norte da Europa e a intensidade das cidades espanholas. Nessa altura estava em franco desenvolvimento urbanístico, provocado pela realização dos Jogos Olímpicos de 1992”.

No Futebol Clube Barcelona jogavam Figo, Vítor Baía e Fernando Couto e José Mourinho integrava a equipa técnica. “Tive muita interacção com Luís Figo. Tenho muito apreço por ele como pessoa e homem e também pela esposa”, frisa.

De Barcelona para Macau

Em 1997 é colocado em Macau: número dois do Grupo de Ligação Conjunto, o órgão de consulta entre Portugal e a China para tratar do período de transição (1987-1999) e líder do Grupo de Terras.

“Pela relevância e intensidade do trabalho foi uma fase muito significativa da minha carreira”, recorda, revelando que até ao fim da transição (Dezembro de 1999) co-



nheceu pouco Macau. “O trabalho era tão intenso, de manhã à noite, que não havia tempo para nada”, lembra.

“Tenho enorme satisfação em ter dado o meu contributo para que o processo decorresse bem e por ter ajudado Portugal a cumprir as suas obrigações”, diz, adiantando que era certo que a China “tencionava respeitar os seus compromissos”.

Quando iniciou funções tinha sido rubricado um dos mais complexos “dossiers” das negociações: o acordo da Fundação Oriente. Pedro Moitinho de Almeida destaca, contudo, o trabalho desenvolvido no



“Nas negociações da transição só não foi feito o que não foi possível. Se algumas matérias não foram regulamentadas foi porque não houve tempo ou margem de manobra para chegar a consenso”

âmbito das localização dos quadros, das leis e da língua. “Foi feito um trabalho notável de adaptação, para o qual era preciso obter o apoio da parte chinesa. O espírito do sistema português ficou a vigorar em Macau, o que para os negociadores portugueses era fundamental”, nota, admitindo que a legislação tem que ser adaptada às circunstâncias e, por isso, “é natural que se façam correcções pontuais”.

A localização dos quadros (nomeação de funcionários locais para os cargos superiores da administração) não foi tarefa fácil. “Era necessário lidar com pessoas,

o que é sempre muito complexo. Nalguns casos foi bem sucedida, noutros nem por isso. O mal foi não ter começado mais cedo. Dentro dos condicionalismo fez-se um bom trabalho”, admite.

Quase nove anos depois da transferência de administração, o diplomata realça que o português continua a ser língua oficial. “Durante as negociações chegaram a existir algumas interrogações, mas nunca tive dúvidas que a China tinha interesse nisso e um objectivo claro: Macau podia ser útil a Pequim no futuro”, sustenta, numa referência clara à criação do Fórum para a



Com os dirigentes da Associação dos Aposentados e Reformados de Macau (APOMAC)

Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. Recorde-se que o acordo (regulamentação das línguas) estabelecido no Grupo de Ligação Conjunto “é mais favorável” do que a Declaração Conjunta no que se refere ao português como uma das línguas oficiais da Região Administrativa Especial de Macau.

A Declaração Conjunta não dizia que o português era língua oficial depois de 1999, mas a Lei Básica da RAEM estipula que “além da língua chinesa, pode usar-se também a língua portuguesa nos órgãos executivo, legislativo e judiciais da Região Administrativa Especial de Macau, sendo também o português língua oficial”.

Depois da Lei Básica garantir que o português era língua oficial foi necessário regulamentar a questão das línguas. Um trabalho árduo no GLC, que só na fase final foi concluída, “com satisfação para ambas as partes”.

Negociadores chineses bem preparados

Como é que Pedro Moitinho de Almeida classifica a experiência no GLC? Sem hesitação, a resposta é clara: “os negociadores chineses estavam extraordinaria-



Com o secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, António Braga, e o advogado e escritor Henrique Senna Fernandes

mente bem preparados, falavam quase todos português, tendo um grande conhecimento da nossa língua. O que nas reuniões dava mais tempo para preparar as respostas. Tinham os minutos da tradução para estudar o que iam dizer a seguir. Muitos estavam no processo desde as negociações da Declaração Conjunta (documento assinado em Abril de 1987 por Portugal e a China que determinou a transferência de administração de Macau em Dezembro de 1999) e, por isso, tinham grande conhecimento dos documentos e dossiers”.



No jantar comemorativo dos 100 anos do Benfica

Confessa que não se recorda de nenhuma crise no período das negociações e classifica como muito positiva a actuação dos diplomatas portugueses e chineses que trabalharam no período de transição. “Só não foi feito o que não foi possível. Se algumas matérias não foram regulamentadas foi porque não houve tempo ou margem de manobra para chegar a consenso”, sustenta.

Quando a 20 de Dezembro entrou no avião de regresso a Lisboa não pensava voltar, de novo, a Macau. É, de resto, pouco usual isso suceder na carreira de um diplomata. Mas em 2005 o então ministro português dos Negócios Estrangeiros, Martins da Cruz, decidiu que Pedro Moitinho de Almeida substituisse Carlos Frota no cargo de cônsul-geral de Portugal na RAEM.

“O conhecimento que tinha de Macau foi fundamental para desempenhar as novas funções. Reconheço que nessa altura estava à espera que me fosse entregue a chefia de uma embaixada, mas não estou nada arrependido, já que tive a oportunidade de assistir a uma transformação assombrosa de Macau”, considera a poucas semanas de partir para Otava (Canadá). O diplomata português diz ter a obrigação

de ser um espectador atento, classificando como normal algumas referências menos positivas que tem feito a um ou outro aspecto da vida de Macau, como sucedeu com a questão do património e urbanismo. “Faz parte das minhas obrigações chamar a atenção para aquilo que me parece estar menos bem. As autoridades locais, nomeadamente o Chefe do Executivo, estimulam a crítica positiva. Nessa linha de raciocínio falei das construções desenfreadas e na necessidade de ter maior cuidado com a preservação do património”, recorda.

Comunidade portuguesa “tem que se afirmar”

Quanto à comunidade portuguesa faz um balanço positivo. “A macaense está a regressar para se reintegrar e tem um papel a desempenhar. Os chamados expatriados sentem-se bem e nos últimos anos muitos jovens quadros vieram para Macau e estão a desenvolver várias iniciativas, demonstrando grande interesse em participar na construção da nova RAEM”, reconhece Pedro Moitinho de Almeida, que defende, uma vez mais, a necessidade de os portu-

gueses se consolidarem na RAEM. “Têm que criar mecanismos de afirmação, de modo a ser mais acarinhados pelas autoridades locais, que têm demonstrado sempre grande apreço pelos portugueses”.

O futuro embaixador de Portugal no Canadá reconhece que o Executivo liderado por Edmund Ho tem tido grande consideração por Portugal e o seu representante. “Posso dizer que se não fui estragado com mimos, foi quase isso que aconteceu...”.

Relativamente ao “dossier” Escola Portuguesa, o cônsul-geral admite que gostaria de ter o processo encerrado, mas reafirma que Portugal tem apenas um objectivo: “a transferência tem que ser melhor para alunos, professores e pais”. O estabelecimento de ensino “é uma boa escola, com bons resultados e, portanto, só se muda para dar melhores condições à comunidade escolar”.

Depois da transição de Macau, Pedro Moitinho de Almeida acampanhou de perto o nascimento da mais jovem nação lusófona. “Foi muito gratificante assistir a todos os momentos que levaram à criação de Timor-Leste como país independente. Vivemos momentos de tensão e de grande emoção. Vinte e tal anos depois as pessoas recebiam com grande fervor os portugueses”, lembra. Portugal inteiro “apoiava também o que estava a ser feito, o que ajudava a ultrapassar algumas dificuldades. Durante meses vivi, por exemplo, numa casa com mais dez pessoas”.

O charme de Sérgio Vieira de Melo

“Sem o charme e o contacto pessoal que tinha com os dirigentes timorenses o processo tinha sido mais difícil”, frisa quando se refere a Sérgio Vieira de Melo, o representante do secretário-geral das Nações Unidas que teve um papel preponderante na independência de Timor-Leste, que acabaria mais tarde por perder a vida no Iraque.

No percurso profissional de Pedro Moitinho de Almeida está também uma passagem de cinco meses pela Bósnia. “Vivi momentos difíceis e de elevada tensão, dado



“Os portugueses têm que criar mecanismos de afirmação, de modo a ser mais acarinhados pelas autoridades locais”, defende Pedro Moitinho de Almeida

que a situação era muito complexa. No Kosovo, por exemplo, só na missão mista da União Europeia os albaneses e os sérvios podiam comer em conjunto”, recorda.

Em Outubro, Pedro Moitinho de Almeida deixa, definitivamente, Macau e vai dirigir pela primeira vez na carreira uma embaixada portuguesa. Em jeito de despedida deixa uma mensagem aos residentes de Macau: “Gostaria de aproveitar esta ocasião para me despedir - não definitivamente pois tenciono regressar com a regularidade que as minhas novas funções me permitam, para rever os amigos e testemunhar a continuação deste notável progresso económico por que atravessa esta terra - e, em especial, para agradecer a toda a população da RAEM, e aos seus dirigentes, todas as amabilidades que para mim tiveram ao longo destes mais de cinco anos e meio. Este apoio e o calor do acolhimento foram fundamentais para tornar a minha estadia memorável e para me permitir dizer que levo Macau no coração”. ■

簽署儀式
2007/03/09

同一个世界 同一个梦想
One World, One Dream

Beijing 2008

澳門與奧運同行
Macau Apoia os Jogos Olímpicos

齊運動 迎奧運

Juntos praticamos Desporto, Acolhemos os Jogos Olímpicos



體育

澳門特別行政區政府
體育發展局

Instituto do Desporto

Macau Sport Development Board

www.sport.gov.mo



Olímpicos 2008

Gilberto Lopes, em Pequim

Os melhores de sempre

Espectáculo inesquecível, na abertura e no encerramento. Muitos recordes e marcas do “outro mundo”, que vão ficar para a história dos Jogos Olímpicos. Os de Pequim foram já considerados os melhores de sempre



Pequim organizou com enorme sucesso os Jogos Olímpicos. Durante 17 dias, a China transmitiu ao Mundo a imagem de um país moderno e desenvolvido, que já é uma das grandes potências do século XXI. No final das provas era unânime o comentário de jornalistas, atletas, técnicos e dirigentes: foi a melhor edição de sempre dos Jogos Olímpicos. O presidente do Comitê Olímpico Internacional,

Jacques Rogge, sintetizou bem o que se passou na capital chinesa: “Com estes Jogos o Mundo conheceu melhor a China e a China conheceu melhor o Mundo”.

Em termos desportivos, Pequim 2008 vai ficar ligado aos recordes de Michael Phelps e de Usain Bolt. O nadador americano ganhou oito medalhas e bateu sete recordes do Mundo, ultrapassando a mítica marca obtida pelo seu

compatriota, Mark Spitz, em Munique 72 (sete medalhas e outros tantos recordes do Mundo). Phelps, que já se sagrou 14 vezes campeão olímpico (seis em Atenas), prepara-se agora para bater a marca da ginasta ucraniana Larissa Latynina, que em várias edições dos Jogos Olímpicos ganhou 18 medalhas (nove de ouro, cinco de prata, quatro de bronze). Em Londres tentará ser o atleta mais medalhado



Nélson Évora, Wei Yang e César Cielo novos campeões olímpicos e Michael Phelps a nova vedeta do desporto

de sempre (às 14 de ouro, soma duas de bronze em Atenas 2004).

O jamaicano Usain Bolt foi outra das grandes vedetas de Pequim 2008. Três medalhas de ouro, o que já não acontecia desde Carl Lewis em Los Angeles 1984 e três recordes mundiais, um dos quais de “outro mundo” (200 metros). O antigo recordista, Michael Johnson, já apelidou Usain Bolt de “Super Homem II”.

Da selecção chinesa, que garantiu 51 medalhas de ouro, num total de 100, destaque para o ginasta Wei Yang, que arrebatou também três medalhas. O mesmo sucedeu com a nadadora australiana Stephanie Rice.

A americana Nastia Liukin, que nasceu na Rússia em 1989, deixou Pequim com quatro medalhas (uma de ouro, três de prata e uma de bronze). O etíope Kenenisa Bekele, ganhou os 5000 e 10000 metros com recordes olímpicos e Elena Isinbayeva, fã de Cristiano

Ronaldo, bateu pela 24ª vez o recorde mundial. “Gosto de me sentir sozinha em prova e quero que seja assim durante muitos anos. Sentia muita tensão no público nos momentos dos meus saltos e, também por isso, adorei ter batido o meu recorde (5,05 metros). Para já ninguém me pode bater”, comentou no final, admitindo que pode chegar “aos 5,15 ou 5,20 metros dentro de quatro anos”.

A americana Natalie Coughlin, seis medalhas, uma de ouro, promete regressar em Londres. Em Atenas conquistou cinco medalhas. Já há quem lhe chame o *Phelps de saia*.

Os Estados Unidos que conquistaram menos 15 medalhas de ouro que a China, regressaram a casa com 110 medalhas, número nunca antes alcançado.

A Rússia, longe dos tempos da antiga União Soviética, obteve menos 20 medalhas do que em Atenas 2004. Em sinal oposto, a Grã-Bretanha, que vai organizar os próximos Jogos Olímpicos,

ganhou mais 17 medalhas. Portugal ficou longe dos objectivos traçados, mas conquistou uma medalha de ouro (Nelson Évora, triplo salto) e uma de prata (Vanessa Fernandes, no triatlo), o que nunca tinha sucedido.

15 medalhas para o Brasil

O Brasil, que sonha com a organização dos Jogos Olímpicos em 2016, foi o país lusófono com melhores resultados. Os atletas brasileiros alcançaram 15 medalhas (três de ouro, quatro de prata e oito de bronze), igualando o que tinham feito em Atlanta 96. Em Atenas ganharam 10 medalhas, cinco títulos olímpicos e duas de prata e três de bronze.

O nadador César Cielo, que estagiou em Macau a caminho de Pequim, garantiu duas medalhas, uma de bronze e outra de ouro, tornando-se o primeiro nadador brasileiro a ganhar uma prova olímpica. “Não



tem sensação mais fantástica que olhar o número 1 na frente do seu nome no ecrã gigante duma competição como esta. Estou no melhor momento da minha vida. Agora sou campeão olímpico, um sonho que tinha desde criança”, disse o brasileiro, que também tem excelente aproveitamento académico na Universidade de Auburn, no Alabama, Estados Unidos.

Duas duplas masculinas, no voleibol de praia, levaram para casa as medalhas de prata e de bronze e na vela o Brasil conquistou a primeira medalha na classe 470 feminina. A selecção feminina de voleibol arrebatou, pela primeira vez, a medalha de ouro e o conjunto masculino não conseguiu vencer na final os Estados Unidos. Destaque também para o judo com três medalhas de bronze.

No atletismo, realce para Maurren Higa Maggi que ganhou o salto em comprimento. “Com a Naide Gomes a briga ia ser dura, mas eu ganhava”, disse no final.

O futebol voltou a falhar o ouro, garantindo apenas o bronze, enquanto as “canarinhas” repetiram o desaire na final com os Estados Unidos.

Ainda não foi em Pequim que Angola conquistou a primeira medalha olímpica. João N’tyamba não terminou a maratona, as equipas de basquetebol masculino e andebol feminino classificaram-se na 12ª posição, a dupla de voleibol de praia foi 19ª e as duas nadadoras angolanas não passaram das eliminatórias.

A moçambicana Maria Mutola não conseguiu nenhuma medalha, mas obteve um excelente quinto lugar nos 800 metros. Depois do ouro em Sydney e de bronze em Atlanta, a tri-campeã mundial dos 800 metros despediu-se em beleza dos Jogos Olímpicos.

Os restantes países lusófonos marcaram presença em Pequim com poucos atletas, com o objectivo de ganhar experiência, como sucedeu com Cabo Verde. “Ganhar mais cultura,

mais experiência e maior nível de competição” foi muito importante para os nossos atletas: Nelson Cruz (maratona) e Wania Monteiro (ginástica)”, reconheceu o presidente do Comité Olímpico de Cabo Verde, Franklin Palma.

S.Tomé e Príncipe levou a Pequim três atletas, Alcino Vaz (canoagem), Nael de Almeida e Celma Graça (atletismo), a Guiné-Bissau também participou com três atletas: Holder da Silva e Domingas Togna (atletismo) e Augusto Midana (luta greco-romana) e Timor-Leste levou aos Jogos Olímpicos dois maratonistas (Mariana Dias Ximenes e António Ramos).

De Naide Gomes a Liu Xiang

São dois nomes grandes do desporto chinês e português, mas não brilharam em Pequim 2008. Liu Xiang, campeão olímpico e mundial dos 110 metros barreiras, desistiu por lesão, nas eliminatórias. Nai-

de Gomes, campeã mundial em pista coberta, não conseguiu o apuramento para a final.

Os noventa mil chineses que estavam no Estádio Olímpico e os milhões que acompanhavam pela televisão não queriam acreditar no que estava a suceder. A principal figura do desporto da China regressava aos balneários do Ninho de Pássaro agarrado à perna e exibindo grande sofrimento no rosto. Poucos minutos depois, o treinador Sun Haiping, perante as câmaras de televisão, chorava e mal conseguia explicar que não tinha sido possível superar a lesão no tendão de aquiles. Foi o pior

momento para a delegação chinesa, que tantos êxitos teve, mas também alguns falhanços, como o de Liu Xiang ou de Du Li, que era a grande candidata no tiro e saiu da competição a chorar: “a culpa da minha desgraça foi desta terrível pressão de ter de competir em casa e ganhar em casa”. Foi apenas quinta classificada.

A milhares de quilómetros a esperança em Naide Gomes era também enorme. Mas a antiga campeã europeia de pista coberta não se adaptou à velocidade da pista do Estádio Olímpico (preparada para a obtenção de grandes marcas) e não conseguiu saltar para se apurar para a final. Depois

de dois saltos nulos, o terceiro deixou-a longe da marca que a podia levar ao ouro.

Mas não foram apenas a China e Portugal que tiveram grandes falhanços nos Jogos Olímpicos.

A brasileira Fabiana Murer, candidata a uma medalha no salto à vara, não foi além do 10º lugar, depois da organização ter trocado as suas varas, o que deixou a atleta bastante nervosa.

O espanhol Francisco Javier Gomez, a *Vanessa Fernandes* do triatlo masculino, não foi além do quarto lugar e as estafetas americanas dos 4x100 metros falharam a transmissão do testemunho nas meias-finais, o que as afastou da luta pelas medalhas. O vencedor da Volta a

Números dos Jogos

Foram gastos 2950 mil milhões de patacas (380 mil milhões de dólares norte-americanos) na preparação dos Jogos. O Estádio Olímpico foi o investimento mais caro - 2945 milhões de patacas (377 milhões de dólares norte-americanos) -, seguido do Cubo de Água - 1150 milhões de patacas (147 mil milhões de dólares norte-americanos)

Vinte mil jornalistas acreditados, 100 mil voluntários e 11 mil atletas em representação de 204 países ou territórios

Quatro mil milhões de pessoas viram pela televisão a cerimónia de abertura

Segundo o COI, cinco em cada seis pessoas no Mundo inteiro assistiram pelo menos a uma imagem dos Jogos Olímpicos. O que representa que o evento teve 5000 milhões de audiência, mais 800 milhões do que em Atenas-2004.

Quarenta milhões de americanos viram a final que deu a oitava medalha a Michael Phelps

Estação chinesa mandou instalar 100 mil receptores em espaços públicos. 50 mil autocarros, em 30 cidades chinesas, transmitiram, ininterruptamente, as provas olímpicas

A nadadora Antoinette Guedia Mouafo, dos Camarões, foi a mais nova atleta: 12 anos e 10 meses

Afganistão conquistou a sua primeira medalha (bronze). O herói é Rohullal Nikpai, que na categoria de -58 quilos, em *taekwondo*, derrotou o campeão mundial, o espanhol Juan António Ramos.

França, Carlos Sastre, ficou atrás do português Nuno Ribeiro, que foi 27º na prova de estrada, que ligou a célebre Praça Tiananmem à não menos famosa Muralha da China.

Roger Federer, então número um mundial do tênis, contentou-se apenas com a medalha de ouro em pares, já que em singulares foi eliminado nos quartos-de-final pelo americano James Blake.

Vencer a leucemia

Depois de oito medalhas em Pequim, Michael Phelps garante que “gostaria de encontrar aquela professora que, quando eu era pequenino, chamou a minha mãe a uma reunião e lhe disse que eu nunca seria ninguém na vida”.

O nadador de Baltimore advertiu que provou na capital chinesa que “para mim não há nada impossível” e assegurou que “é mais fácil ganhar oito medalhas do que aprender mandarim. É a coisa mais difícil que tentei fazer na minha vida”. Para os próximos meses um desejo: conhecer o antigo basquetebolista Michael Jordan e o número um do golfe, Tiger Woods.

Mas nos Jogos Olímpicos há grandes histórias, que não se circunscrevem apenas à conquista de medalhas, como é o caso de Maartenu Weijden. O holandês que ganhou os 10 quilómetros de águas abertas quer vencer a leucemia, que lhe foi detectada há vários anos.

Maartenu Weijden, que tem como ídolo o campeão Lance Armstrong (ganhou sete vezes a Volta à França e também ultrapassou um grave problema de saúde), espera agora conquistar um título mais importante para a sua vida: a medalha de ouro da saúde.

Natalie du Toit foi a primeira atleta a classificar-se para as provas olímpicas e paraolímpicas. A sul-africana competiu nos 10 quilómetros de águas abertas. Um acidente de mota, aos 17 anos, não lhe tirou a vontade de competir. “A tragédia da vida não é falhar as metas a que te propões, é não ter metas para alcançar”, diz com um sorriso nos lábios. “Sempre sonhei participar nos Jogos Olímpicos e o facto de ter perdido a perna esquerda nunca me fez desistir desse sonho”, acrescentou Natalie du Toit.

A porta-estandarte da Polónia também participou nos Olímpicos e nos Paraolímpicos. Com 19 anos, Natalia Partyka nasceu com uma deficiência no braço direito, mas isso não a impediu de se dedicar ao ténis-de-mesa.

Medalha aos 41 anos

A americana Dara Torres, que começou a competir em Los Angeles, aos 17 anos, ganhou três medalhas em Pequim. Com 41 anos, a antiga repórter da cadeia televisiva ESPN, já ganhou 12 medalhas. Vive em Parkland, perto de Coral Springs. Toda a alimentação é integral, faz

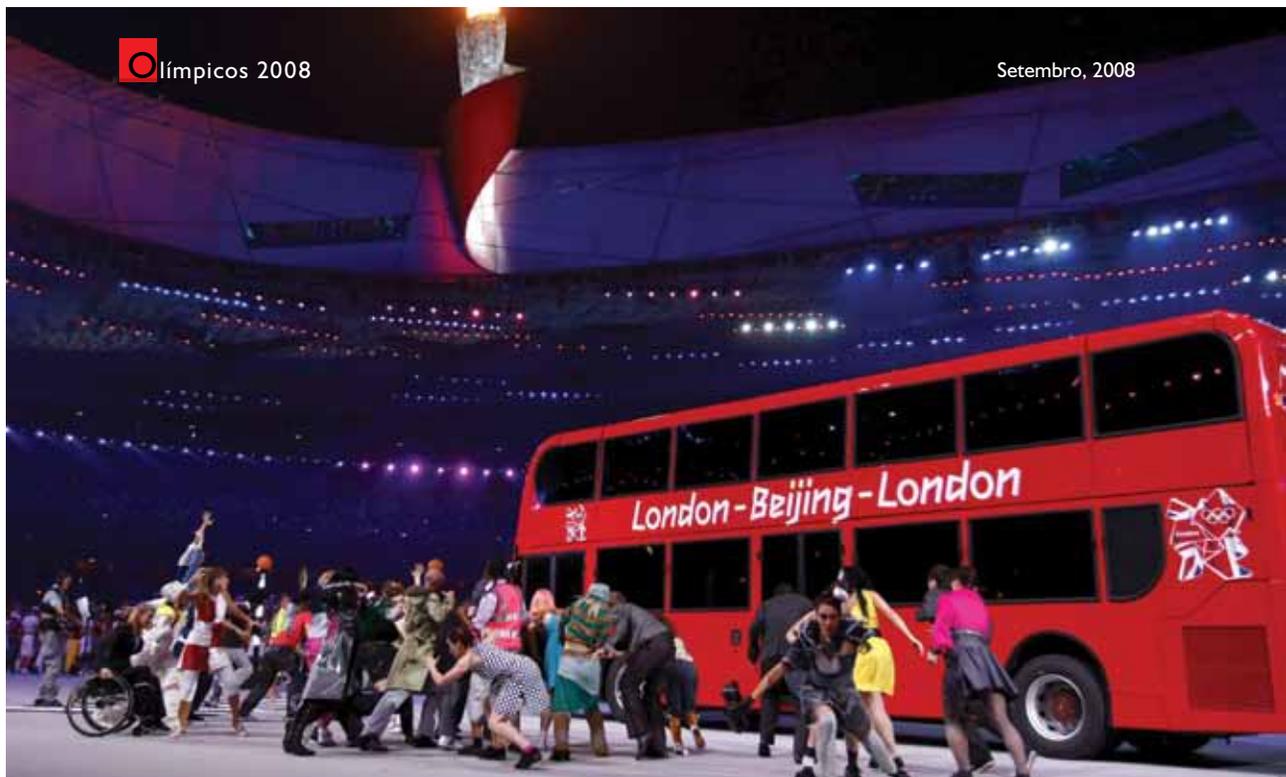
ioga, pilates e musculação. Tem a trabalhar só para si em *full-time* dois fisioterapeutas, dois massagistas, treinador de força fora de água, treinador de velocidade, nutricionista e educadora de infância para cuidar da filha.

Bolt “não é humano”

O que Usain Bolt fez em Pequim surpreendeu todo o Mundo, incluindo antigos campeões como Michael Johnson. “Junta velocidade incrível a passada larga. Essa combinação é fatal”, disse o agora comentador de televisão e antigo recordista do mundo.

Usain Bolt, 22 anos, 1,96 metros, 86 quilos, que na Jamaica treina numa pista de relva e não no tartan, é um atleta do século XXII. “Usain não é humano. É desmoralizante correr com Bolt”, disse Kim Collins, sexto classificado nos 200 metros.

O pai de Usain Bolt diz que tudo se deve “à maldiça jamaicana!”. O brasileiro Sandro Viana, eliminado nos quartos-de-final dos 200 metros, vai mais longe: “Bolt está três níveis à frente de toda a gente, o que é bem estranho. A biomecânica mostra que, para correr os 100 metros, um atleta, mesmo de ponta, precisa de mais de 45 passos. Ele deu 39. Seja o que for, não o saberemos em Pequim. Foram precisos oito anos para a Marion Jones ser desmascarada...”



Londres promete fazer melhor

Depois do tenor espanhol, Plácido Domingo, e de Song Zuyin, uma das mais famosas cantoras chinesas da actualidade, terem interpretado *A chama do amor*, Londres teve, na cerimónia de encerramento, uma entrada de rompan-te no Estádio Olímpico. O autocarro vermelho na pista, com a inscrição *London-Beijing-London* ar-rancou enormes aplausos quando começou a actua-ção do guitarrista dos Led Zeppelin, Jimmy Page, e da cantora inglesa Leona Lewis. Mas a maior ova-ção foi para o futebolista David Beckham, que não perdeu a oportuni-dade de horas antes do encer-ramento ver o seu ami-go Kobe Bryant ganhar o ouro no basquetebol. “Vimos o que os chineses

fizeram e tenho a certeza de que seremos melhores. Sem dúvida”, disse o jogador, que é embaixador dos Jogos 2012. “Sou um rapaz do leste de Londres, estou muito feliz de participar neste momento”, acrescentou a antiga vedeta do Manchester United e Real Madrid.

Kobe Bryant não vai mudar de nome

“Eu sei, nós sabemos, que se quisermos continuar a ser americanos só temos um chance: ganhar o ouro. Se isso não acontecer, eu vou virar italiano, vou ser... Kobe Giovanni!”. A frase é da estrela americana Kobe Bryant e foi dita na conferência de imprensa de apresentação da equipa de basquetebol dos EUA, realizada no centro de imprensa a 6 de Agosto. A 24 de Agosto, último dia

dos Jogos Olímpicos, os espanhóis, nomeadamente o seu colega de equipa nos Los Angeles Lakers, Pau Gasol, quase obrigaram Bryant a mudar de nome. Na fase final de um desafio épico, foi “obrigado” a demonstrar todo o seu valor e com dois triplos garantiu o triunfo. E assim sempre pode manter o nome...

Pontapé no árbitro...

Os Jogos Olímpicos devem caracterizar-se por enorme *fair-play*, mas há atletas que não conseguem suportar a pressão. Foi o que sucedeu ao campeão olímpico em Sydney, Angel Valodia Matos. Depois de ter sido declarada a sua derrota na luta pela medalha de bronze, na categoria de + 80 kg, no taekwondo, o cubano agrediu a pontapé o juiz sueco Chakir Chelbat, que ficou



a sangrar da boca.

A Federação Mundial de Taekwondo decidiu imediatamente banir o atleta e o seu treinador, Leudis Gonzalez, da modalidade. Tudo aconteceu no segundo assalto do combate, quando Angel Matos vencia por 3 a 2 e sentiu uma dor no pé direito. Caído no chão, o cubano tentava recuperar, quando finalmente se levantou o árbitro sueco declarou a vitória do lutador do Caçaquistão, alegando que a recuperação médica demorou mais do que é permitido. Uma decisão que irritou o cubano que se “atirou” ao árbitro. O treinador também não gostou da decisão do árbitro e gritou: “o combate estava comprado”.

...sem medalha

O sueco Ara Abrahamian foi expulso dos Jogos Olímpicos e teve de devolver a medalha de bronze conquistada na luta greco-romana (84kg). O sueco, prata em Atenas 2004, queria sagrar-se campeão olímpico, mas perdeu nas meias-finais com o italiano Andrea Minguzzi.

Um combate que, segundo Ara Abrahamian, foi mal arbitrado. Depois de receber a medalha de bronze, atirou-a para o chão e foi embora. “Não me importa esta medalha, eu queria o ouro”, disse.

A Comissão Disciplinar do Comité Olímpico Internacional não gostou da atitude do sueco e retirou-lhe a medalha. ■

Macau não participou nos Jogos Olímpicos de 2008, uma vez que o Comité Olímpico não faz ainda parte da família olímpica, mas esteve presente em Pequim com um grupo de voluntários. O Grupo de Danças e Cantares de Macau e alunos das escolas chinesas Kao Yip e Hou Kong participaram no espectáculo de pré-abertura dos Jogos Olímpicos.

Depois da competição, Macau recebeu a delegação dos campeões olímpicos chineses que visitou Hong Kong e a RAEM. Nos Jogos Paraolímpicos, a região administrativa especial participou com dois atletas. ■



Solidariedade

Marta Curto (texto) e António Mil-Homens (fotos)



Macau na reconstrução de Sichuan

A Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) tem contribuído para a reconstrução da província de Sichuan, que a 12 de Maio foi abalada por um sismo que matou mais de 90 mil pessoas. Além dos 100 milhões de patacas que já foram doados, o Chefe do Executivo definiu um plano de cinco anos para apoiar a reconstrução da província. Enquanto isso, centenas de médicos e enfermeiras têm-se oferecido para ajudar as vítimas da tragédia, sendo que, até agora, já foram enviados mais de cem profissionais de Macau a Sichuan. Alguns contam, na primeira pessoa, o que viveram e sentiram



Enfermeira Anne Tam. Nascida em Hong Kong. Trabalha na Clínica *Hope*, em Macau. Mulher de sorriso fácil e olhar transparente.

“Assim que soubemos do terramoto, falámos com médicos de uma Organização Não Governamental de Chengdu, que tínhamos conhecido num conferência médica, e perguntámos se poderíamos ajudar. No dia 18 de Maio estava lá a primeira equipa da Clínica *Hope*, onde eu me incluí. Ao todo, foram 16 pessoas, divididas em três equipas. A última equipa da clínica regressou no dia 10 de Junho.

Ofereci-me porque sempre sonhei em partir em missões deste tipo, ajudar quem mais precisa. Fui para Sichuan porque havia lá pessoas a precisam de ajuda.

Chegámos a Chengdu e achei que ia encontrar um cenário muito pior. Mas não. Havia pouca destruição na cidade. Só se sentia que os seus habitantes estavam muito assustados. Saíram da cidade em multi-



dões para se afastarem dos edifícios. À medida que nos íamos distanciando da capital da província, íamos vendo cada vez mais edifícios caídos, carros luxuosos destruídos. Chegámos a uma altura em que já nem se viam carros civis a circular. Só veículos de organizações de ajuda humanitária. Havia muitos campos de refugiados, muita gente na rua, nas estradas, gente a andar, a viajar.

Foi a primeira vez que eu chorei. Era tanta gente. Era tanto desespero, tanta destruição. Acabou por ser uma menina pequenina a consolar-me. Estava no campo, com os familiares, e disse-me para não chorar, que eles não estavam assim tão mal.

Esta menina não foi uma excepção. Não encontrei pessoas destruídas pelo desespero em Sichuan. Pelo contrário. Eles estavam po-



“Não encontrei pessoas destruídas pelo desespero em Sichuan. Pelo contrário. Elas estavam positivas quanto ao seu futuro e ao da província”

sitivos quanto ao seu futuro e ao da província. E não me parece que, por mais que tudo estivesse destruído, pensassem em sair dali. Sichuan é a sua casa.

O meu papel era ver que necessidades havia em cada local onde parávamos. Eu fazia as traduções e falava com as pessoas para entender que apoios tinham, o que precisavam. Lembrome de se juntarem multidões à nossa volta cada vez

que chegávamos. Havia muitos voluntários naquela zona, americanos, coreanos, mas, naquela altura, nós éramos a única equipa médica que por ali andava. Os maiores problemas que encontramos foram respiratórios, problemas de pele, fracturas e chagas. Algumas eram consequência do terramoto, outras acontecem quando há muita gente circunscrita a um mesmo espaço. Havia

ali pessoas que andaram cinco dias do topo da montanha até à vila para procurar ajuda. Não queriam sair dali, não tinham para onde ir.

Nós estacionámos numa zona rural, a três horas de Chengdu. Aí é que eu entendi bem os efeitos do terramoto nas pessoas. Elas pareciam positivas, felizes por terem apoio, mas por trás daquela aparência, havia muita tristeza.

Lembro-me de uma rapariga que estava num campo de refugiados. Era adolescente. Uma noite, ela estava a dormir quando começou a chorar e a gritar. A mãe tentava acordá-la, perguntar-lhe o que se passava, mas ela não respondia. Só continuava a gritar e a chorar.

O Governo foi muito rápido no apoio à população de Sichuan, e as pessoas não se sentiam sozinhas. Mas muitas ainda dormiam em locais provisórios, nem sabiam para onde iriam viver.

Eu voltei mais feliz, mais tranquila. Pode parecer estranho dizer isto quando se volta de uma missão destas, mas Sichuan ajudou-me a entender que é isto que eu quero fazer da vida. É exactamente isto.

Eugostavadelá voltar. Pessoalmente, tenho saudades das pessoas que lá deixei. Amigos”. Segundo dados estatísticos oficiais, a província de Sichuan é a nona economia chinesa, com uma taxa média de crescimento de 10,7 por cento, nos cinco anos que antecederam 2006. Com um território de 485.000 quilómetros quadrados, cerca de 5,2 vezes o tamanho de Portugal, a província tem uma população de 87 milhões de pessoas. Por ter um clima favorável à agricultura e um solo rico em recursos minerais, Sichuan é conhecida na China como a “Terra da Abundância”.

“Lembrar, para parar de chorar”

Keith Morgan. Americano. Médico na Clínica *Hope*, em Macau. Já vive na RAEM há tempo suficiente para ler chinês. Homem de discurso pausado e pensado.

“Fui na terceira equipa e fiquei surpreendido ao ver como estava tudo organizado. As pessoas já sabiam que teriam apoio, não morreriam à fome, nem à sede. Mas não sabiam qual era o seu futuro. Depois do choque inicial, depois de entenderem que as suas necessidades básicas teriam resposta, já conseguiam olhar friamente para o que o terramoto deixara para trás. Já não se preocupavam com a sua sobrevivência, sabiam que essa estava assegurada. Mas viam o resto do que restara das suas vidas.



Keith Morgan: “Fiquei surpreendido ao ver como estava tudo organizado”

Para mim, essa é a necessidade actual: ouvir as preocupações das pessoas.

Tal como a primeira equipa, nós também fomos para uma zona rural, onde vimos que as pessoas estavam bem tratadas. As escolas estavam a voltar a funcionar e eles estavam a tentar voltar à normalidade, mas já mostravam sinais de depressão e desespero. Não sabiam qual seria a sua vida depois daquilo, onde era o futuro depois daquela tenda e daquela comida que lhes era servida todos os dias.

As pessoas ainda têm medo do imprevisto. De repente a terra tremeu e eles perderam tudo. Há maneiras de prevenir vários problemas, mas um terramoto... Chegou, e foi, em segundos. Agora a população tem de voltar a confiar nos outros, no clima, na província, no futuro. Eu diria que, pelo menos dez por cento das pessoas, vão demorar anos a recuperar.

Uma coisa é certa: Confiam muito no Governo, não se sentem sozinhos nem desamparados. E também acho que não hão-de querer sair de Sichuan.

Aquela ainda é a casa deles, por mais que esteja destruída. Há gerações que ali estão, e um chinês não deixa os seus



Segundo a FAO mais de 30 milhões de pessoas nas comunidades rurais perderam a maior parte dos bens

mortos para trás.

Um episódio que me tenha marcado?... Nós levámos algumas cartas com desenhos de escolas de Macau para as crianças de Sichuan. Elas adoraram, riam-se, mostravam os desenhos que tinham recebido uns aos outros. Sentia-se que aquilo tinha sido importante para eles. Também me lembro que, enquanto lá estivemos, um habitante de uma aldeia fez anos e três crianças cantaram para ele. Uma delas tinha perdido um dos pais e estava ali, a cantar. O seu olhar era vazio, sem alegria, só tinha medo.

As crianças têm maneiras de afastar as memórias e neste momento há que criar actividades para elas terem contacto com os seus sentimentos. Há que fazer desenhos, contar histórias. Lembrar, para parar de chorar”.

Segundo a agência Xinhua, o sismo deixou cinco milhões de desalojados. A mesma fonte garante que mais de cinco milhões de imóveis caíram e quase seis milhões sofreram danificações.

Segundo a FAO (*Food and Agriculture Organization*), braço das Nações Unidas para a agricultura, “mais de 30 milhões

de pessoas nas comunidades rurais perderam a maior parte dos bens . Estima-se que o sector agrícola tenha tido uma perda na ordem dos seis mil milhões de dólares americanos.

Segundo Wang Qiong, vice-directora da Administração de Patrimónios Culturais de Sichuan, 62 por cento do acervo cultural foi afectado pelo terramoto.

“As pessoas sentem-se perdidas”

Leong Io Leng. Enfermeira do Hospital Conde São Januário. Integrou a segunda equipa de 21 médicos e enfermeiros que partiu para Sichuan. Onze membros do grupo eram do Hospital Conde São Januário, os restantes vinham do Hospital Kiang Wu.

“Quis ir porque sou chinesa, e havia lá equipas de todo o mundo. É uma questão de humanidade. Escolhi o curso de enfermeira por isso mesmo, gosto de sentir que sou útil.

Quando chegámos, dia 10 de Junho, quase um mês depois do terramoto, já estava tudo apaziguado, resolvido. Mandaram-





**Quase vinte mil
pessoas continuam
desaparecidas
nos destroços de
Sichuan.
A reconstrução
levará três anos**



nos para Nanchong, a segunda maior cidade de Sichuan com cerca de sete milhões de habitantes, onde estivemos no Hospital Chuan Bei a ajudar no serviço diário.

Nanchong é distante da área do terramoto, mas, mesmo assim, o tremor de terra causou ali 43 mortos. O Chuan Bei enviara equipas médicas para a zona mais afectadas e, portanto, precisavam de gente que garantisse o funcionamento do hospital. Embora tivéssemos recebido formação específica para operar em situações de catástrofe natural, a verdade é que temos pouca experiência nestes contextos e, portanto, preferiram

que ajudássemos a manter a cidade de Nanchong do que ir para o centro dos problemas.

Mais do que de médicos, Nanchong precisava de gente que ouvisse os seus habitantes. A população precisava de apoio psicológico. As pessoas sentem-se perdidas, não sabem como encarar o futuro. Sichuan é uma província muito bonita e turística. Com o terramoto, muitas das atracções foram destruídas e isso afecta o futuro da população. Aquilo que eu mais senti ao regressar a Macau foi que o cidadão de Macau tem muita sorte porque nós temos muitos

recursos. Quando estive em Sichuan vi que há gente que não tem dinheiro, vi gente a dormir à porta do hospital. Eu já tinha saído de Macau, mas como turista. Não tinha ido a hospitais, nem a casa das pessoas. A China tem muita gente e não há recursos para todos". No dia 13 de Maio, os soldados conse-

guiram resgatar 500 pessoas soterradas, em Mianzhu. No mesmo dia, em Dujiangyan, uma grávida de oito meses foi retirada com vida dos escombros. Dez dias depois, foi encontrada, com vida, uma mulher de 100 anos. A sua casa, situada no alto de uma montanha desabou e ela esperou 11 dias que a res-



Kung Pui San, Lau Wai Lit e Leong lo Leng (da esquerda para a direita)

A young boy with a sad expression is the central focus of the image. He is wearing a blue denim jacket with colorful floral patterns on the bottom. He is holding a small, wrapped object in his hands. In the background, several people are standing on a paved area, including a man in a red t-shirt and another in a white t-shirt. The scene appears to be outdoors, possibly at a public event or a relief site.

gatassem. O seu nome é Li Xiaolan. A 17 de Junho, 36 dias após o sismo, foi encontrado um porco com vida. O animal sobrevivera comendo carvão vegetal e bebendo água da chuva. Foi chamado de Zhu Jianqiang, que significa Porco Forte, e passou a simbolizar a vontade de viver do povo chinês.

“As pessoas confiam umas nas outras”

Kong Pui San. A enfermeira mais nova da equipa da Hospital Conde São Januário. Tem 24 anos. Pensa bem antes de falar, mas fala com certezas.

“As pessoas lembram-se da vida passada, há quem tenha perdido tudo. Podem ter a família toda reunida, mas perderam as propriedades. E por isso agradecem tudo o que venha.

Quando chegámos, um médico do Hospital Chuan Bei apresentou-me a um paciente. Disse que tínhamos vindo de Macau para o ajudar. Ele agarrou na minha mão e o olhar dele era de agradecimento puro. Ele nem sabia onde era Macau.



Houve outra história que me marcou muito. No hospital estava um idoso que tinha de ser operado. O filho dele era engenheiro electrotécnico e precisava de partir, para repor electricidade numa localidade. Antes de partir, o filho veio ter comigo, perguntou se era voluntária. Eu disse que sim. Ele pediu-me para tomar conta do pai, porque tinha de partir, tinha de ir trabalhar. Eu prometi-lhe que todos os dias iria vê-lo. Ele não me conhecia de lado nenhum e confiou em mim. As pessoas confiam umas nas outras, sabem que não estão sozinhas e que podem pedir ajuda.

A cidade de Nanchong é linda e há 100 anos que não havia terramotos. Eles ainda nem entenderam bem o que aconteceu, nem porque aconteceu. Mas acho que este apoio que estão a receber ajuda-os a pensarem no futuro com mais esperança. O que aprendi com Sichuan? Que toda a gente pode fazer um grande esforço, toda a gente pode fazer a diferença. E talvez haja enfermeiras com mais experiência do que eu em Sichuan, mais sábias e desenhadas, mas eu tentei, dei o melhor de mim

e penso que isso é o mais importante. Não, não sinto que os abandonei porque não somos a única equipa de Macau. Há muito mais voluntários a quererem partir” No dia 19 de Maio, às 14h28, a China silenciou-se durante três minutos, em memória das vítimas do terramoto. A Bolsa parou, os casinos de Macau, que trabalham todos os dias do ano, interromperam as operações, enquanto, nas ruas, os cidadãos quedavam-se imóveis nos passeios e, nas estradas, os carros buzonavam. O Governo de Macau doou 100 milhões de patacas à causa, seguido pela Fundação Macau que entregou 10 milhões. Ao Gabinete de Ligação do Governo Central, chegaram mais de 200 milhões de patacas em donativos da população de Macau.

“Não recordar o passado nem o terramoto”

Lau Wai Lit. Médico cirurgião ortopédico. Chefe da equipa do Hospital Conde São Januário. Sorriso aberto, gosto em falar. “Sou médico cirurgião ortopédico, não sei porque me escolheram para líder da equipa. Fiquei orgulhoso quando soube, mas não sabia se conseguiria fazer um bom trabalho. Quando fomos, Lei Chin Ion, director de Serviços de Saúde, disse-nos que estávamos a representar o povo de Macau e que tínhamos de fazer bem o nosso trabalho. Tentam ajudar os outros para não pensar, não recordar o passado, nem o terramoto. Enquanto estão a ajudar os outros, não estão a lamentar a sua sorte. Sichuan não é só uma questão material ou de dinheiro. É também uma questão de amor. As piores emoções já passaram, mas ainda temos um longo caminho a percorrer. Agora é preciso dar tempo ao tempo. Não é de pessoal médico que eles precisam, mas de apoio psicológico. Eles sentem-se muito suportados, apoiados, sentem que a China está unida, com eles. Um dia, um médico do Hospital Chuan Bei perguntou de onde eu era. Eu respondi que vinha de Macau, mas estávamos a fazer pouco, não éramos uma grande aju-



Lau Wai Lit, médico cirurgião ortopédico

da porque não estávamos nas áreas mais afectadas. Ele respondeu que só o facto de ali estarmos, a fazer o serviço diário do hospital, já era muito importante. Muita gente não sabia onde era Macau. Entendiam que éramos chineses e que falávamos a mesma língua. Nós dizíamos que éramos de um sítio próximo de Hong Kong. Isso, eles conheciam. Sim, claro que algo mudou em mim. Eu era o capitão da equipa do hospital Conde São Januário, não estava lá só para ajudar. Era também responsável pela equipa, pela missão. Antes de ir, pensava que podíamos ajudar individualmente, mas agora entendo que um não pode não fazer nada. A união é importante e como equipa podemos fazer muito. Quando voltámos, receberam-nos com entusiasmo e disseram-nos que estão a preparar a reconstrução de Sichuan. Ainda não há uma decisão sobre quem vai ou quando vão, mas sei que há 600 voluntários prontos para partir”. Quase vinte mil pessoas continuam desaparecidas nos destroços de Sichuan. A China adiantou que a reconstrução da província levará três anos. ■

Novos apoios para ajudar Sichuan

No dia 27 de Junho, o Chefe do Executivo de Macau, Edmund Ho, e o de Hong Kong, Donald Tsang, partiram para Sichuan para mostrar que os dois territórios não esquecem as vítimas do sismo de dia 12 de Maio. Mas o objectivo não era só este. No Aeroporto Internacional de Macau, Edmund Ho explicou aos jornalistas que queria conhecer pessoalmente os planos de reconstrução da província, de forma a definir qual seria a colaboração de Macau. Segundo o Chefe do Executivo, a Região Administrativa Especial de Macau já elaborara vários projectos preliminares que seriam analisados com as entidades governamentais da província de Sichuan. As delegações chegaram nessa mesma noite a Chengdu, onde foram recebidas pelo vice-governador da província de Sichuan, Wei Hong. O vice-presidente do país, Xi Jinping, também se encontrou com Donald Tsang e Edmund Ho, agradecendo a preocupação e o carinho que Macau e Hong Kong demonstraram nos trabalhos de apoio e recolha de donativos para Sichuan. Dava-se assim início a uma maratona de dois dias de trabalhos em que os dois líderes fariam mais do que consolar a província de Sichuan. Tanto Donald Tsang como Edmund Ho queriam participar na reedificação da província. As 48 horas de visita serviriam para entender os estragos do sismo e planear a reconstrução das vidas que o terramoto deixará sobreviver. No dia seguinte, as duas comitivas cumpriram um programa de 12 horas que teve início com uma visita a um campo de alojamento temporário, no Bairro Danan do distrito Xiaoyudong no município Pengzhou, à Escola Temporária do distrito Tongji, e às zonas afectadas pelo terramoto no distrito Xinxing e no município Dujiangyan. A tarde esteve reservada aos encontros com os dirigentes da província de Sichuan, nomeadamente o secretário do comité provincial, Liu Qibao, o vice-secretário do comité provincial e governador de Sichuan, Jiang Jufeng, e vários vice-governadores, para conhecer em con-



creto os planos de reconstrução da província. Da reunião, saiu a decisão já esperada: o Governo da RAEM iria criar um grupo de coordenação para apoiar a reconstrução das zonas afectadas pelo terramoto em Sichuan. O chefe do Governo explicou também aos jornalistas que a coordenação do grupo interdepartamental, que irá gerir a ligação com a província de Sichuan, será assegurada pelo secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Fernando Chui Sai On, membro integrante da comitiva de Macau na visita a Sichuan. A primeira fase da ajuda passará por um mecanismo de comunicação entre Sichuan e Macau de forma a debater e coordenar os trabalhos de reconstrução. Edmund Ho garantiu que os apoios oferecidos por Macau e Hong Kong serão preferencialmente dirigidos à reabilitação de infra-estruturas públicas, nomeadamente hospitais, escolas, instalações culturais e desportivos, vias rodoviárias e pontes. Os dois chefes do Executivo também não esqueceram as zonas de criação de pandas, prometendo apoiar a sua reconstrução. “Faremos tudo o que nos for possível para ajudar”, afirmou Edmund Ho aos jornalistas, garantindo que a ajuda irá ultrapassar os 100 milhões de patacas, doados pela RAEM logo após o sismo. E assim foi. Macau vai disponibilizar 5,5 mil milhões de patacas em cinco anos.

Já foram identificados os primeiros 17 projectos de reconstrução, avaliados em cerca de 1180 milhões de patacas, que incluem a reconstrução de casas de agricultores, infra-estruturas, educação, saúde e instalações de serviços comunitários. ■



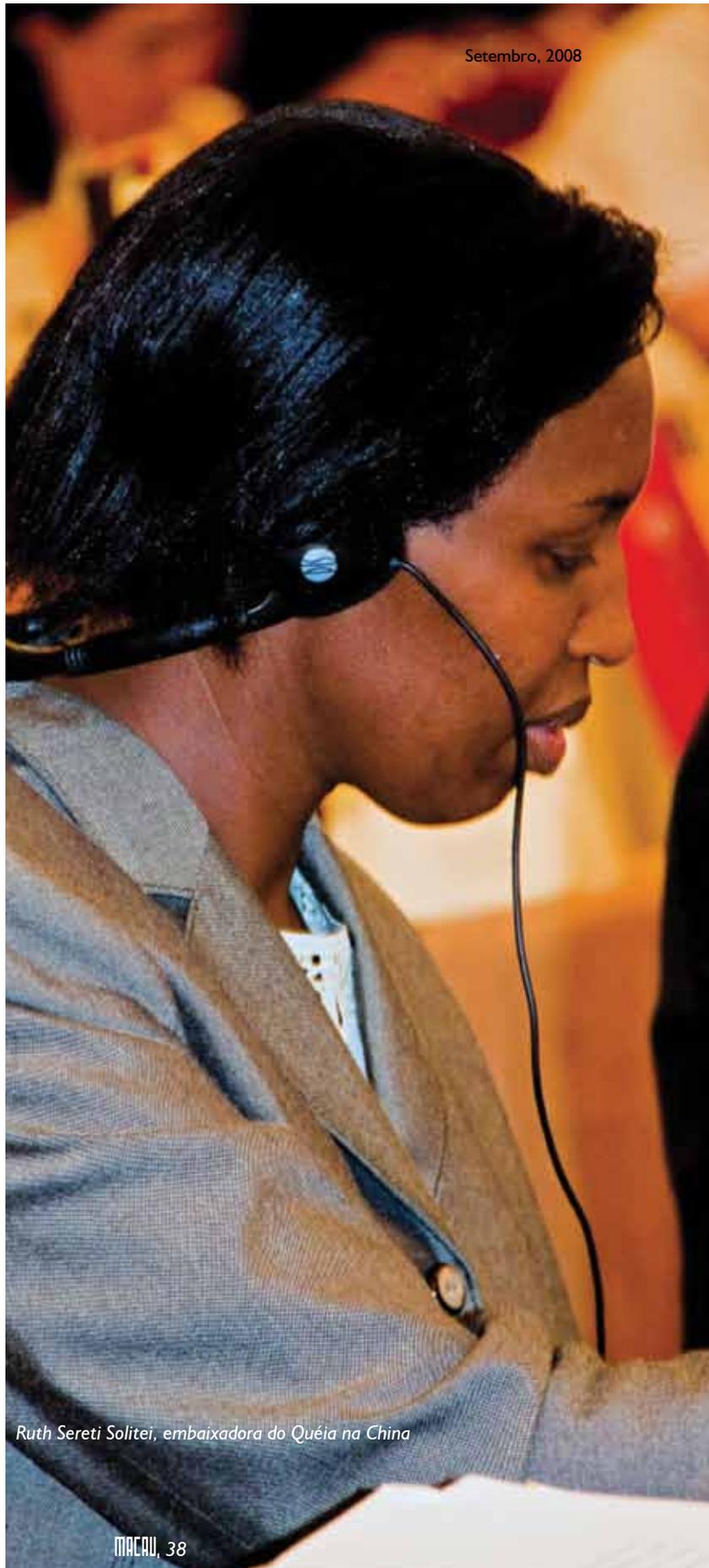
Tão longe...

Uma empresa guineense na província chinesa de Guangzhou. Um estudante nigeriano em Cantão. Uma companhia aérea da Etiópia com 14 voos semanais para a China. Já não é só a China que quer chegar aos novos mercados africanos. O reverso da medalha também já existe

e tão perto

Quando chegou o intervalo de quinze minutos, os jornalistas dirigiram-se às cadeiras situadas à frente do palco e pediram a Ruth Sereti Solitei para lhes dar uma entrevista. A embaixadora do Quênia, na China, mostrou-se surpreendida pelo pedido. Porque não entrevistavam o representante do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas na China ou o Chefe do Executivo de Macau, perguntou. Ruth não entendia o interesse dos jornalistas por ela, mas a verdade é que o seu discurso no Fórum para a Cooperação das Empresas da China e dos Países Africanos continha a frase chave daquela reunião de dirigentes. No meio da sua intervenção, a embaixadora dissera “agora, a África está pronta para a China”.

O Fórum, organizado pelo Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) com o Conselho de Negócios China-África (*China - Africa Business Council*) no dia 23 de Maio sob o tema 'Oportunidades de negócios, benefício para todos os intervenientes', estava integrado na Exposição de Exportadores de Chá que juntou, em Macau, embaixadores e conselheiros de vários países africanos, assim como representantes da China durante três dias. A encabeçar a lista dos 12 intervenientes do Fórum, que discursaram durante pouco mais de duas horas e meia, Edmund Ho, Chefe do Executivo da RAEM. "A China e os países africanos são velhos amigos e parceiros em pé de igualdade, com relações bem consolidadas entre os seus empresários", começou por dizer Edmund Ho, abençoando assim as relações comerciais entre os dois gigantes. A China desejava mais África, e, segundo a embaixadora do Quênia, a África estava pronta para a China. Ruth lá acedeu, com um sorriso, aos *media*, explicando que "nós não somos estranhos uns para os outros, mas agora está a começar uma nova era". A embaixadora tentou não falar no caso específico do Quênia, mas englobar as necessidades africanas nas suas respostas.



Ruth Sereti Solitei, embaixadora do Quênia na China

“Nós precisamos de estradas, energia, comunicações. E todo o continente tem de ser desenvolvido, porque se o meu país tiver estradas em bom estado, por exemplo, de nada lhe servirá, se não puder circular com segurança nos países vizinhos.”. Ruth Sereti Solitei admitiu que a maioria da economia dos países africanos está baseada na agricultura, e “há oportunidades de negócio, queremos convidar as empresas chinesas a conhecer-nos melhor e queremos aprender com elas”. Só no Quênia existem, segundo a embaixadora, cerca de uma centena de empresas chinesas que geralmente operam na área imobiliária, construção e comunicações. E o Quênia responde, exportando produtos agrícolas para a China. Como o chá. “No que toca ao chá, o Quênia é o país africano que mais exporta. De Mombaça saem as folhas de chá de Moçambique, da Tanzânia, do Zimbabué. O Quênia junta tudo e vende”, explica Mohammed Heiza, um consultor egípcio de chá, presente na Exposição de Exportadores de Chá, que aconteceu paralelamente ao Fórum. Segundo Renaud Meyer, igualmente participante do fórum como representante do Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas na China, o início da Cooperação Sul-Sul, nos anos 60, mais pareceu um *slogan* e um tópico de discussão do que uma realidade concreta. “Só nos últimos anos é que as relações comerciais e os investimentos emergiram. As estatísticas oficiais chinesas adiantam que as relações bilaterais entre a China e a África aumentaram de 40 mil milhões de dólares americanos em 2005 para 73 mil milhões em 2007. Por seu lado, o investimento chinês nos países africanos foi de 317 mil milhões de dólares americanos em 2004 tendo chegado aos 519 mil milhões de dólares americanos em 2006”. Em Novembro de 2006, o Presidente da República, Hu Jintao, discursava no Fórum para a Cooperação entre a China e África, em Pequim. Foi um dos momentos mais importantes das relações entre África e China, palavras que marcaram o

futuro. Hu Jintao garantiu que duplicaria a assistência dada aos países africanos até 2009 e acrescentaria cinco mil milhões de dólares americanos ao Fundo de Desenvolvimento China-África, de forma a encorajar as empresas chinesas a investir em África. Segundo o jornal “China Daily”, no mesmo Fórum, Paul Kagame, presidente do Ruanda disse que “as empresas chinesas podem vir a ter um papel determinante nos nossos processos de desenvolvimento”.

Será que a China conseguirá fazer o que os fundos das Nações Unidas e a boa vontade de milhares de Organizações Não Governamentais nunca conseguiram? Para Renaud Meyer, as intenções da China irão contribuir para atingir os Objectivos de Desenvolvimento do Milénio, definidos na Declaração do Milénio, adoptada em 2000, pelos 189 Estados Membros da Assembleia-Geral das Nações Unidas. No prazo de 25 anos, pretende-se erradicar a pobreza extrema e a fome, atingir o ensino primário universal e criar uma parceria global para o desenvolvimento.

A China e a Etiópia

Longe vão os dias em que o mundo se afligia com a agonia dos etíopes, crianças deixadas à fome e à sede sem esperar mais do que um último sopro. As imagens já desapareceram dos *media*, mas embora a pobreza ainda não tenha desaparecido, Haile-Kiros Gessesse, embaixador da Etiópia na China, explica que o seu país já não é o mesmo, tendo crescido dez por cento nos últimos cinco anos. A principal força do país é a agricultura e é aqui que a China entra. “Temos muitos investidores estrangeiros na Etiópia, mas os chineses são uma das mais largas comunidades. Aliás, a *Ethiopian Airlines* tem 14 voos semanais para a China”, explica Gessesse, acrescentando que o seu país sempre foi muito aberto a outras culturas. “Nós nunca fomos uma colónia e sempre aceitámos refugiados, portanto somos um povo muito hospitaleiro que



澳門貿易投資促進局
 Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
 Macao Trade and Investment Promotion Institute

中非
 China-Africa



中非民營企業合作論壇
 China--Africa Private Enterprises Co-operation Forum
 Fórum para a Cooperação entre as Empresas Privadas da China e África

Li Yi Ning, vice-presidente do sub-comité de Economia da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês

23.5.2008

está habituado a ter outras culturas no seu território". Com um sorriso que não esconde o orgulho, o embaixador admite que os últimos dez anos é que marcaram um grande aumento do investimento chinês na Etiópia. "A comunidade chinesa é das maiores que temos, sobretudo a explorar a

agricultura. A Etiópia é um país que produz muito sésamo, feijão, café e, neste momento, está a desenvolver muito a área da floricultura". Segundo um artigo publicado no "Sunday Times", no dia 20 de Abril de 2008, existem cerca de 800 empresas chinesas em África. E o

argumento é só um. "As empresas privadas chinesas querem investir no exterior porque têm capital para o fazer", explicou Li Yi Ning, vice-presidente do sub-comité de Economia da Conferência Consultiva Política do Povo Chinês, [organismo consultivo político da China], durante o Fórum para a



*Haile-Kiros Gessesse,
embaixador da Etiópia na China*

Cooperação das Empresas da China e dos Países Africanos.

Um empresário guineense na China

A China tem dinheiro para investir. Mas não se limita a isso. A China tem bons preços. Se em qualquer cidade, bairro ou rua onde

se instalaram as ‘lojas dos chineses’ existem queixas dos comerciantes locais que não aguentam a competitividade dos preços, também a nível mundial isso se faz sentir. “A China tem os melhores preços, a Europa e a América são muito caras, então nós exportamos da China aparelhos de

electrónica e mobiliário para África”, explica Abou Bacar Atallo.

Natural da Guiné-Conacri, está a estudar administração em Cantão, colaborando ao mesmo tempo com a empresa do irmão na província chinesa de Guangzhou. E o que é que leva um guineense a montar uma empresa na China? Os preços competitivos. A empresa do irmão de Abou exporta para a Guiné-Conacri e para a Libéria desde 2001 e o guineense admite que, quando um estrangeiro ultrapassa as burocracias chinesas, e os serviços centrais começam a entender que as intenções dos empresários são sérias, “facilitam muito o lançamento de uma empresa estrangeira na China. Neste momento, ainda só estou a ajudar o meu irmão, estou a



Abou Bacar Atallo está a estudar administração em Cantão, colaborando ao mesmo tempo com a empresa do irmão

aprender, mas quero fazer parte da companhia, não quero sair da China". Aos 24 anos, Abou Bacar Atallo é o rosto vivo do que a cooperação China-África pode criar.

O maior desafio

Numa das salas imponentes do Centro de Convenções do *Venetian Macau*, os discursos chineses são traduzidos em inglês e português. Entre os fatos escuros que a ocasião pede, os longos lustres que caem dos tectos coloridos e as cadeiras cobertas de cetim, realçam-se uns poucos rosas fuschia dos lenços com que algumas mulheres africanas enfeitaram a cabeça, uns

A língua que junta China e países africanos

Actualmente, dos 53 países africanos, 48 têm relações diplomáticas com a China. Há mais de 50 anos que as duas partes têm trocas comerciais frequentes mas, com a realização do Fórum de Cooperação China-Africa (FOCAC) em 2000, a cooperação económica entrou numa nova fase de desenvolvimento. De acordo com o Ministério do Comércio da China, desde 2003, o comércio e o investimento entre a China e os países africanos registou um crescimento de 40 por cento. A China é o segundo maior parceiro comercial da África e, em 2007, o volume de comércio atingiu 70 bilhões de dólares americanos. Neste momento, África é o segundo maior fornecedor de petróleo bruto da China e é classificado como terceiro maior destino de investimento da China. Com o intensificar das relações económicas e

comerciais entre a China e os Países Africanos, foi criado o *China-Africa Business Council* (Conselho de Negócios China-África) em Março de 2005, e, dois anos depois, era inaugurado, em Macau, o Conselho de Negócios China-África de Macau, cuja missão é promover as trocas comerciais entre empresas e associações comerciais locais e os países africanos. Por motivos linguísticos, históricos e culturais, Macau mantém uma relação privilegiada com os países africanos, especialmente os de língua portuguesa, pelo que a Região Administrativa Especial de Macau desempenha o papel de intermediário na cooperação económica entre os países de língua portuguesa e o resto da China. Segundo uma fonte do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM), a primeira e segunda Conferência Ministerial do Fó-

sapatos de pele de cobra ou as bonitas tranças negras encaixadas, formando desenhos quase artísticos, quase pintados à mão. São desenhos de África em terra chinesa. Numa das últimas filas de cadeiras, sentam-se três estudantes de Cantão. Todos eles estão a aprender os meandros económicos da administração. Dois vêm do Quénia, o outro é da Nigéria. “A China abriu as suas portas e toda a gente quer vir para cá aprender”, explica Shettima Tella Zimboh, que também admite que este contacto com a China é essencial para o seu futuro. Já não faltam empresários chineses

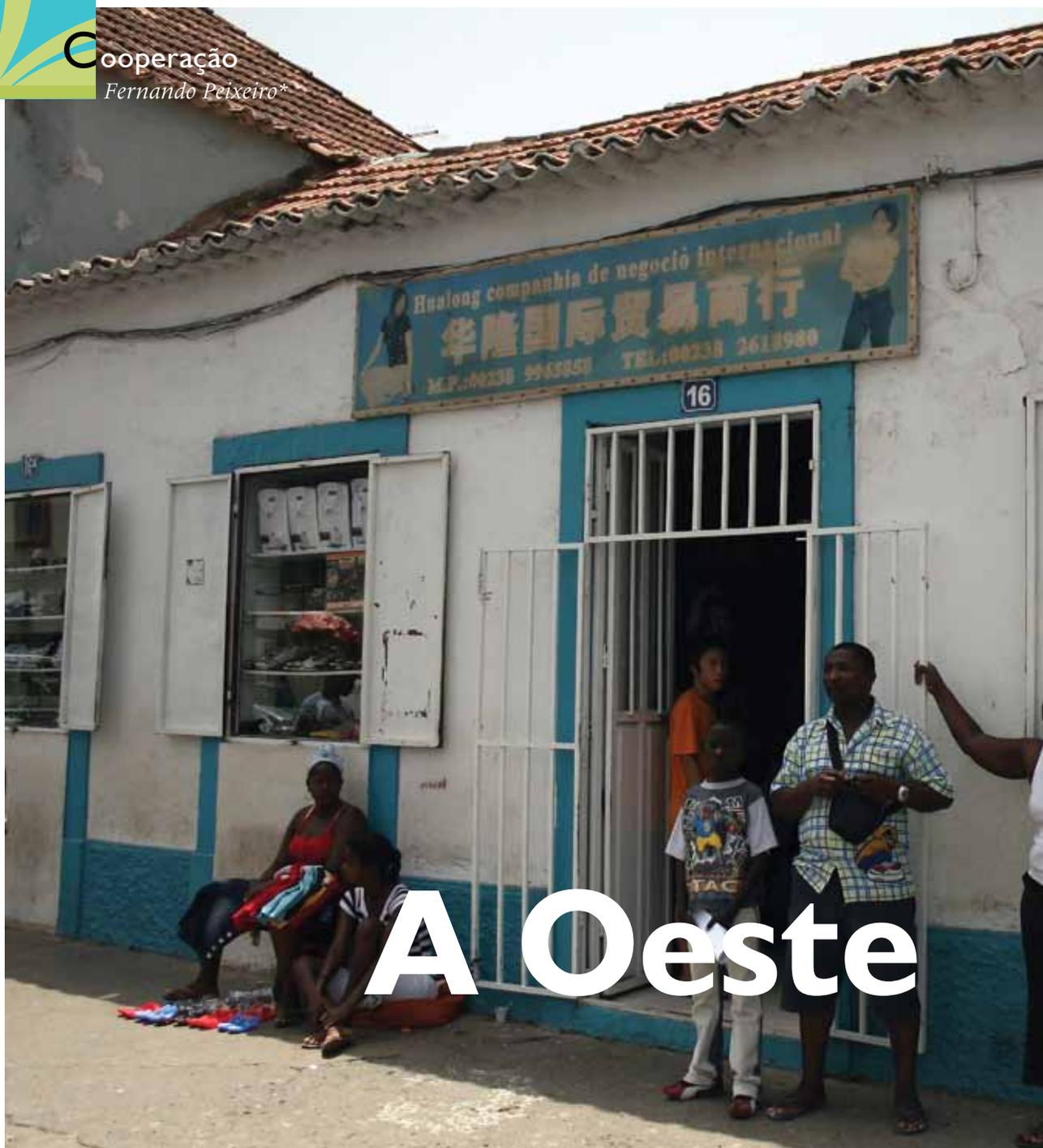
na Nigéria, estando a maioria a explorar a área de construção. Entender os chineses e sobretudo a China é uma mais-valia para o currículo, sobretudo quando “as comunidades chinesas na Nigéria pouco sabem falar inglês, a língua oficial da Nigéria, como ex-colónia inglesa”, explica o estudante. A língua é um dos obstáculos da comunicação entre chineses e africanos, mas ainda assim, não passa de um detalhe que o tempo deverá ultrapassar naturalmente. O maior desafio que ainda se põe, segundo Ruth Sereti Solitei, embaixadora do Quénia na China, é a comunicação das

duas culturas. Ou seja, as especificidades de cada sítio. “Uma média empresa em África não tem nada a ver com uma média empresa na China. São escalas diferentes. Basta ver o tamanho deste edifício onde estamos [o *Venetian* é o maior casino do mundo e o segundo maior edifício do mundo], as nossas empresas são muito mais pequenas, mas funcionam perfeitamente. Para nós, são óptimas”. O conselho de Ruth é que chineses e africanos se sentem mais vezes frente-a-frente para dialogarem sobre as necessidades de cada um. Próxima paragem: Cabo Verde. ■

rum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa foram muito bem sucedidas, em 2003 e em 2006, respectivamente. “Logo na 1ª edição do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa foi concretizado o estreitamento da parceria entre o IPIM, o CPCIC (Conselho para a Promoção do Comércio Internacional da China) e os Organismos de Promoção Comercial / Câmaras de Comércio de sete Países Lusófonos num Protocolo de Cooperação, assinado pelas partes intervenientes. O acordo passava pela realização de um Encontro de Empresários para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa como uma das actividades de acompanhamento, prevendo-se a sua realização anual, em regime rotativo, nos países participantes no referido Protocolo de Cooperação” O evento já se realizou em Xiamen (China), Luanda (Angola), Lisboa (Portugal), e Maputo (Mo-



çambique), “tendo chegado a atrair mais de 1600 empresários da China e dos países lusófonos e a concretizar centenas de bolsas de contactos nas áreas de turismo, sector bancário, comércio de importação e exportação, agenciamento de produtos e serviços, construção civil e serviços de consultadoria jurídica”, explica a fonte do IPIM. ■



A Oeste

Em Cabo Verde, colónia portuguesa até 1975, a comunidade chinesa é hoje já maior do que a portuguesa e os edifícios emblemáticos da capital têm um cunho do país mais populoso do mundo. Foi a cooperação chinesa quem construiu, por exemplo, o Assembleia Nacional, quem construiu o Palácio do Governo e quem edificou a Biblioteca e o Auditório Nacional.

No próximo ano começam as obras de outro grande projecto, que vai também marcar a fisionomia da capital de Cabo Verde, o Estádio Nacional, no qual a China vai investir milhões, para já não falar da face menos visível da cooperação, como, por exemplo, a oferta recente de toda uma gama de instrumentos musicais para o Palácio da Cultura.



A presença da China em Cabo Verde torna-se mais notória a cada dia que passa. Ao mesmo tempo que uma instituição chinesa concedia um apoio de 100 milhões de dólares norte-americanos para a construção de habitação social, um encontro empresarial de chineses e lusófonos tinha lugar na cidade da Praia

de África

No início do Verão, o Instituto de Fomento à Habitação de Cabo Verde assinou com uma empresa congénere da China um apoio de 100 milhões de dólares para a construção de habitação social no arquipélago, com os primeiros 40 milhões já disponíveis para o início da construção, que vai incidir nas ilhas de Santiago e S. Vicente, seguindo-se

Sal, Boa Vista e Maio.

Mas a cooperação entre Oriente e Ocidente está agora a mudar. De um momento em que a China doava dinheiro ao pequeno arquipélago de 500 mil habitantes, passou-se a uma fase de colaboração mais abrangente, envolvendo empresários de ambos os países e explorando-se oportunidades de negócio, que podem ser com Cabo Ver-

de mas que podem ter o país como ponto de partida para outras relações com a África Ocidental e também com a América Latina, nomeadamente o Brasil.

Há poucos meses, mais de 300 empresários e representantes de instituições de promoção, dos países de língua portuguesa e da China, estiveram reunidos na Cidade da Praia, durante dois dias, para explorar oportunidades de negócio, naquele que foi o IV Encontro para a Cooperação Económica e Comercial, sob um lema que já diz tudo: “Cabo Verde como Plataforma para *Trading* e Serviços”.

O “Encontro de Empresários para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa” decorre de um entendimento sobre a necessidade de realizar reuniões periódicas



juntando empresários, mas também responsáveis pelas entidades que promovem os países no exterior, tendo sido “oficializado” através de um protocolo, assinado em Macau, em 2003. Desde essa altura, já decorreram reuniões em Angola, Portugal e Moçambique.

O objectivo é explicado pelo presidente da Cabo Verde Investimentos, uma entidade do Estado que gere os investimentos externos no arquipélago. “O interesse é facilitar o contacto entre pequenas e médias empresas para identificar nichos de mercado e intensificar relações comerciais”, diz Alexandre Fontes.

E já há resultados, a avaliar pelo que disse na altura o secretário-geral adjunto do Fórum Macau, Manuel Rosa: “tem-se vindo a verificar que a cada reunião que se faz o comércio envolvendo os vários

países “tem vindo a crescer”.

“Aproveitando a plataforma que é Macau, os governos decidiram criar um mecanismo que favoreça as relações comerciais e económicas entre a China e os países de língua portuguesa”, explicou Manuel Rosa, que considera que em Cabo Verde há “nichos de mercado” nos quais pequenas e médias empresas podem encontrar parceiros e associados.

E Alexandre Fontes, pelo lado do arquipélago, não pode também ser mais claro quanto ao que Cabo Verde deseja. “O que está a acontecer com Macau em relação à China também pode acontecer com Cabo Verde, ou seja, representar uma plataforma, neste caso para o continente africano”.

Mais explícito? “Cabo Verde pode servir de plataforma para trocas comerciais a partir da China”.

Posição geoestratégica

Manuel Rosa não tem dúvidas quando salienta a “grande vantagem económica” que é negociar com países como a China ou o Brasil, sendo que Cabo Verde pode servir de plataforma de comércio destes países e de países europeus com o continente africano.

Cabo Verde não nega que também Portugal tem interesse em fazer do arquipélago uma plataforma para dela chegar aos mercados emergentes da costa ocidental africana, aparentemente concorrendo com a China, mas garante que há “interesses complementares”, porque o tipo de produtos que Portugal oferece é diferente das ofertas chinesas.

“Quando constatamos as potencialidades da indústria portuguesa e chinesa, creio que há complementaridade. E Cabo Verde pode servir de plataforma para os interesses destes países na costa africana”, nota Alexandre Fontes.

Mas há mais. No encontro da Praia, a maior delegação que se apresentou foi a proveniente da China, seguindo-se o Brasil. Não é por acaso. Como não foi por acaso que o ministro das Relações Exteriores do Brasil, Celso Amorim, visitou Cabo

Verde há pouco tempo, para estreitar relações entre os dois países.

Celso Amorim disse aquilo que já se sabia. “O Brasil vê com muito bons olhos o investimento dos seus empresários nas ilhas cabo-verdianas ou mesmo até deslocalização de empresas, para delas chegar a África Ocidental e até a mercados europeus”. Cabo Verde, obviamente, agradece. O ministro da Economia da altura, José Brito (agora ministro dos Negócios Estrangeiros), disse no primeiro dia do encontro que o arquipélago quer ser intermediário na ligação entre os países de língua portuguesa e a China, “fazendo valer a posição geoestratégica”.

“Cabo Verde está situado na encruzilhada dos continentes e pode potenciar oportunidades de negócio a partir de Cabo Verde e cobrindo todo o resto dos outros continentes. Acredito que é um sucesso da nossa diplomacia económica que Cabo Verde, como um pequeno país, estar a atrair um conjunto de países que têm importância na economia mundial”. José Brito falava, naturalmente, da China e do Brasil, ainda que de olhos postos na economia que no futuro será Angola ou na União Europeia, através de Portugal.

Hub de transportes aéreos

Cabo Verde quer ser intermediário, por exemplo, na questão do transporte de cargas e passageiros, tendo já assinado um acordo de *handling* com a empresa *Air China* para a rota da América Latina. Ou seja, num futuro próximo, a *Air China* poderá fazer escala na ilha do Sal na rota da América Latina, transformando o arquipélago num *hub* de transportes aéreos, o que de resto também Celso Amorim considera uma boa ideia.

E quem diz transportes aéreos pensa também em transportes marítimos. “Os nossos importadores estão a importar muito da China, ultimamente com cargas que chegam via Portugal ou Canárias, e isto é algo que estamos a pensar desenvolver porque o desenvolvimento dos transportes marítimos é um passo necessário para a consoli-

dação desta parceria especial”. Palavras de José Brito, que sabe como são deficientes também os transportes marítimos entre o Brasil e o continente africano.

Altair Maia, consultor internacional da SEBRAE (apoio a pequenas empresas do Brasil) explicou durante o encontro que levar hoje um contentor do Brasil para Cabo Verde é mais caro do que para a China, pelo que há que trabalhar para a criação de uma ligação regular. “Os países africanos beneficiam dos navios que fazem a ligação entre a Europa e a China, mas para o Brasil é fundamental que seja criada uma linha marítima regular e com preços competitivos, porque hoje um contentor do Brasil para a China custa cerca de dois mil dólares enquanto que para Cabo Verde representa quatro mil dólares”, sublinha.

Tudo porque não foi criada ainda uma linha directa, obrigando a que os contentores que saem do Brasil sejam primeiro levados para a Europa e só depois, daí, encaminhados para a costa africana. E que o resulta disto? Altair faz as contas: Os países da CEDEAO (Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental) importam “cerca de 30 biliões de dólares por ano e o Brasil fornece menos de um bilião. Temos produtos com qualidade internacional e preços competitivos mas não temos ligação marítima, que hoje em dia é fundamental no comércio internacional”.

A China, do outro lado do mundo mas atenta às grandes possibilidades de África, quer resolver esses problemas. Como? Criando zonas económicas especiais no continente, pequenas *chinatown*, de onde se irá expandir. Em Cabo Verde, onde deverá ficar uma delas, já se tornou habitual a presença de grande número de orientais, especialmente nas mais que conhecidas mundialmente “lojas dos chineses”.

Discretos, como sempre, os chineses vão comprando tudo quanto é espaço comercial e montando os seus negócios, que no centro da capital cabo-verdiana são já quase “porta sim, porta não”. ■

*Agência Lusa, Cabo Verde

“O tempo passa rápido”

Há menos de um ano em Cabo Verde, Wu Yuanshan, embaixador da China, diz que o tempo passou muito rápido, sinal de que é bom estar no arquipélago. Fala das obras, das relações de amizade, da nova China e da sua relação com África e os países de língua portuguesa

“A China tem uma relação tradicional com a cultura e com a língua portuguesa”, diz o embaixador da China em Cabo Verde, salientando que com a “abertura e reforma do país”, iniciadas há 30 anos, aumentaram também os contactos e as relações com muitos países, sendo que através de Macau o “gigante asiático” quer, deseja, “aprofundar as relações comerciais com os países de língua portuguesa”.

Wu Yuanshan não se cansa de lembrar a amizade que liga a China com os países africanos, que sempre apoiaram as pretensões chinesas na ONU, por exemplo, e lembra que a ajuda a Cabo Verde começou em Abril de 1976 e desde então não só não parou como ainda tem vindo a crescer.

Assembleia, Governo, Biblioteca, Auditório ou Barragem são só alguns dos edifícios, mas o responsável lembra outros, como o apoio ao hospital da Praia, o Estádio Nacional (início ainda este ano), habitações sociais em todas as ilhas, escolas (em construção), portos e armazéns.

“Dá a impressão de que a China sempre constrói prédios, mas é porque havia essa necessidade. Depois dos prédios, satisfazemos outros pedidos do Governo”, afirma Wu Yuanshan, exemplificando com a oferta recente de toda uma panóplia de instrumentos musicais ao Ministério da Cultura.

Depois, adianta, há também a cooperação empresarial, em sectores como a governação electrónica, a construção de centros logísticos de pesca, de uma fábrica de cimento... “São investimentos de empresas chinesas, estatais e privadas. Mas também em outras áreas, como a cultura e a formação profissional. Temos agora 50 estudantes na China, a estudar com bolsas de estudo que oferecemos”.

A China está agora também de olho no turismo,

razão por que estiveram em Cabo Verde, há pouco tempo, empresários dessa área. “Esperamos propostas e que se concretize essa cooperação. Foram assinados protocolos e instalada uma base para uma futura cooperação”, afirma.

E vem na mesma linha a conferência de empresários chineses e de países de língua portuguesa, ocorrida em Cabo Verde. Não se tratou, frisa Wu Yuanshan, de aproximar Macau e a China de Cabo Verde, mas sim de aproximar também todos os países de língua portuguesa à China e também entre eles.

De todos é o Brasil o principal “sócio” da China, nota o embaixador, referindo que o volume de negócios entre os dois já superou os 20 biliões de dólares, devendo chegar este ano aos 30 biliões.

“A China é o maior comprador de soja, de óleo vegetal e de minerais de ferro do Brasil.

Temos uma série de cooperações, como a de um satélite de recursos terrestres ou a construção de aviões para linhas regionais”.

Apesar de o país ter parceiros importantes como a Índia, o México, a Rússia, a Indonésia, a África do Sul ou Espanha, diz Wu Yuanshan que “a língua e cultura têm um papel muito importante” e que o relação de amizade com Cabo Verde faz parte de uma “relação tradicional e histórica com África”.

Zona económica

Mas quando a pergunta é se Cabo Verde vai receber uma das cinco zonas económicas especiais que a China pretende criar em África, Wu Yuanshan fica cauteloso. “É nosso desejo, estamos a esforçar-nos, estamos preparados para isso”. E mais não diz.

Mas acrescenta que essas zonas especiais podem, no futuro, ser mais do que cinco, podem ser 10, 15 ou 20. E diz também que o número de chineses em Cabo Verde já ultrapassou os portugueses.

É também por isso que Wu Yuanshan, que antes foi diplomata na América Latina, se sente em casa no arquipélago.

“Cada ilha é diferente, é bonito. E tem um clima muito agradável e gente hospitaleira e sensível. As pessoas africanas são muito sinceras”.

Está a gostar? Wu Yuanshan responde com um sorriso. “A impressão que tenho aqui é que o tempo passa rápido”. ■

F. P.



Cativar investimentos para

Angola

Angola enviou um terceiro representante diplomático para a China. Desta vez para Macau. O novo côsul-geral de Angola, Rodrigo Pedro Domingos tem uma missão bem clara: convencer os investidores a apostar no seu país, um mercado ainda “virgem”. Na RAEM, o enfoque está a ser dado ao café e à madeira

Rodrigo Pedro Domingos está há pouco mais de meio ano em Macau, onde chegou para abrir o consulado-geral de Angola na região administrativa especial, que se torna no terceiro posto diplomático do país na China, depois da embaixada de Pequim e de outro consulado em Hong Kong. Preocupado em cativar investimentos para o seu país, que diz estar “ainda virgem”, o diplomata olha também para o relacionamento da China com os países de expressão portuguesa e salienta que é uma relação “win/win”.

Interesse pelo mercado chinês

“Nós somos um mercado de 200 milhões de pessoas, já somos um mercado considerável e o contrário é ainda mais verdadeiro porque a China, com 1300 milhões de pessoas, é um mercado enormíssimo”, salienta, explicando que “hoje em dia não há nenhum país que não se interesse pelo mercado chinês”.

Por tudo isto, é um “interesse legítimo e natural” da China sobre os países de língua portuguesa e é preciso entender que a “China é um gigante e procura inserir-se no mundo dos negócios e das relações com todos os países do mundo e nós, lusofonia, somos um grupo, mas somos mais um (grupo) com quem a China se relaciona nos seus interesses”, afirmou.

A China compra tudo

No que toca a Angola, o diplomata garante que o país “faz o melhor que pode para man-

ter as melhores relações com a China” e recorda que Pequim deu “facilidades financeiras numa altura em que existiam dificuldades em encontrar apoios junto de instituições mais vocacionadas para essas operações” e que, em troca, Angola vende “bastante petróleo”, tanto que já é o seu “principal fornecedor”.

“E quando estivermos a produzir gás, provavelmente também vamos vender gás”, sustenta, recordando que as transações entre Luanda e Pequim incluem ainda diamantes, granitos e que o consulado de Macau está a tentar explorar outras áreas como a madeira e o café.

“A China compra tudo. Normalmente fala-se dos sectores mais importantes, como o petróleo e diamantes, mas também vendemos granitos e estamos interessados em vender mais e em diversificar mais as relações comerciais”, garante.

Mas se Angola, o Brasil e Portugal realizam esforços visíveis,



Os projectos da Geocapital

A *Geocapital* tem um plano de investimento de 40.000 milhões de dólares a dez anos para a produção de biocombustíveis em Moçambique, Angola e Guiné-Bissau, um projecto que vai abranger uma área de milhares de quilómetros quadrados, dar emprego a muitos trabalhadores, ao mesmo tempo que não ocupa terra destinada à produção alimentar.

O combustível da *Geocapital* será produzido com recurso à jatrofa (*Jatropha curcas*) – também conhecida como pinhão-mansó – e que é uma planta não comestível, comum em África e na América, e, segundo especialistas, será o meio que proporciona maior fiabilidade e o melhor rendimento de produção de biocombustíveis.

Com um objectivo temporal de dois a três anos para o início da produção – logo que a *Jatropha* permita a sua utilização –, na sua capacidade máxima a *Geocapital*, que em Angola está associada à petrolífera *Sonangol*, espera produzir anualmente 14 milhões de toneladas de biocombustível, equivalente a cerca de dez por cento da produção mundial.

E para os mais receosos da ocupação de terra destinada à produção alimentar no projecto, é a própria empresa a garantir que nenhuma terra da produção agrícola tradicional está incluída no investimento.

Apesar da empresa ter confirmado o projecto, as autoridades angolanas negaram conhecer o projecto, reacção que Rodrigo Pedro Domingos explica com a “contenção” do director nacional que “não se pode dizer que se desconhece”.

“Acho que é um projecto que vai para a frente pelos montantes envolvidos e pelos próprios actores do projecto”, explica Rodrigo Pedro Domingos.

A *Geocapital – Investimentos Estratégicos* tem sede em Macau e planos de produção e comercialização de biocombustíveis em todos os países de expressão portuguesa onde já desenvolve actividades, nomeadamente em Angola, Brasil, Guiné-Bissau e Moçambique. ■

J.C.S.

Criador de consulados

Rodrigo Pedro Domingos nasceu em Luanda em 1944, no bairro Operário. Cumpriu os estudos primários e foi para o Liceu Salvador Correia, onde concluiu o sétimo ano que lhe dava acesso à formação em Direito. “Faltaram os meios” e acaba a cumprir o serviço militar em vez de prosseguir os estudos em Portugal. Forma-se no Huambo, é colocado em Luanda e vai trabalhar para a Câmara Municipal da capital angolana, onde entra como aspirante e faz o curso de topografia de agrimensura. Muda de serviço ingressando na Junta Autónoma de Estradas e depois nas Obras Públicas, “até que se deu o 25 de Abril” que lhe muda a vida e a carreira de funcionário do Estado.

“Os colegas e amigos que vieram da guerrilha e do exterior pediram-me para integrar um grupo para uma formação rápida na Jugoslávia no domínio da diplomacia e assim integrei o quadro do Ministério das Relações Exteriores em Outubro de 1976”, conta.

“Fui chefe da divisão das organizações internacionais, da Ásia e lembro-me que a Ásia estava ligada à América Latina o que não achei piada nenhuma e logo ali lutei pela “independência” da região e mais tarde fui colocado em Moscovo onde fui conselheiro da embaixada de 1981 a 1984”, desfia, ao contar o percurso diplomático.

No regresso a Luanda, é chamado para uma comissão de serviço no Secretariado do Conselho de Ministros e fica com a incumbência de criar o que é hoje o Instituto Nacional da Administração Pública por onde fica seis anos a cumprir a nomeação presidencial.

Depois segue outros seis anos para o Instituto Nacional de Bolsas de Estudo e só quando termina a segunda comissão de serviço é que regressa aos quadros do Ministério das Relações Exteriores.

Inicia então um percurso na direcção dos Assuntos Jurídicos e Consulares, é nomeado director para a Europa e depois para a América. Regressa à Europa para criar o primeiro consulado-geral de Angola na Holanda, na cidade de Roterdão e, no regresso ao país, fica 15 dias, tempo para preparar as malas para rumar ao Oriente, à Região Administrativa Especial de Macau, onde volta a criar um consulado. ■

J.C.S.

Rodrigo Pedro Domingos considera que a lusofonia “não anda à mesma velocidade” ou não se esforça da mesma maneira no relacionamento com a República Popular da China. “Gostaríamos é que todos os membros da Lusofonia fizessem os possíveis para acertar o passo connosco porque funcionaríamos melhor como bloco”.

“Até diria mais: transformaríamos Macau na capital da Lusofonia. São sonhos, talvez Portugal não pense assim mas era uma questão de concertação porque a República Popular da China teria muito a ganhar com isso e a lusofonia também”, assinala.

A criação do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial Entre a China e os Países de Língua Portuguesa, o apoio à comunidade angolana que “não sendo muito grande já justifica uma presença consular para tratar dos assuntos jurídico/consulares” e a captação de investimento para a reconstrução do país são as três razões fundamentais que levaram o governo de Luanda a criar um consulado em Macau, revela Rodrigo Pedro Domingos.

“Já existe essa dinâmica entre a China e Angola, mas não concretamente com Macau e por isso achámos que Macau também podia contribuir especificamente nesse processo de reconstrução”, sublinha, salientando que há “algumas ideias que estão a ser alinhavadas”, enquanto outros projectos em áreas como o sector bancário ou até nos biocombustíveis estão a avançar.

Rodrigo Pedro Domingos está, no entanto, disponível para analisar todos os projectos que lhe sejam apresentados, já que considera que as iniciativas dos investimentos terão de partir dos interessados.

“As empresas que estiverem interessadas em investir em Angola são aqueles que vão merecer o nosso interesse e apoio, já que vamos analisar todos os projectos que nos forem apresentados”, garante. ■

*Agência Lusa, Macau

NOVOS MODELOS

NOKIA
1255



NOKIA
2255



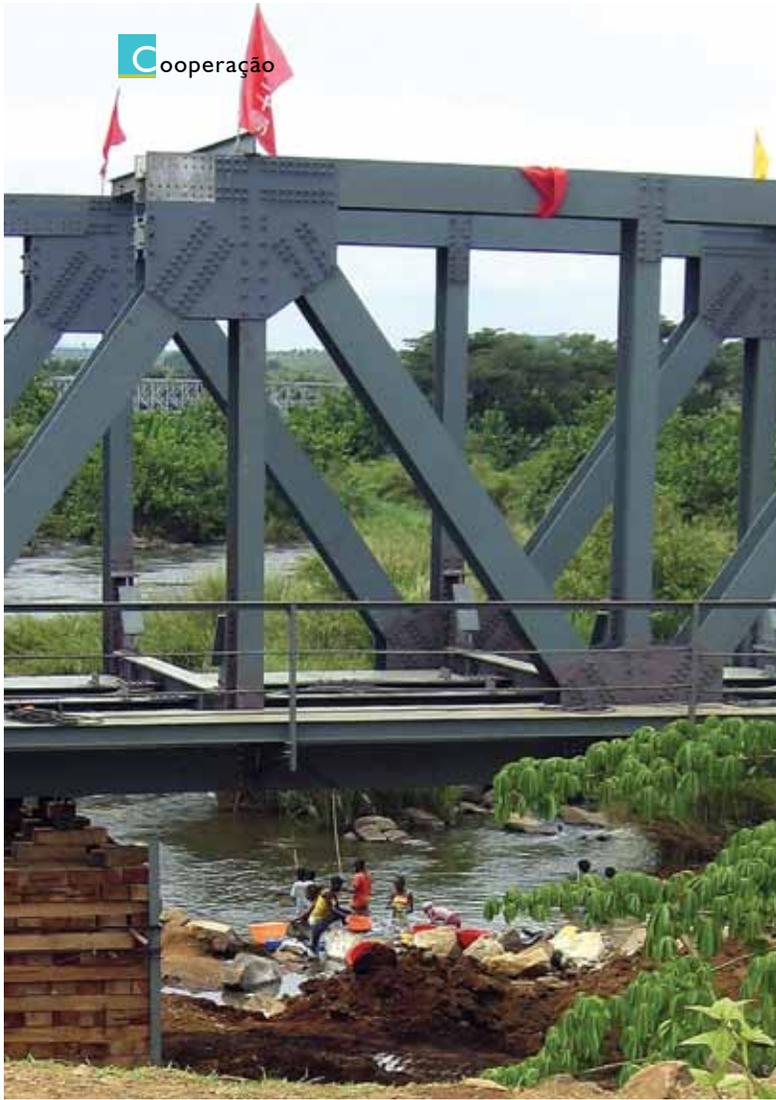
**Agora mais juntinho
do seu jingongo!**

ECITEL



Dos milionários projectos aos pequenos negócios de rua

A presença de um cidadão chinês a vender medicamentos à unidade na rua, entre os milhares de vendedores ambulantes que diariamente circulam em Luanda, é uma boa imagem da profunda e transversal presença chinesa na actual sociedade angolana



Desde o vulgar “zungueiro”, palavra que designa os vendedores ambulantes em Angola, até aos gestores de topo das dezenas de empresas chinesas responsáveis pelos milionários projectos ligados à reconstrução do país, todos parecem mover-se com facilidade numa sociedade em acelerada transformação. A emergência de uma nova Angola é sustentada por um dos mais pujantes crescimentos económicos do mundo nos últimos anos, atrelado ao aumento do preço do barril do petróleo nos mercados in-

ternacionais, mas também ao substancial aumento da produção, actualmente a passar a barreira dos 1,9 milhões de barris por dia, que faz deste país, actualmente, o maior produtor africano, superando a Nigéria no início deste ano. Para lá das grandes empresas chinesas que constroem ferrovias, rodovias, pontes e edifícios estatais um pouco por todo o território angolano, o gigante asiático está também a conquistar um importante espaço na economia de proximidade. Isto, apesar de a mais im-

portante marca chinesa em Angola ser ainda a de principal financiador do gigantesco plano de reconstrução nacional pensado em 2002, após o fim da guerra civil de três décadas.

Plano este que foi fortemente impulsionado em 2004 com a criação do Gabinete de Reconstrução Nacional (GRN), que centraliza e controla todos os investimentos suportados pela torrente de dinheiro das linhas de crédito abertas pela China para Angola.

Chineses conquistam espaço

Como contraste, em Luanda e nas principais cidades do país, Benguela, Huambo ou Lubango, já é possível contratar pequenos empresários chineses da construção civil para vulgares obras em casa a preços muito inferiores aos praticados pelos nacionais ou, por exemplo, pelas empresas portuguesas, com presença mais antiga neste sector em Angola.

Desde pequenos negócios de fotocópias, na venda ambulante ou como motoristas de táxi, os cidadãos chineses vão conquistando o seu espaço, não se coibindo de encontrar habitação nos bairros pobres (musseques) que enxameiam a periferia de Luanda devido aos exorbitantes preços praticados no arrendamento de casas na zona urbanizada da capital angolana. Na génese desta importante presença humana em An-

gola, cuja dimensão mais visível são os milhares de operários que as grandes empresas chinesas colocaram no país nas centenas de obras em curso, está a decisão tomada pelo governo de Luanda a seguir ao fim da guerra, em 2002, de transformar o país num “canteiro de obras”, expressão usada pela primeira vez em 2004 pelo Presidente angolano, José Eduardo dos Santos.

O “Canteiro de Obras” em que o país está transformado serve para recuperar e reconstruir tudo o que foi desfeito em mais de 30 anos de um destruidor conflito armado, iniciado logo após a independência, em 1975, essencialmente entre os braços militares do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA, no poder) e a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA, actual maior partido da oposição).

Para custear este processo de reconstrução, Luanda virou-se para o gigante asiático. Conseguiu rapidamente um acordo com Pequim que, através de substanciais linhas de crédito abertas pelo *Exim-bank*, enviou biliões de dólares norte-americanos para Angola.

Volume de negócios já supera os 14 mil milhões

Segundo números oficiais revelados recentemente em Luanda por um destacado

membro do Bureau Político do Partido Comunista Chinês, He Guoqiang, o volume de negócios entre os dois países eleva-se a mais de 14 mil milhões de dólares norte-americanos. A parte de leão dos financiamentos chineses chegaram através de um acordo em que Angola ofereceu garantias reais com fornecimento de petróleo à China, facto que levou recentemente este país africano ao estatuto de maior fornecedor em “ouro negro” a Pequim, ultrapassando em Abril último a Arábia Saudita, graças a um aumento de 55 por cento nas exportações. Estes dados foram divulgados pelas autoridades chinesas.

Em menos de seis anos, Angola passou a ser o segundo Estado africano com maior volume de trocas com a China, logo a seguir à África do Sul, com, segundo dados oficiais, um volume de negócios de quase cinco mil milhões de dólares norte-americanos por ano.

E a tradução deste entendimento entre Luanda e Pequim é visível em Angola pela miríade de projectos em curso com marca chinesa. Desde as obras de remodelação das principais artérias de Luanda, passando pela construção de imponentes edifícios na capital angolana, até aos gigantescos projectos de reconstrução das vias de caminho de ferro entre Luanda e Malange, e da linha dos Caminhos de Fer-

ro de Benguela, que liga a costa angolana e o interior (Huambo) com continuidade para o vizinho Congo Democrático.

Mudança de paradigma no financiamento

Como ficou recentemente acordado entre os dois governos, está em curso uma alteração deste paradigma. Enquanto até aqui todos os empréstimos chineses a Angola tinham garantias reais através do petróleo, há dois meses foi assinado um novo acordo de parceria em que Angola passa a conceder à China garantias soberanas, através do seu Orçamento de Estado. A nova realidade de financiamento, que não extingue a das garantias reais, foi acordada durante uma visita a Angola, em Abril, de Gao Jian, vice-presidente do Banco de Desenvolvimento da China e presidente do Fundo China/África. E foi Gao Jiang que explicou que este novo modelo envolve a “partilha de riscos” e é “complementar aos outros modelos já existentes”.

Pela parte angolana, o ministro-adjunto do primeiro-ministro, Aguinaldo Jaime, fundamentou a mudança, explicando que “vai ser um elemento de complementaridade porque as necessidades de Angola em matéria de reconstrução nacional são infinitas e não podem apenas ser satisfeitas pelos

mecanismos existentes”.
 Todavia, na sequência de algum secretismo que envolve as negociações Luanda/Pequim, as verbas englobadas neste novo modelo de financiamento não foram reveladas, embora se saiba que os fundos cedidos sob garantias soberanas estejam essencialmente destinados a uma resposta “às grandes necessidades sociais” que

Angola enfrenta, como a construção de habitação social e infra-estruturas básicas.

Outras fontes de financiamento para a reconstrução

Além da introdução deste novo método de financiamento chinês a Angola, Luanda está igualmente de olhos postos nos finan-

ciamentos europeus, agora facilitados pelo facto de ter alcançado um acordo com o denominado Clube de Paris, que agrega vários países doadores, através da aceitação do pagamento de uma dívida antiga.

Este passo permitiu já que a Alemanha abra-se uma linha de crédito de mil milhões de dólares e, entre outros, Espanha avançasse com a abertura de uma de

Zhao Bin, o precursor

Oito anos depois de chegar a Angola, Zhao Bin é um empresário de sucesso. Da construção civil ao mobiliário, passando pelos transportes – a vida sorri a este natural de Pequim, que trabalha 14 horas por dia e apenas vê a família duas vezes por ano

Zhao Bin chegou a Luanda em 2000. Faltavam dois anos para que a guerra que assolou Angola durante 27 anos desse lugar à paz, em 2002, e quatro para que a China se transformasse no principal financiador de um dos mais ambiciosos programas de reconstrução nacional num país africano.

É uma espécie de precursor daquilo que viria a ser a vaga de empresas chinesas a instalarem-se em Angola para dar corpo às centenas de projectos, desde a construção de hospitais, estradas, pontes... até às mais simples obras caseiras, no quadro da reconstrução nacional pós conflitos armados.

Zhao Bin é hoje, oito anos depois de chegar a Angola, um empresário de sucesso. Lidera e é

proprietário de um grupo que integra uma empresa de construção civil, uma fábrica de mobiliário e estruturas metálicas e uma empresa transportadora que faz serviços, por via terrestre, de Luanda para o interior e entre as principais cidades angolanas.

Numa bem disposta conversa, Zhao Bin, admitiu que foram e são grandes as dificuldades que sente em Angola, como são igualmente grandes as dificuldades que a comunidade e as empresas chinesas sentem neste país, a começar pelas diferenças culturais até às barreiras burocráticas, como a dificuldade em obter vistos de trabalho para funcionários.

Saudades de casa

Trabalha 14 horas por dia sempre que está em Angola porque tem que sair, para descansar, no mínimo duas vezes por ano, para passar um temporada em Pequim, de onde é natural, onde tem a família e onde tem “outros negócios”.

É na sua empresa de construção civil, a Guang De que tem a sua origem como homem de negócios em Angola, tendo começado com dois sócios angolanos mas que dirige sozinho desde 2002.

Esta empresa, de média dimensão, está preparada para projectos, normalmente entre cinco a 10 milhões de dólares norte-americanos. “Mas também fazemos empreitadas mais pequenas”, até 300 mil dólares, “embora – justificou - isso dependa do que se possa ganhar”.

Apesar de admitir que há situações em Angola

cerca de 600 milhões. Com isto, como afirmou o Ministério das Finanças há alguns meses, Angola pode “parcelar” as fontes de financiamento, o que permite uma maior versatilidade dos investimentos. É que Luanda recusa a imagem de que as relações com Pequim sejam uma espécie de namoro. “São apenas negócios” porque, segundo o porta-voz do

Ministério das Finanças angolano, Bastos de Almeida, as condições que a China ofereceu a Angola foram “favoráveis” e que nenhum outro país se disponibilizou.

Bastos de Almeida anotou ainda que se as condições oferecidas pela China tivessem sido oferecidas por outros países “Angola teria acedido”.

“Não houve nenhuma re-

lação de namoro entre Angola e a China, mas sim de negócios”, defendeu Almeida, que sublinhou ser facto aceite a China procurar abastecer-se de petróleo, elemento fundamental para o seu conhecido crescimento económico, é “porque é mais barato” abastecer-se em Angola que noutros mercados. ■

**Agência Lusa, Luanda*

que “não são nada agradáveis” como as falhas recorrentes de energia e água, e, quando instado a dar exemplos de coisas boas em Angola, depois de uma pequena reflexão, dizer que “não há nenhuma”, Zhao Bin referiu que esta perspectiva pouco animadora da sua vida neste país africano se deve “muito” ao “facto” de que “para os estrangeiros fora do seu país nada existir tão bom como a sua própria terra”.

“Mas, como todos os chineses, eu também senti um forte apelo para sair, para viajar para o estrangeiro”, disse, acrescentando, mais uma vez apesar das dificuldades, que não está a pensar regressar à China.

Zhao Bin diz ter muitos amigos angolanos, mas confessou que é entre os seus conterrâneos que passa o pouco tempo livre, destacando os jantares que as 14 horas de trabalho diário lhe permitem, e as viagens à ilha do Mussulo, a escassos quilómetros de Luanda, de barco, para uma pescaria.

“Nós os chineses estamos bem em todo o lado do mundo”, atirou Zhao Bin quando questionado sobre o porquê da escolha de Angola, lamentando, mais uma vez, a existência de doenças como a malária, que são “preocupações constantes”.

Veia para o negócio

Aos 36 anos, Zhao Bin, “como todos os chineses”, disse querer “sempre mais”. Fazer “sempre mais” é, alias, o seu azimute de vida, e os negócios são a sua trave mestra. No entanto, há altos e baixos nesta vida que escolheu. Nos últimos

anos, por causa do fenómeno da multiplicação das empresas chinesas a operar no mercado, “que fazem concorrência umas às outras”, surgiram “algumas que não conseguem ter lucro” por causa dos “muito baixos preços que se vêm obrigadas a praticar”.

Este empresário chinês anotou ainda que nos oito anos que leva de Luanda “é possível ver como o país está a desenvolver-se vertiginosamente”, dando o exemplo do trânsito que hoje é infernal mas que, quando chegou, “havia muito, mas mesmo muito poucos carros”, mostrando-se ainda admirado com o “fantástico parque automóvel” em Angola, marcadamente composto por viaturas de alta cilindrada.

Zhao Bin admitiu ainda que, “como todos os chineses”, estes oito anos de Angola o estão a transformar e que está a “ganhar hábitos locais”. O empresário apontou a ideia de que em Angola faltam quadros especializados e diz que o governo de Luanda “devia abrir-se mais ao mundo”, facilitando a entrada de empresas para “construir um país de qualidade” e “fazer baixar os preços exorbitantes” que se praticam “em todo o lado”.

Por fim, a eventuais compatriotas interessados no mercado angolano, Zhao Bin aconselha “muita prudência” porque, “mesmo sendo um país com grande crescimento”, o risco “é cada vez maior” pelo facto de as empresas virem para “concorrer com outras que operam nos mesmos sectores”. ■

R.B.

Trocas comerciais com a China aumentam

As trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa aumentaram 88,7 por cento entre Janeiro e Julho deste ano, comparativamente ao mesmo período de 2007. De acordo o Secretariado Permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, o Brasil registou trocas comerciais totais de 26,90 mil milhões de dólares, Angola está em Segundo lugar com 15,37 mil milhões de dólares e Portugal está em terceiro, com 1,43 mil milhões de dólares.



Banco de Moçambique com capitais chineses

O *Moza Banco*, inaugurado no passado mês de Junho em Maputo, vai apostar na agricultura, biocombustíveis e energia - áreas consideradas de grande importância para o futuro económico do país. A instituição resulta de uma parceria entre a *Geocapital*, do empresário Stanley Ho, e um grupo de mais de 216 accionistas moçambicanos.

Segundo o presidente da assembleia-geral do banco, Almeida Santos, o banco vai estar particularmente atento à região do Vale do Zambeze.



Comércio sino-lusófono cresce 80 por cento

Nos primeiros quatro meses do ano as trocas comerciais entre a China e os países de língua portuguesa registaram um aumento de 80,3 por cento, totalizando cerca de 13,6 mil milhões de euros (em 2007 registaram-se trocas no valor de 7,55 mil milhões de euros). O Brasil continua a liderar o grupo, as trocas entre os dois países aumentaram 64,7 por cento. Angola mantém-se na segunda posição, seguindo-se Portugal que viu as trocas comerciais bilaterais caírem 0,2 por cento.



Crédito a baixo juro para a cooperação económica

A China está a preparar a abertura de novas linhas de crédito com juros abaixo do mercado, para financiar operações de importação e exportação, e de investimento nos países de expressão portuguesa.

A coordenadora do Gabinete de Apoio do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa, Rita Santos, diz esperar “que entidades bancárias de outros países estejam também interessadas na cooperação”.





2011 ano de Portugal na China

Portugal e a China podem começar a trabalhar em conjunto no continente africano no próximo ano, e 2011 vai ser o Ano de Portugal na China. Um anúncio feito aquando da visita a Pequim do secretário de estado português, João Gomes Cravinho, por ocasião do encontro Portugal-China. O governante indicou ainda que Portugal está disponível para esta colaboração com a China, reconhecendo que existe a possibilidade de avançar com projectos concretos, sobretudo na área das infra-estruturas em 2009/2010.



Trinta e cinco empresas chinesas na lista da Forbes

A refinaria chinesa *Sinopec* lidera o grupo das empresas chinesas, ocupando a 16ª posição na lista das 500 maiores empresas da Forbes. Outras 34 empresas fazem parte deste ranking, constituindo o melhor resultado atingido pela China. Entre as melhor classificadas estão também a *State Grid*, em 24º lugar, e a *China National Petroleum Corp (CNPC)*, no 25º posto. A empresa de retalho norte-americana *Wal-Mart* está na primeira posição, com um total de vendas superior a 378,8 mil milhões de dólares.



Reservas chinesas atingem novo recorde

As reservas chinesas de moeda estrangeira, as maiores do mundo, atingiram os 1,8 triliões de dólares norte-americanos em finais de Junho. Um aumento de 35,7 por cento em relação a 2007. Entre Janeiro e Junho as receitas cresceram 280,6 mil milhões de dólares.

As reservas chinesas têm aumentado à medida que o Banco Central chinês capta dinheiro da economia através da venda de obrigações, para reduzir a pressão que leva ao aumento dos preços.

O Japão tem as segundas maiores reservas mundiais, no valor de 973 mil milhões de dólares.



China representada na Feira Internacional de Luanda

A edição deste ano da Feira Internacional de Luanda, o maior certame económico de Angola, contou com a participação de 550 empresas, (200 eram angolanas e 350 provenientes de 26 países, entre eles a China). Nesta 25ª edição da feira, a organização decidiu destacar a formação profissional nas suas mais variadas especialidades e o lançamento de novos produtos de alta tecnologia, principalmente na área da construção.

BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: www.bnu.com.mo

O **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todos aqueles que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行



— Desde 1902 —



Convivência

Marta Curto (texto) e Ricardo Franco (fotos)



Entre culturas

O português é uma das línguas oficiais de Macau até 2049, mas o cantonês domina as ruas e as conversas. Valem os tradutores, única ponte entre os portugueses que vivem em Macau e o mundo chinês

“**H**oje a tradução vai ser em inglês, francês e alemão”. Os quatro jornalistas portugueses olham uns para os outros, de sobrolho levantado, e voltam os olhares para a cabine escura, onde Catarina Kuan não pára de se rir. A intérprete fala de novo pelo microfone. Estava a brincar. Acena com um sorriso aos profissionais, que já conhece. Eles sorriem de volta. Conhecem-lhe mais a voz, normalmente pelo canal 2 do aparelho de tradução simultânea.

“Hoje, a segunda Comissão Permanente discutiu a Reestruturação de Carreiras nas Forças e Serviços de Segurança”, diz Fong Chi Keong, presidente da segunda Comissão Permanente, sentado à ponta da enorme mesa de uma sala de reunião da Assembleia Legislativa (AL).

Catarina vai traduzindo, com hesitações na escolha das palavras, sotaque de língua estrangeira na ponta do português aprendido. Os dez jornalistas chineses escrevem, fazem perguntas, conseguem até brincar com Fong Chi Keong. Os portugueses só ouvem Catarina, é por ela que sabem das notícias da Assembleia.

Catarina é uma das principais pontes entre os portugueses, que estão hoje em Macau, e o Governo da RAEM.

Segundo a Direcção de Serviços de Estatística e Censos de Macau residiam no território, em Março de 2008, 543 mil pessoas. Para estas, só se estimam existirem 65 tradutores oficiais de cantonês para português e vice-versa, sendo que dez trabalham na Assembleia Legislativa e os outros 55 fazem parte dos quadros da Direcção dos Serviços de Administração e Função Pública, dos quais 32 são funcionários internos e outros 23 estão destacados em outras entidades públicas. Estes números são meras estimativas, já que não existem dados oficiais sobre o assunto.

Fora da função pública, Leo Stepanov, director da empresa de tradução *Macau Translations*, explica que “dos tradutores de português para cantonês, e vice-versa, no mercado livre, que conseguem fazer trabalho de qualidade aceitável, só conheço dois”.

Para o bem e para o mal, com maior ou



sa, onde todas as disciplinas eram dadas em português. Mas mais crianças macaenses tinha à sua volta, já ia para casa de português feito.

Quando o curso de tradução da Escola Técnica da Direcção dos Serviços dos Assuntos Chineses abriu, Catarina não pensou naquilo que queria fazer da vida, que os chineses são práticos. Trabalho é trabalho, dinheiro é dinheiro. “Eu sabia falar as duas línguas, e o curso abriu naquele ano. Entrei”, recorda. Esteve ali três anos, até que a Direcção a mandou para Portugal, na derradeira prova. Foi a única vez que esteve na terra que traduz. Em Coimbra.



Catarina Kuan, à esquerda, numa sessão da Assembleia Legislativa

“Fui para o Centro de Estudos e Formação Autárquica, onde estive um ano. Aquilo era muito diferente de Macau, mas gostei das pessoas, era um ambiente muito agradável”. Voltou para Macau em 1992 e, um ano mais tarde, foi trabalhar como tradutora da Assembleia. Até hoje.

Faltam tradutores

À pergunta: “gosta do que faz?”, Catarina hesita, muito. É trabalho. E sim, acha que gosta, acaba por dizer. Não é um emprego fácil. Sobretudo porque a necessidade é muita e os tradutores escasseiam. “Não há muita tendência ou vontade em escolher esta profissão. Há pessoas que mostram interesse, mas quando percebem a quantidade de trabalho que dá, deixam logo a ideia”.

Só nas Linhas de Acção Governativa, realizadas todos os anos na Assembleia para planear o ano seguinte, são necessárias equipas de quatro intérpretes. Nas Primeiras Jornadas de Direito e Cidadania da Assembleia Legislativa de Macau, em Janeiro, foi necessário recorrer aos serviços de uma empresa de traduções. “Acho que o trabalho mais difícil para mim foi ainda em 1999, quando durante a administração portuguesa ainda funcionava a Assembleia Legislativa de Macau, , mas também já existia a Assembleia da Região Administrativa Especial de Macau. Na madrugada de dia 20 de Dezembro tivemos de aprovar toda a Lei de Reunificação. Foi um trabalho duro, que durou muitas horas. Mas há outros assim”.

As queixas acalmam e o esforço parece compensar quando Catarina fala na tradução para jornalistas. “É muito bom sentir que somos a ponte entre os portugueses que cá vivem e a AL. É um trabalho importante, mas difícil, sobretudo a interpretação simultânea”. Traduzir ao minuto, começar uma frase antes de saber para onde ela vai, e, muitas vezes, ter de adivinhar o que o político vai dizer. “É muito complicado traduzir alguém que tenha um discurso confuso, pouco coerente. Muitos não acabam as frases, passam logo

para outra ideia”, conta, acrescentando que gosta de traduzir o deputado Cheong Chi Keong. “Ele expõe as ideias de uma maneira clara e fala a um ritmo razoável”. E ainda assim, mesmo com tempo para escolher a palavra mais adequada, mesmo conseguindo, com uma margem de erro controlada, adivinhar o que vai dizer, há sempre o problema inerente a qualquer tradução: a cultura.

“É que há expressões em cantonês que simplesmente não existem em português e vice-versa”. A única solução é conhecer bem a cultura de ambos os povos, mas não é uma solução fácil para quem só esteve em Portugal uma vez. Catarina defende-se, lendo jornais portugueses, falando com portugueses. E chegando à conclusão de que “os portugueses são mais abertos, percebemos logo o feitio das pessoas. Os chineses são reservados, mas também brincalhões”. Catarina admite que já tem um pouco das duas culturas dentro de si. Aliás, pensa em cantonês, mas apanha-se a sonhar em português.

Entre Trás-os-Montes e Macau

Leonardo Correia tem 32 anos e é o mais *fashion* dos intérpretes de português. Trabalha na Direcção dos Serviços de Administração e Função Pública (SAFP) e traduz, muitas vezes, conferências de imprensa oficiais. Os jornalistas portugueses conhecem-no como “o rapaz novo, óculos de massa pretos, brinco na orelha”. Reconhecem-lhe mais a voz, ou o sotaque meio abasileirado, que nem lhe vem do pai transmontano, nem da mãe sino-japonesa. A história dos pais é o cliché das missões ultramarinas: ele era militar, veio para Macau, conheceu a mãe, nasceram cinco filhos. Leonardo é o mais novo. E conhece bem a cultura portuguesa.

Nas licenças prolongadas do pai, a família rumava ao outro lado do mundo. Desde pequenino que Leonardo come chouriços e alheiras. Mas, academicamente, o seu percurso não é muito diferente do de Catarina. Esteve no Colégio Dom Bosco, inscreveu-se no curso de tradução da



Leonardo Correia, já serviu de intérprete de Cristiano Ronaldo e José Sócrates

Escola Técnica da Direcção dos Serviços dos Assuntos Chineses, “porque um amigo lá estava”, e acabou em Coimbra, no mesmo Centro de Estudos e Formação Autárquica. “Macau não tem uma vida académica tão intensa, eu lembro-me de passar pelas cantinas universitárias e aquilo estar cheio de gente trajada”. Aos fins-de-semana, lá ia ele de comboio para Lisboa, onde os pais moravam. Cidade interessante, mas só para aposentados. “Não gostaria de viver em Lisboa, é uma cidade muito grande, uma pessoa tem de sair duas horas antes de casa para chegar a horas ao emprego. E é uma cidade muito cara também”.

Para Leonardo, não há outra como Macau, e mesmo que existam cada vez mais oportunidades de emprego nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, progressivamente invadidos por investidores chineses, não é para lá que quer ir. Já está há dez anos nos SAFP e “se ainda precisar do dinheiro, quero fazer isto para o resto da vida”. Mesmo que cada ano que passe signifique mais trabalho, mesmo que, também ele se queixe de falta de colegas.

“É uma profissão muito cansativa. Não sou capaz de saber tudo, mas tenho esse dever. E quem fala, sabe sempre mais do que nós”.

Os intérpretes gostam de se inteirar do assunto que vão traduzir, até porque, não raras vezes, os jornalistas ligam mais tarde a tirar dúvidas. Mas nem sempre há tempo para o trabalho de casa. Em Janeiro, houve 30 serviços, que raramente tocaram no mesmo assunto.

Valem-lhe as lembranças e os famosos, como Cristiano Ronaldo e José Sócrates, que já traduziu. “Lembro-me quando aconteceu a liberalização do jogo. Houve tantas propostas que trabalhámos naquilo durante dois ou três dias. Mas tivemos uma participação activa num dos momentos mais importantes da nossa história recente. Lembro-me também da primeira manifestação laboral que houve depois da transição. Aconteceu num fim-de-semana, nós fomos para lá a correr. A conferência de imprensa foi feita pelo

próprio Chefe do Executivo”.

Por estas e por outras, Leonardo considera que, como intérprete, tem acesso a muitas oportunidades e “tenho muito orgulho na minha profissão”.

Nos SAFP existem três intérpretes fixos. E são todos chineses. A maioria veio de escolas portuguesas ou luso-chinesas.

O russo que ajuda os portugueses a entenderem chinês

“Um bom tradutor é *free-lancer*. Está sempre em viagem e conhece muito bem a cultura do país que traduz. O problema dos tradutores em Macau é que não saem daqui. Por mais que pratiquem, é sempre português aprendido”.

Leo Stepanov é o homem a quem ligar quando há falta de tradutores. É russo, está em Macau desde 1991 e fala português, inglês, russo, cantonês, mandarim, alemão italiano e está a aprender coreano. A sua empresa, a *Macau Translations*, abriu em 1999 na avenida da Praia Grande, mas está um pouco por todo o mundo, trabalhando com cerca de 40 profissionais. As Primeiras Jornadas de Direito e Cidadania da Assembleia Legislativa de Macau, em Janeiro, contaram com ele, assim como os Jogos Asiáticos em Recinto Aberto, em Outubro do ano passado.

Para além de interpretação simultânea, a *Macau Translations* também traduz artigos chineses para publicações portuguesas. Em contrapartida, a comunicação social chinesa pede traduções de jornais russos e árabes, por achar que “a população local não se interessa por informação europeia”.

Neste momento, Leo recebe três candidaturas por dia de potenciais tradutores em Macau. E mesmo assim, considera que há poucos. “Macau ainda tem muito por onde se desenvolver e a procura vai ser cada vez maior. Saem 100 tradutores de português por ano de Pequim e eles acham que é suficiente”. O inglês, aprendido na infância europeia, também é pouco falado nesta zona da Ásia. Mas a explicação é simples. Saída da claustrofóbica Revolução Cultural, a China só se começou a abrir para o mun-

“Um bom tradutor é *free-lancer*. Está sempre em viagem e conhece muito bem a cultura do país que traduz”





do nos anos 80, e ninguém esperava que o mandarim fosse a língua mais falada do mundo no espaço de duas décadas.

“Chinês quer dizer o homem do país que está no centro do mundo. E é assim que ele se vê”, explica Leo, acrescentando que um chinês não pensa que pode ser útil aprender inglês, mas aprende um idioma consoante as circunstâncias. “Tem aulas de sueco se está a pensar em integrar uma empresa sueca, ou aprende checo porque têm uma namorada checa”, admite.

E, no entanto, a Rádio Internacional da China transmite diariamente programas em 38 línguas estrangeiras. “Porque o chi-

nês é prático e curioso. Interessa-lhe saber o que acontece no mundo, o que os outros fazem, para fazer melhor”, responde Leo.

No anuário da Universidade Autónoma de Lisboa de 2001, Janus 2001, Inês Costa Pessoa, Assistente de Investigação no Observatório de Relações Exteriores da UAL, apresenta um inquérito aplicado a uma amostra de 226 chineses que estudam português. A maioria dos inquiridos são do sexo masculino, falam cantonês e têm idades compreendidas entre os 25 e os 30 anos. Estudam português para aceder “a uma língua que lhes é útil ou pelo desejo de promoção profissional”.



Yao Jingming, tradutor de Eugénio de Andrade

“Na presença dele, a língua portuguesa torna-se mais sensível. Às vezes as palavras estão a dormir e os poemas dele têm a capacidade de acordá-las com a sua sensibilidade”

Stepanov contradiz o estudo dizendo que o português é, muitas vezes, aprendido por acaso. Segundo o tradutor, muitos chineses acabaram numa aula de português, porque a da língua escolhida estava cheia. “E eles não querem perder o lugar na universidade”. Em vez do inglês ou do português, Leo diz que os chineses querem aprender russo ou árabe. “Aliás a tradução para árabe é das mais baratas, por haver tanta oferta”, admite. A sorte é que, tal como os russos ou os portugueses, os chineses têm o dom de aprender línguas com facilidade, e, segundo Leo, dom natural garante dez por cento do sucesso na profissão. O resto é o tempo que dá, os livros

que se lêem, as pessoas que se conhecem. “É preciso ter treino e um grande conhecimento geral, sobretudo quando se faz tradução simultânea onde não há tempo para pensar, para procurar a melhor palavra. E este é um dos grandes problemas de Macau. A juventude consegue ser boa, mas nunca será muito boa porque não viaja”.

Ler livros e jornais pode ser uma solução para o problema, mas não o faz desaparecer. Por exemplo, por melhor que se saiba inglês, como adivinhar que, em Hong Kong, existe um tribunal, mas também existe um *court*? Existe um juiz, mas também existe um magistrado? ■

Traduzindo os clássicos

Em 1993 o Instituto Cultural de Macau queria dar o pontapé de saída à colecção Biblioteca Básica de Autores Portugueses, que passava por traduzir os maiores clássicos lusos para chinês. “Nessa altura encontrava-me em Portugal, como docente da Faculdade de Letras de Lisboa e fui convidada para coordenar o projecto. Fazia-o à distância, entre viagens para Macau”, explica Ana Paula Laborinho. Em arquivo já existiam algumas traduções que aguardavam edição, mas faltava um projecto viável. Mais do que tudo, uma editora chinesa de confiança. A tradução chinesa de autores portugueses já não era nova, tendo explodido em força nos anos 80. Antes disso, já Esteiros, de Soeiro Pereira Gomes, e alguns contos de Eça de Queirós e Fernando Namora tinham sido publicados, mas todos de outras línguas estrangeiras para chinês. Só na década de oitenta, começaram a ser traduzidas as obras originais, nomeadamente Amor de Perdição, de Camilo Castelo Branco, o Crime do Padre Amaro, de Eça de Queiroz, e As Pupilas do Senhor Reitor, de Júlio Dinis.

Mas mesmo com uma já provada abertura do mercado chinês à literatura portuguesa, a missão de Ana Paula Laborinho não se revelava fácil. “O primeiro passo consistiu em envolver uma editora chinesa, Montanha das Flores, de uma cidade próxima de Pequim. As negociações foram difíceis por causa da barreira linguística e porque havia uma série de condições a acertar e formas de trabalho a conjugar”, recorda Ana Paula. Valeu-lhe o apoio de um dos decanos da tradução, Fan Weixin, hoje tradutor de José Saramago, na China. Ele estava envolvido desde o início no projecto, seria dele a primeira tradução, O Primo Basílio (Eça de Queiroz), e acabou por ser ele a fazer o contacto com a editora. “O livro do Fan Weixin saiu e passámos a lançar quatro volumes por ano”, recorda Ana Paula. Não era difícil encontrar os tradutores necessários. Afinal, havia poucos e todos se conheciam. “Entregávamos várias obras para lerem e deixávamos que escolhessem. Quase todos os tradutores residiam em Pequim, eram tradutores

seniores e muitos professores na Universidade de Línguas Estrangeiras de Pequim”, lembra Ana Paula, que, a partir de 1996, se tornou presidente do Instituto Português do Oriente, em Macau. Dois anos mais tarde, o projecto mudou-se para a tutela deste organismo no quadro da transferência de competências no domínio da língua e cultura portuguesas.

O projecto Biblioteca Básica de Autores Portugueses foi suspenso em 2000, mas Ana Paula, que vive hoje em permanência em Portugal, sendo professora na Faculdade de Letras de Lisboa, ainda recorda o ponto alto do seu esforço. “A melhor notícia surgiu com o prémio Lu Xun atribuído à tradução de Fan Weixin do Memorial do Convento, ainda antes de José Saramago ter ganho o prémio Nobel”. O galardão é atribuído de dois em dois anos à melhor tradução de uma obra estrangeira e é o maior prémio da China, entregue numa grande cerimónia realizada no Palácio do Povo.

Heróis de uma vida

“Nas vésperas da partida da minha segunda visita a Lisboa, em 1987, onde ia frequentar um curso de língua e cultura portuguesa na Faculdade de Letras, Jorge Amado visitou a China a convite do Ministério da Cultura chinês. Num banquete que ofereceu em Pequim, perguntou-me se ia estudar em Lisboa, até hoje não sei como ele sabia disso. Respondi que sim. Perguntou-me se conhecia a literatura e os escritores de Portugal, ao que citei uma expressão chinesa ‘tenho apenas escuridão diante dos olhos’. Então, perguntou-me se queria que escrevesse uma carta de recomendação. Pode-se imaginar a minha reacção: alegria e agradecimento. Estavam na carta os nomes de Miguel Torga, José Saramago e muitos escritores e críticos literários portugueses”. E foi assim que Fan Weixin acabou por conhecer José Saramago.

Em 1960, Weixin entrou na Faculdade de Línguas Estrangeiras do Instituto de Radiodifusão de Pequim para estudar português, onde en-

controu um “curso difícilimo”. A professora era brasileira, de origem italiana, e não sabia uma palavra de chinês. Os 14 alunos não sabiam uma palavra de português. O único dicionário que existia era de português-japonês, mas o curso lá se foi fazendo devagar devagarinho. Quando saiu, Weixin foi trabalhar para secção portuguesa da Rádio Pequim, actual Rádio Internacional da China, como locutor e jornalista. “Só comecei a profissão de tradutor de literatura em 1978, após o término da famigerada ‘grande revolução cultural’. Eu disse em muitas ocasiões que sou um tradutor de literatura ‘amador’, pois traduzia obras literárias apenas nas horas de folga”. Começou com autores brasileiros, nomeadamente Jorge Amado. E foi com a carta de recomendação deste autor que acabou por chegar a José Saramago, em 1987.

“Eu disse-lhe que não iria traduzir o Memorial do Convento, não queria estragar uma obra de que tanto gostava. Na altura, não imaginava que levaria seis anos para tomar a decisão. Foi na cerimónia do lançamento da minha tradução do Primo Basílio, de Eça de Queiroz, em Macau, salvo erro em 1994, que a imprensa me ‘metralhava’ com perguntas. No meio da confusão, um jornalista português perguntou-me qual ia ser o próximo livro que iria traduzir. Nesse momento, não sei porquê, a resposta saiu-me na ponta da língua: o Memorial do Convento. Houve um murmúrio na sala que me levou logo a dizer: Sei que a tradução de um livro como este é um osso duro de roer, mas farei o possível para oferecer aos chineses um Memorial com os mesmos cheiros e sabores do original”.

Weixin demorou dois anos a completar a árdua tarefa, experimentando as maiores dificuldades da sua carreira de tradutor. Faltavam-lhe os conhecimentos da cultura portuguesa, sobretudo de história e religião. “Devido à situação chinesa e à tradição familiar, sou ateu e nunca pus os pés numa igreja”. O Memorial do Convento saía em 1996 e em 1998 recebia o Prémio Lu Xun. Em 2002, Fan Weixin traduziu o Ensaio sobre a Cegueira, também de José Saramago. Hoje não há quem encontre estas obras em lado nenhum. Totalmente esgotadas.

A obra de Fan Weixin não se resume a José Saramago, mas foi o prémio Nobel que lhe valeu

o nome de herói. “Os chineses premiaram a tradução do Memorial do Convento seis meses antes da atribuição do Prémio Nobel a Saramago, de forma que um artigo que comenta a atribuição de Nobel ao escritor português no jornal Vespertino de Pequim leva o título ‘Os heróis têm semelhante visão’”.

Palavras adormecidas

“Quando eu conheci o Eugénio de Andrade ele já era um velhote. Dizia-se que era muito inacessível, mas comigo sempre foi simpático”. Yao Jingming é poeta de alma e tradutor de profissão. Trabalhava no Instituto de Estudos Literários de Pequim quando a Fundação Gulbenkian enviou um livro do autor português para a instituição. “Comecei a traduzi-la espontaneamente e enviei o resultado para o Instituto Cultural de Macau”. Era uma pequena antologia de poemas, e acabou por sair em 1991 sob o nome Com as Palavras Amo. “Foi publicada em Macau e depois em Portugal. Foi lá, na apresentação do livro que Eugénio de Andrade recitou em português e eu em chinês. Eu dizia-lhe que receava cometer erros porque não tivera tempo de rever o trabalho, mas ele respondia-me que não fazia mal, para continuar a declamar que ninguém ali entendia chinês”, recorda a sorrir.

Com uma longa carreira atrás de si, que incluiu a tradução de vários autores de renome, Yao ainda mantém o fascínio inicial por Eugénio de Andrade. E ainda consegue ficar abismado com alguns versos. “Procuro a ternura súbita, os olhos ou sol por nascer, do tamanho do mundo, o sangue que nenhuma espada viu”, lê, enternecido.

“Na presença dele, a língua portuguesa torna-se mais sensível. Às vezes as palavras estão a dormir e os poemas dele têm a capacidade de acordá-las com a sua sensibilidade”.

Como todos os tradutores, Yao admite que a grande prova que a profissão tem de passar é a questão da cultura. “É a língua que carrega a cultura, mas acho que o mais importante é que o tradutor não perca o poema entre a língua de partida e a língua de chegada”. ■

M. C.

Português ensinado

Todos os anos, a licenciatura em tradução e interpretação chinês-português do Instituto Politécnico de Macau (IPM) aceita 40 estudantes e todos os anos há listas de espera, sobretudo no que diz respeito a candidatas oriundas da China continental. “Este curso tem muita procura, sobretudo da China continental que tem cada mais empresas a investirem no mundo de língua portuguesa. Por outro lado, os alunos de Macau fazem este curso para entrarem nos serviços públicos, é o seu objectivo”, admite Li Changsen, coordenador do programa do curso, adiantando que a maioria dos estudantes são chineses. “Com sangue português, só temos os macaenses, que têm ascendência portuguesa”, refere o coordenador. Em Portugal, no entanto, há também quem esteja interessado em especializar-se no domínio das duas línguas e, por isso, o Instituto Politécnico de Macau assinou, há dois anos, um acordo com o Instituto Politécnico de Leiria, onde ficou acordado que todos os anos seria enviada uma turma portuguesa para praticar o seu chinês em Macau. Ir a Portugal também é um desejo dos alunos do politécnico de Macau. “Muitos vão no final do ano por 15 dias ou três semanas. Querem conhecer o país que vão traduzir e isso é muito importante para formar um bom tradutor. Nós temos disciplinas dedicadas à cultura dos dois países, mas é sempre bom visitar Portugal”, diz Li Changsen. Do seu lado, a Universidade de Macau (UM) criou um bacharelato em Língua e Cultura Portuguesa em 1990. “O curso tem pouco mais de 60 alunos, todos chineses, e a maioria quer ser tradutor quando se licenciar”. Márcia Smaltz é brasileira e chegou a Macau há um semestre para dar aulas na UM. Admite que, embora a licenciatura de quatro anos não forme tradutores, a principal incidência do curso é tradução e interpretação. “A maior dificuldade deles é a falta de background cultural. Mais do que a língua, a tradução baseia-se no entendimento da outra cultura, já que uma mesma palavra pode ser usada em vários contextos. Para isso, um chinês que queira ser tradutor de português tem também de ter noções de mitologia grega, história romana e outros temas que influenciam grandemente a cultura portuguesa”.

No ano lectivo de 2007/2008 a instituição abriu um mestrado em letras, variante tradução, que conta com 20 inscrições, tanto de estudantes chineses, como portugueses, segundo Christina Chan, porta-voz da Universidade. E o curso de Verão dedicado à tradução de chinês para português já tem 20 inscrições. “Há interesse nesta formação, mas ainda estamos a anos/luz da tradução de inglês para chinês, que está muito mais desenvolvida”. O português é língua oficial de Macau, mas o inglês é a língua universal.

O Centro de Língua Portuguesa do Instituto Português do Oriente (IPOR) também oferece Cursos de Língua Portuguesa, organizados em Cursos Gerais e Cursos Específicos. Paula Costa é professora de português no IPOR há três anos e adianta que a maioria dos seus alunos são chineses de Macau, que trabalham na função pública, mais precisamente na Direcção dos Serviços de Administração e Função Pública.

Nestas aulas não há falta de alunos já que entender português é uma mais-valia na carreira. A exigência profissional é benéfica porque cria mais bilingues em Macau, mas a verdade é que estes alunos estão mais preocupados em saber ler e escrever português, de forma a traduzir documentos oficiais chineses, do que falá-lo correctamente, já que raramente terão ocasião de o fazer no dia-a-dia. O resultado são alunos relutantes em praticar o português na oralidade. “É muito difícil fazê-los falar nas aulas, o que dificulta a aprendizagem nos primeiros módulos, onde o aluno está a entender as bases da língua”. Outra das dificuldades da aprendizagem é a cultura. Não a cultura dos dois países, mas a cultura dos dois sistemas de ensino. “O sistema de ensino do cantonês é baseado na memorização, portanto é natural que, no início, os alunos estranhem o nosso sistema mais baseado na oralidade e no raciocínio lógico da língua. Por outro lado, no cantonês não existe flexão verbal ou de número, nem feminino ou masculino, e nas primeiras aulas os alunos chineses sentem algumas dificuldades em entender o português”. ■

M. C.



Por outras palavras

Num seminário com tradução em simultâneo, realizado em Macau, o orador a dada altura disse: “Em casa de ferreiro, espeto de pau”. O tradutor, que agilmente reproduzia em cantonês as palavras ditas em português, hesitou. Houve um compasso de espera, até que de novo a voz em chinês se fez ouvir: “Vendedeira de óleo de sésamo, penteia o cabelo com água”

Ler em chinês e explicar em português, ou vice-versa – é um exercício que une dois mundos estruturalmente muito diferentes. Assim como a língua portuguesa tem as suas variantes, também o chinês varia, chegando a ser incompreensível do Norte para o Sul - de região em região, da fala para a escrita e de tom em tom. Falar chinês o que quer dizer? Quer dizer mandarim, cantonês, xangainês, taiwanês e muitos outros dialectos com ou sem forma escrita.

No seminário com tradução em simultâneo, a mensagem passou de forma clara. Os que dependiam da tradução em cantonês para acompanhar a sessão nem se aperceberam da adaptação improvisada. O ferreiro passou a vendedeira, e o espeto de pau a água.

O tradutor optou por fazer uma correspondência de valores entre expressões. Foi uma correspondência entre culturas distintas que pensam do mesmo modo mas expressam-se de forma diferente.

Também poderia ter sido dito: “Em casa de feitiçeiro, canta o fantasma”, como foi sugerido por um dicionário de correspondências entre expressões idiomáticas e provérbios portugueses e chineses. O resultado teria sido igualmente positivo.

A língua chinesa funciona com e por ideias. Há quem diga que é poética por isso mesmo - a chuva não é

simplesmente “chuva”, definida numa palavra, mas sim a “água que cai”.

A cada carácter corresponde uma sílaba que, isolada ou conjugada com outra sílaba, representa uma palavra na língua portuguesa.

Comboio diz-se, em cantonês, “fó tché” (romanização livre do autor do texto, seguindo apenas a fonética dos caracteres), literalmente “fogo carro” que é entendido como “carro de fogo”. Um choco é o “óleo peixe” (“yau yû”), que será “peixe com óleo”.

Para o caso de uma pessoa se sentir “inquieta” e o quiser transmitir por escrito, os caracteres utilizados são o do cavalo e o da pulga. E para se dizer computador, associa-se a electricidade ao cérebro: “tin lôu” – cérebro eléctrico.

火车

Comboio

魷魚

Choco

電腦

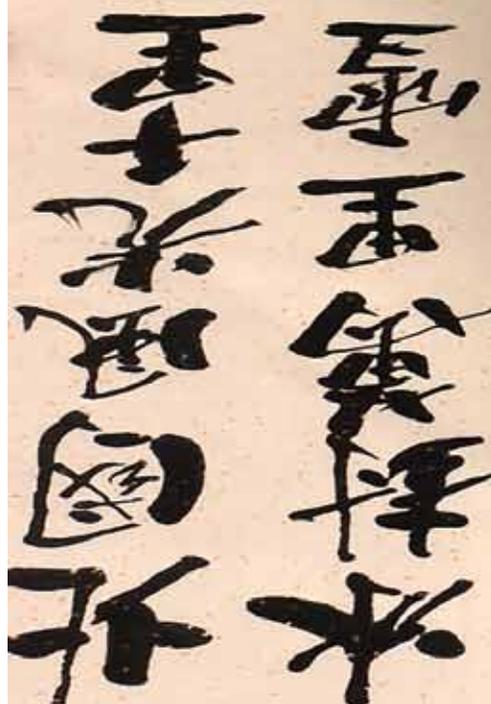
Computador

Idiossincrasias

Numa viagem ao continente chinês, um antigo governador de Macau, quando recebido pelas autoridades locais, foi elogiado devido ao seu nome em chinês.

Os nomes chineses são geralmente escolhidos pela

A língua chinesa funciona com e por ideias. Há quem diga que é poética por isso mesmo - a chuva não é simplesmente “chuva”, mas sim a “água que cai”.





外
風
望
長
城

外
風
望
長
城

forma como soam e pelos caracteres que o compõem. Querem-se bonitos de “ler” e de “ouvir”. Em suma, que sejam de bom agoiro.

Com frequência também têm uma relação fonética com o nome original da pessoa, caso esta seja estrangeira. No caso do antigo governador de Macau, os elogios prosseguiram até que um dos responsáveis chineses resolveu referir-se ao seu próprio nome e começou a comparar o que um e outro significam.

O antigo governador de Macau apenas sorria sem entender nada do que estava a ser dito, o seu tradutor não conseguiu explicar as análises aos caracteres feitas em chinês nem as expressões, por vezes idiomáticas, que apenas têm sentido no seio da cultura chinesa.

Desenhar a vida

Os caracteres chineses são todos ideogramas (ou logogramas), e dentro dessa classificação, que é geral, existe o subgrupo dos pictogramas, dos ideogramas simples, dos ideogramas compostos, dos ideofonogramas, dos empréstimos e dos empréstimos falsos.

日月水火

Sol, lua, água e fogo

Os caracteres para Sol, Lua ou água representam exemplos de pictogramas - são construções figurativas da realidade.

Os pictogramas são cerca de 800 num repertório com mais de 50 mil.

No caso dos ideogramas simples, encontramos caracteres que apenas indicam a ideia, como os números um, dois e três.

Um ideograma composto pode ser o carácter para homem na prisão, que se representa através de um rectângulo com o carácter homem no seu interior, ou então associações de ideias entre o Sol e a Lua, que representa a ideia de claridade.

Os ideofonogramas são caracteres formados por um componente ideográfico (que informa sobre o significado) associado a um componente puramente fonético, isto é, que dá uma indicação sobre a provável fonética do carácter resultante. Por exemplo, há diversos caracteres que se pronunciam “ma”, quer em mandarim quer em cantonês, e que têm em comum o facto de conterem, como componente, o carácter “ma”, (‘cavalo’).

**馬
媽
嗎**

Exemplo do carácter má, que conjugado com outros dá o som: interrogação, mãe e cavalo

Quer ‘mãe’ quer ‘cavalo’ pronunciam-se “ma”, em ambos os dialectos, em-

bora com tons (entoações) diferentes. No caso do carácter que significa ‘mãe’, o radical ‘mulher’ contribui com o significado, ao passo que o componente fonético (o radical ‘cavalo’) dá uma indicação sobre o som.

Os empréstimos - classificam aqueles caracteres cujo sentido original é “estendido” à contemporaneidade. Ou seja, para criar um carácter que indique Internet, a língua chinesa foi buscar o carácter para rede (de pesca) - e “estendeu” o seu significado, para abarcar a “rede” de Internet.

網

Internet

Os falsos empréstimos acontecem quando a escrita vai buscar caracteres que caíram em desuso para traduzirem novas ideias, como o carácter de trigo que, em mandarim, passou a significar hoje em dia o verbo Ir.

Na língua chinesa escrita não há conjugações verbais, nem género ou número. “Eu ir comer arroz” é uma tradução literal do cantonês que significa “eu vou comer”. “Arroz”, neste contexto, representa uma refeição.

A globalização e as cada vez mais enredadas relações internacionais introduziram na escrita chinesa certas regras gramaticais “ocidentais”, como a pontuação e a leitura da

esquerda para a direita, embora em muitas regiões, e dependendo do dialecto, as forma tradicionais de leitura e de escrita se mantêm.

Em vários aspectos, a língua chinesa falada é mais simples e fácil quando comparada com o português. Parece um *puzzle* onde a memória vale mais do que a capacidade de entender regras.

Tendo as peças memorizadas “na mão”, para se começar a falar basta juntar o bom senso à lógica e, por vezes, ser um poeta.

A memória é muito importante, em especial na escrita do chinês, porque os caracteres aprendem-se naturalmente, através da memória. É um exercício para a vida. O hábito de qualquer linguagem aprende-se com a repetição mecânica, no chinês mais do que qualquer outra.

Apesar de ser um método de ensino por vezes criticado enquanto metodologia, até agora apresentou resultados junto de alunos estrangeiros que aprendem chinês como língua estrangeira e os alunos chineses começam desde tenra idade a repetir e a memorizar os caracteres da sua escrita.

No Grande Dicionário do Chinês, que abrange recolhas feitas entre 1986 a 1994, existem 56 mil entradas (caracteres). Desses caracteres, há uns três mil que são mais utilizados. Um letrado médio consegue, com esses três mil

caracteres, ler um jornal ou um livro de linguagem “simples”, (não os clássicos) e comunicar sem problemas.

Sons traiçoeiros

A cor azul é “lám sêk” (masculino cor). O som “sêk”, como muitos outros sons em cantonense, mal pronunciado adquire outros significados - neste caso indica, entre outros, “comer” (embora num tom diferente), “saber”, e “acender”.



Cor



Azul

Ao dizer-se “sán”, dependendo do tom, está-se a dizer “montanha”, “fechar” ou “desfazer/espalhar”. Ao passo que “san” (com a vogal “a” fechada) tanto pode querer dizer “corpo” como “novo”, dependendo da maneira como for escrito.



Montanha

A pronúncia é um dos grandes problemas para os aprendizes do chinês - trata-se de uma real ditadura dos tons, já que um tom mal pronunciado pode mudar o sentido da mensagem na sua totalidade e causar risos ou desconfian-

ça. Pode até valer fortunas e ser de excelente agoiro.

Os números são disso um exemplo perfeito. O som (em cantonês) que corresponde ao número nove, “kao”, pode também significar ‘cão’, ‘chega’, ‘pénis’ (em calão), ‘salvar’ ou ‘globo’. Este exemplo é já um dos grandes clássicos da oralidade cantonense em Macau e Hong Kong, já que os estrangeiros quando tentam dizer ‘nove’ acabam frequentemente por se referir, embora involuntariamente, ao órgão sexual masculino.

O número oito (pát) é de extremo bom agoiro porque foneticamente se assemelha a “fát”, que quer dizer fortuna. E se antes do oito estiver o número dois (i) - que foneticamente se assemelha a “fácil” - temos o número 28 que representa a “fortuna fácil”. O número quatro (sei) assemelha-se foneticamente à palavra “morte”. É um número que todos, em determinadas regiões da China, querem evitar. E se antes do algarismo quatro estiver o dois - 24 - nada poderia ser pior, já que o “dois” é consoante com “facilidade”, donde uma “morte fácil”.



Números de 1 a 10

O número dez diz-se “sâp”. Assemelha-se a “certeza” ou a “seguro”. Não há nada melhor do que jun-

tar ao dez o oito: “certeza fortuna”.

A crença no bom número é tal que em Macau se leiloam as chapas das matrículas para veículos motorizados. Os melhores números – que oferecem as melhores combinações – são colocados em hasta pública várias vezes ao ano, podendo atingir vários milhões de patacas por sessão.

As matrículas com os números 88-88, 28-88, 22-88, 18-18, 10-80, e por aí fora podem atingir números astronômicos para licitantes de fala cantonense. As matrículas que tenham letras repetidas também são alvo de grande interesse.

Numa sessão de venda em hasta pública, em 2007, um conjunto de matrículas atingiu os três milhões de patacas (cerca de 220 mil dólares norte-americanos). No entanto, se o licitante for do Norte do continente chinês, onde essas consoâncias não são valorizadas da mesma maneira, as matrículas com números “desinteressantes” para os falantes de cantonês, como o quatro, podem ser de extremo interesse. Tudo depende do som que o número tiver na leitura.

De tom em tom

O mandarim, língua oficial na China, tem quatro tons (um quinto existe, mas é neutro) e é falado pela maioria da população.

A par com o mandarim, estão os demais dialectos na-

cionais, entre eles o cantonês, falado principalmente no sul do país e por muitos elementos das comunidades migrantes chinesas.

O cantonês tem, teoricamente, nove tons, embora na prática sejam utilizados apenas seis ou sete.

Discernir as diferenças subtis entre tons é um exercício que pode frustrar não só um estrangeiro aprendiz, se for pouco dotado de ouvido, mas até chineses de regiões diferentes que se desloquem ao sul do país.

Há linguistas que consideram ser a pronúncia do cantonês muito próxima do mandarim arcaico, falado nos séculos XII ou XIII ou mesmo antes.

A poesia da dinastia Tang (618 a 907), época profícua em obras literárias, é geralmente considerada “mais bonita” quando lida em cantonês, por estar mais próxima da forma como a língua soava na altura.

Um residente de Pequim, falante de mandarim, ao chegar a Macau dificilmente entenderá os seus compatriotas. Se decidir aprender o cantonês, provavelmente vai ter dificuldades em perceber as diferenças nos tons usados por este dialecto de Guangdong.

B+A nem sempre é “Bá”

A diferença (ou semelhança) entre o cantonês e o mandarim falados pode ser comparável à relação do português com o fran-

cês, no entanto, a escrita é comum para todos os dialectos codificados, mas por vezes apresentam *nuances* importantes, que impedem habitantes de determinadas regiões de entender o que está escrito no jornal de uma outra terra.

Pode ser comparado ao português falado no Brasil e ao que se fala em Portugal: quando o brasileiro utiliza expressões regionais ou o calão é provável que um lisboeta não entenda tudo o que está a ser dito ou está escrito.

Mas existe uma enorme flexibilidade na pronúncia do carácter escrito (o que não acontece com o alfabeto latino ou com o alfabeto cirílico), por isso cada carácter pode ser lido de forma diferente consoante a região da China, com sons completamente diferentes, mas o seu significado, regra geral, mantém-se constante para toda a população.

Ana Cristina Alves, doutorada em Filosofia e docente da Universidade de Macau, é fluente na fala e na leitura do mandarim, mas quando lê um jornal em chinês em Macau, por vezes, depara-se com dúvidas. Muitas vezes não entende o que está escrito, apesar de ser o chinês que aprendeu a ler.

Em Macau escreve-se o cantonês com recurso aos caracteres tradicionais, mais complexos do que o regime de escrita adoptado por Pequim – o carácter simplificado – e utilizam-se expressões idiomáticas ou dão-se sentidos a determi-

nados caracteres que em mandarim não são utilizados ou não têm o mesmo significado.

門(门) *porta*

學(学) *aluno*

說(说) *falar*

Exemplos de caracteres tradicionais e simplificados (entre parênteses)

O facto de Ana Cristina Alves não falar cantonês não a impede de entender os diários locais, que lê como se fosse mandarim, mas quando tropeça sobre expressões idiomáticas, composições “muito clássicas” ou em “regionalismos”, então tem um problema.

Regionalismos

Em mandarim, o rés-do-chão não existe. Quando se entra num edifício com vários andares, o rés-do-chão é entendido como sendo o primeiro andar (andar em que se entra).

Razão pela qual não existe o botão “zero” em muitos elevadores na China. Quando se quer procurar a saída de um prédio e se está num elevador, o mais certo é descer ao andar um.

Em cantonês, o andar em que se entra é o andar térreo, que equivale ao rés-do-chão português.

No chinês escrito, a diferença entre rés-do-chão e primeiro andar pode causar ruído ao leitor que não

está habituado a uma das expressões.

O “andar térreo” em cantonense diz-se “têi há” (chão baixo), que quer dizer “o nível do chão”. Em mandarim a mesma expressão quer dizer “debaixo do chão”.

Uma camisola de lã em cantonês diz-se “láng sám”, ou seja, “lã roupa”. Acredita-se que a expressão vem da palavra portuguesa lã, embora também seja utilizada em Hong Kong onde a influência foi britânica.

Em mandarim, uma camisola de lã diz-se “mao yí”. O carácter para representar o “láng” na escrita do cantonês, ou seja o ideofonograma, foi “pedido emprestado” ao carácter mandarim que quer dizer “frio”, utilizado no ar condicionado (máquina de frio). Um residente de Pequim ao ler “láng sam” entende “camisa de frio” – fica sem saber o que quer dizer, já que pode ser uma camisa para agasalhar ou, então, para manter o corpo fresco no Verão.

冷衫, 毛衣

Camisola de lã (cantonês e mandarim)

Ao escrever-se o carácter a que corresponde “láng” utiliza-se um carácter com a sílaba semelhante ao som “láng”, mas que não quer dizer lã - pediu-se ‘emprestado’ o carácter com o uso original caído em desuso. Um elevador, em cantonês,

é “lip” e o carácter que o representa é composto e não quer dizer absolutamente nada se for lido por um chinês que só saiba falar mandarim. Trata-se de um neologismo introduzido a nível do dialecto cantonês através da palavra inglesa *lift*, que significa elevador. Trata-se de uma “genialidade”, de acordo com linguistas, já que o carácter para elevador, dito em cantonês, escreve-se com um carácter radical que representa veículo automóvel e um outro que representa uma pessoa de pé. Em suma, a ideia transmitida é de “veículo móvel que transporta uma pessoa de pé”. Resulta na perfeição em termos fonéticos (porque se lê “lí”, o som mais próximo de *lift* e graficamente tem uma pessoa de pé dentro de uma cabina, tal como num elevador.

Chinês falado difere do escrito

O cantonês falado é diferente do cantonês escrito. O mesmo acontece com o mandarim - considerado “mais fácil” na sua oralidade por Ana Cristina Alves. O mandarim é a “linguagem comum”, do povo, falada pela maioria, recorda. O cantonês é um dialecto “conservador”, que retém muito dos seus traços antigos, originais, e faz gala em manter-se “complicada, usar a forma tradicional dos caracteres”, acrescenta. O dialecto cantonense pediu “emprestado” ao

mandarim a sua forma escrita. Vários professores de cantonês coincidem quando afirmam que “um cantonense aprende a escrever ‘em mandarim’ utilizando os sons do cantonês desde que começa a aprender a escrever”.

Ou seja, as pessoas em Macau aprendem, desde pequenas, os significados de cada carácter na sua língua original, ou seja no mandarim, mas depois adaptam-no para o seu dialecto.

Quando um natural de Guangdong lê em chinês, está na prática a fazer uma tradução mental imediata do mandarim para o cantonês. “É uma espécie de tradução automática onde o que entra na cabeça é o mandarim, mas o que sai processado é o cantonês”, indicam os docentes. Por isso o cantonês falado parece outra língua quando comparado com o cantonês escrito.

Em suma, a língua é comum na escrita mas lê-se de várias formas diferentes.

Mundos ilógicos

A lógica da composição das frases entre o chinês e o português pode ser muito diferente. Por vezes, um tradutor tem de esperar pelo fim da frase numa das línguas para depois a traduzir para a outra língua.

No Ocidente tende-se do particular para o geral. No oriente, especialmente na China, o progresso mental parte do geral para o particular. Primeiro o ano, depois o mês e por fim o dia. O tempo mental em que um chinês se situa difere do tempo mental de um ocidental.

A lógica matemática é um bom exemplo. Na linguagem chinesa, as casas decimais contam-se de forma diferente - não são registadas três em três algarismos - mas sim de quatro em quatro.

Enquanto um aluno português conta um, cem, mil e por aí fora, um aluno chinês aprende a utilizar como referências um, cem, mil, dez mil e adiante. As casas decimais contam-se de quatro em quatro algarismos. Traduzir em simultâneo o número 2.225.250 pode representar uma dor de cabeça para uma

mente menos treinada.

Um português dirá: dois milhões, duzentos e vinte e cinco mil e duzentos e cinquenta. Um chinês dirá literalmente: 222 unidades de “dez mil”, cinco mil, duas centenas e cinco dezenas.

A grandeza do valor é a mesma, apenas o mundo é diferente... ■





第十三屆澳門國際貿易投資展覽會
13th FEIRA INTERNACIONAL DE MACAO
13th MACAO INTERNATIONAL TRADE & INVESTMENT FAIR

13
An Efficient Business
Platform to Leverage
of Regional Co-operation
on the Advantages

發揮區域合作優勢
把握澳門發展商機



澳門
MACAO

主辦機構 / Organizador / Organizer



澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute

協辦機構 / Co-organizadores / Co-organisers



地點
Venue
路氹金光大道™ (澳門威尼斯人) 會展中心
The Cotai Strip™ Convention
& Exhibition Center at The Venetian® Macao

23-26/10/2008

Tel: (853) 2882 8711
www.mif.com.mo





O mandarim da “casa”

Foto cedida pelo Museu de Macau

Zheng Guanying foi, acima de tudo, um intelectual e homem de negócios com muito sucesso. Era muito abastado, mas não bastante rico. Poderia ter sido muito mais, no entanto não lhe terá interessado, já que dizia que “para ter felicidade, nada melhor do que fazer boas acções”. E nelas gastava o seu dinheiro.

Também foi espião. Em 1884, durante a guerra sino-francesa foi enviado pelo governo imperial ao Vietname para recolher “informações”.

Mas ficou mais conhecido por ser educador e altruísta.

Com maior intensidade no fim da sua vida, fez da filantropia um exemplo.

Chegou a ser reconhecido pela corte do imperador e não perdia uma oportunidade para reimpres- sionar as suas histórias e narrativas para ‘fazer’ dinheiro e dar aos pobres.

Hoje, faz parte dos livros que conta a história da China pré-republicana.

Este homem viveu em Macau, onde a família se instalou durante gerações muito antes de ele nascer, e calcorreou bem Xangai, onde conheceu o mundo através dos que entravam no seu porto. É conhecido em Macau como “o Mandarim”, no entanto, estudos ao seu legado demonstram ser um homem de vários nomes, entre eles, e o mais popular - Zheng Guanying.

Também escreveu poesia e algum outro romance. Mas para já a história sublinha-lhe uma única obra, que resume o chamado capitalismo nacional chinês: “Advertências em Tempo de Prosperidade”.

Este livro terá sido um dos *best-sellers* da sua época. Foi editado pela primeira vez nos anos da década de 1890. Depois disso,

reproduzido aos milhares por ordem imperial. Serviu de livro de bolso aos altos quadros da corte, então dominada pela imperatriz-regente Cixi, tia de Guangxu, o imperador. Fora para ‘ajudar’ a corte a sobreviver que Zheng trabalhara.

O livro também terá acompanhado Mao Tse Tung no campo e indicado ao timoneiro o caminho para a cidade, que o levou para a revolução. Acredita-se que Mao terá dito ao pai que ia deixar o campo depois

de ter lido

Advertências em Tempo de Prosperidade. Ironia do destino, são os comunistas que votam Zheng às catacumbas da história.

No Ano Novo Chi-

nês de 1915, quando regressava a casa depois de ter frequentado a Primeira Escola Normal da Província de Hunan, em Changsha, Mao escreveu uma nota de resposta ao primo Mao Yongchang, à qual juntou livros que este lhe emprestara.

Na nota, Mao pedia desculpa por devolver um dos livros com a capa e algumas páginas danificadas. “Sinal em como leu muito a obra”, garante Lilian Chan, especialista do Museu de Macau no legado do mandarim - esse livro era a sua obra prima.

“Advertências” foi alvo da pirataria intelectual na sua época, já que era reeditado vezes sem conta e sem o conhecimento do autor. Algumas dessas reedições chegaram a alterar o conteúdo da obra.

Com o destino marcado

Zheng Guanying nasceu numa altura em que a dinastia Qing desconhecia que vi-

Os residentes de Macau conhecem-no como o habitante da chamada “casa do mandarim”, que é um famoso conjunto de edifícios incluído na lista do Património Mundial da UNESCO. Na verdade, Zheng Guanying, que apenas habitou a “casa” durante alguns anos, tem o seu lugar na história da China, como pensador, escritor e filantropo

via as últimas décadas no trono.

Eram tempos em que a China, cobiçada, dava sinais de esgotamento. As guerras do ópio, o confronto com os ocidentais e a guerra contra os japoneses, assim como as múltiplas rebeliões internas, colocaram a nação de joelhos.

Zheng Guanying surgiu no lugar certo. Se não tivesse nascido em Zhongshan, na província de Guangdong, bem no Sul do império, muito perto de Cantão, num ponto de contacto com estrangeiros e de intercâmbio de culturas, provavelmente não teria tido a importância que acabou por ter. Zhongshan era terra de muita gente e cultura. Por lá andavam os “diabos” estrangeiros – especialmente os portugueses e os ingleses. Foi assim que o pequeno Guanying conheceu a linguagem de vida desses homens brancos, especialmente em Macau, onde a sua família se instalara havia gerações, e onde acabou por se retirar e, durante cinco anos, alinhar a obra que lhe ditou a fama.

O seu nome de nascimento aparece como Zheng Zhang Ying, segundo de nove irmãos. Mas também usou os pseudónimos Taozhai e Luofu Zhi He Shan Ren (Eremita de Luofu Criados de Grous).

Por capricho do acaso, até ao fim do século XIX, Zhongshan viu nascer “quase todos” os agentes chineses das empresas estrangeiras na China.

Além de berço de Guanying, o distrito foi também a terra do pai da República Chinesa, Sun Iat Sen e de outros memoráveis pioneiros capitalistas.

Ausência notável

“Zheng Ganying não é uma figura conhecida em Macau, nem o é no Continente. Só começou a ser estudado no início dos anos 80 do século passado. Até lá, ninguém falava nele, no entanto, ele é um dos teóricos do chamado capitalismo nacional!”, indica Wu Zhiliang, historiador de Macau.

Uma das razões para a ignorância sobre Guanying deve-se, de acordo com o professor Wu, que conversa em fluente português, ao contexto político: “Depois

da fundação da Nova China, em 1949, o capitalismo passou a ser odiado. Por isso Zheng Guanying ‘caiu’ como figura histórica. Só depois da reforma e abertura é que ‘todos’ se lembraram dele”.

Zheng Guanying foi um negociante e intelectual esclarecido. Acredita-se que era fluente em inglês. Para Lilian Chan, curadora do Museu de Macau, para além de especialista no espólio literário e vida de Zheng Guanying, “o mandarim não teve a educação institucional atribuída aos que queriam seguir uma carreira na corte. Aliás, falhou o exame de admissão imperial [jinshi], mas teve uma educação básica e ao longo da vida não deixou de estudar. O seu pai era tutor, possivelmente instruiu o filho antes deste ir para Xangai, aos 16 anos viver com um tio”.

A ida para Xangai deveu-se precisamente ao “chumbo” no exame de admissão: “Em Xangai, Zheng Guanying tornou-se aprendiz de um comerciante local muito famoso e por lá ficou, de forma intercalada, até morrer”, acrescenta.

A investigadora recordou que o jovem Guanying chegou a frequentar a Escola Ying Wa à noite, onde terá aprendido inglês antes de o aperfeiçoar com os estrangeiros. Aliás, o percurso profissional de Zheng é, no mínimo, complexo: além de comprador, em simultâneo negociava em chá e sal e mantinha interesses na “Companhia Mercantil de Navegação a Vapor”, da qual acabou por ser director-geral.

Movimento do auto-reforço

Zheng Guanying sonhava em reunir o melhor dos ‘dois mundos’ para tirar a China da letargia. Para isso, propunha buscar ao modelo político, educativo, comercial e ainda a alguns aspectos da vida social do Ocidente o que mais útil seria à China e adaptar esses elementos à sociedade confucionista.

Nesse aspecto, Lilian Chan indica, “o mandarim era um democrata ao seu estilo, adepto do liberalismo. Pretendeu defender a criação de um parlamento na China e de uma monarquia constitucional”.

Macau como pano de fundo

Para o historiador Wu Zhiliang, não há dúvida que Zheng Guaying “apenas foi conhecido por uma obra, mas do seu espólio está muita coisa por organizar e grande parte do material ainda está em Xangai”. E acrescenta: “Nessa única obra resumem-se as correntes de pensamento da altura em que o mandarim viveu”.

Cerca de 170 mil documentos sobre o mandarim encontram-se no arquivo de Sheng Xuan Kuai na Biblioteca de Xangai. Existe um acordo entre o Governo de Macau e a instituição de Xangai para a classificação e estudo do espólio do intelectual. Nenhuma tradução para português da sua obra está prevista.

As ideias para o livro foram amadurecidas em Macau, durante cinco anos consecutivos, a

partir de 1885. Tinha Zheng 43 anos. Nessa altura já o mandarim tinha comprado uma casa para a sua família. A moradia foi sucessivamente ampliada. Localizada na Travessa de António da Silva, é hoje Património da Humanidade. O Governo de Macau está a restaurar o espaço, bastante diferente do que era dezenas de anos antes.

O historiador Zhiliang sublinha em jeito de conclusão: “Macau deu-lhe tranquilidade, mas não houve reflexo dos seus escritos por cá. O território foi apenas um abrigo e local de repouso. Aqui gozava de um estatuto diferente, tinha liberdade, podia dizer o que queria, apenas isso. Quando acabou a edição do livro, publicou-o em Xangai”. ■

Zheng Guanying não queria uma aculturação – nem o seu patriotismo é alguma vez posto em causa. Tratava-se de tornar o país parte activa da comunidade internacional, já que o isolamento intencional tinha sido forçado ao fim. Tornou-se por isso num dos membros do movimento de auto-reforço, na década de 1860. Os seus membros pretendiam reformar a nação e ‘salvar’ a dinastia Qing das rebeliões internas e dos ‘estrangeiros’. O seu fim aconteceu em 1895,

Ainda segundo Lilian Chan: “Todo o seu trabalho intelectual andava à volta das soluções para os problemas que considerava existirem. Era, por exemplo, contra o jogo, que considerava uma actividade imoral, ‘o mais baixo nível da sociedade’”.

No seio do movimento de auto-reforço, havia um lema que dizia: “Aprender as técnicas superiores dos bárbaros para controlar os bárbaros” – era a facção defensora da manufactura de material para bélico de forma a equiparar a China às forças invasoras.

Outra facção, a que Zheng pertencia, defendia um lema universalista – modernizar a todos os níveis, especialmente na educação e no governo.

Um dos líderes mais importantes deste movimento foi Li Hongzhang, ministro importante da corte, homem cultivado e altamente ocidentalizado.

Amigos influentes

Devido aos sucessivos cargos empresariais e oficiais, o mandarim foi acumulando uma lista impressionante de contactos privilegiados ao mais alto nível.

Como prova a correspondência de Zheng Guaying com personalidades de topo da corte, Sun Iat Sen, empresários fundadores das maiores empresas de então na China e o próprio ministro Li Hongzhang. Existiu um contacto assíduo entre Zheng e Sun Iat Sen, senão mesmo uma amizade, apesar dos 12 anos de diferença que os separava, sendo Zheng mais velho. Esta garantia foi dada por Guo Zhanli, investigador taiwanês e especialista no legado do pai da República Chinesa.

Foi na *Ocean University*, na cidade de Kii-long, em Taiwan, que o professor Guo Zhanli recebeu a Revista Macau: “Ambos eram patriotas e tinham uma fortíssima relação com Macau. Unia-os a vontade de mudar a China e tinham interesses comuns. A política era o ponto mais forte, mas também houve troca de ideias sobre a Medicina Tradicional Chinesa e a Medicina Ocidental, área em que Sun Iat Sen se formou”.

O professor Zhanli publicou um livro em 1995 sobre Sun Iat Sen. Algumas páginas são dedicadas ao mandarim: “Enquanto estudou em Hong Kong e já depois, em

Conteúdo de Advertências em Tempo de Prosperidade

“Fazer o máximo possível para um bom aproveitamento dos talentos ao serviço do país, das terras para a agricultura e da circulação dos produtos para tornar a indústria e o comércio prósperos” – Este extracto da obra de Zheng foi aproveitada por Sun Iat Sen na Carta das dez mil palavras endereçadas a Li Hongzhang. Sun Iat Sen dirigiu-se a Tianjin para entregar a carta ao governante, que não a aceitou, tendo-o recebido.

Num outro extracto, Zheng Guanying indica que “[...] para resistir à agressão estrangeira devemos procurar progredir, para progredir, em primeiro lugar, temos de adquirir riqueza; para adquirir riqueza, a primeira coisa a fazer é tornar próspera a indústria e o comércio; para tornar próspera

Macau, Sun comunicava-se com Zheng sempre que este parava em Macau. Respeitava-o muito, ainda por cima eram conterrâneos". De acordo com o docente, o mandarim chegou mesmo a escrever uma missiva ao ministro Li Honghang, de forma a potenciar um eventual contacto entre Sun Iat Sen e o governante.

O mandarim queria um governo diferente, mas não advogava a queda do império Qing. Sun Iat Sen sonhava com uma república "à americana", dada a sua grande admiração pelo presidente norte-americano Abraham Lincoln.

E aproveitando as ideias do mandarim, ajudou a empurrar o império para o abismo. ■

Professor Guo Zhanli, da Ocean University da cidade de Kiilong, em Taiwan

a indústria e o comércio devemos otimizar as instituições educacionais, instituir uma Constituição, valorizar a ética e melhorar e reformar a política".

Num outro momento, o autor escreve: "Estabelecer indústrias, promover actividades comerciais e desenvolver o sector da economia, instituir um parlamento e uma monarquia constitucional na política e criar escolas para formar novos talentos"

Sobre a educação, o mandarim indica: "A formação de recursos humanos dos países ocidentais resulta do concurso de três elementos: os estabelecimentos de ensino, os jornais e as bibliotecas". ■

Obra de Zheng Guanying

Do espólio do mandarim faz também parte Palavras de Mudança, Chaves para Salvar a Nação da Crise Actual, com 36 capítulos, publicada em 1880.

Mas o que mais escreveu foram novelas e poemas. Zheng acreditava, garante Lillian Chan, na “justiça divina e eventuais recompensas”. Como legado para gerações futuras, deixou uma compilação de pequenas narrativas a que chamou Testemunhos e Recompensas, e que acabaram por ser os Registos de Recompensas de Tao Zhai.

Para ajudar a recolher do nativos para fins caritativos, o mandarim publicou várias obras: Fontes de Riqueza, obra que mais tarde passou a ser Caridade e Recompensa; Atalhos para a Imortalidade; Dez Caminhos para Poupar; Levantamento das Regiões Calamitosas e Um Livro de Situações Comuns.

Esta obra ‘humanitária’ pretendia educar o leitor, segundo Zheng: “Para ter felicidade, nada melhor do que fazer boas acções; para fazer boas acções, nada melhor do que salvar pessoas, para salvar muitas pessoas em necessidade, nada melhor do que as livrar da fome”. Estes trabalhos, em momento de necessidade, eram reeditados e o produto da venda doado.

O autor também foi profícuo

em poesia, não traduzida para português. A sua obra poética é considerada a versão em verso de Advertências em Tempo de Prosperidade.

Para Zheng, “coleccionar livros para satisfazer as necessidades dos leitores é uma contribuição meritória”, nesse sentido, “a China devia generalizar a criação de bibliotecas, à semelhança dos países ocidentais”.

A publicação de Advertências e Tempos de Prosperidade aconteceu em 1894, em cinco volumes com 56 capítulos. O seu prefácio foi terminado no Eremitério de Vida Fácil em Cantão, em Abril de 1892.

Um ano depois, Zheng acrescentou-lhe um capítulo e três apêndices. Na mesma altura, redigiu uma versão sucinta de Advertências para apresentar ao imperador Guangxu. Um resumo que aumentou os capítulos da obra. De 56 passou a ter 58 capítulos.

Zongli Yamen, responsável pelo Gabinete para as Relações Eternas do Império da China indicou, em carta ao mandarim: “Agradeço-lhe as quatro cópias enviadas de Advertências em Tempo de Prosperidade, da qual fiz uma leitura atenciosa e fiquei muitíssimo admirado e impressionado pela sua obra [...] planeio partilhar a sua obra com os altos oficiais. Portanto, venho pedir-lhe que

me mande mais vinte cópias para que estas pessoas também possam alargar os seus horizontes mentais”.

Meses depois, em Abril, um outro alto quadro da corte escrevia a Zheng: “Em seu nome apresentei a sua obra ao imperador, com algumas revisões”. Quinhentos livros chegaram à corte, e “esgotaram-se em pouco tempo e ainda há muita procura”, concluía a missiva.

Em Junho Zheng recebia outra carta: “Graças à ordem do imperador ao seu gabinete-geral, dois mil exemplares de Advertências em Tempo de Prosperidade foram impressos e dados aos oficiais do governo para leitura. Se servirem de inspiração e eventualmente provocar uma mudança da situação, o seu mérito será realmente enorme e significativo”. No final do mesmo ano, 1895, o mandarim revê Palavras de Mudança passando a chamar à obra Continuação de Advertências em Tempo de Prosperidade. Um dos apêndices, Sobre os Conhecimentos Estrangeiros, ao capítulo Exames Eternos, integra a obra principal, passando a ser o capítulo 37. Entre as reflexões está um texto sobre O Pensamento Democrático do Europeu. Advertências em Tempo de Prosperidade vai crescendo à medida que o mandarim vai testemunhando novos aconte-

cimentos e em 1896, devido à guerra sino-japonesa, escreve o que considera faltar a Advertências, acrescentando-lhe outros 45 capítulos. Passa a ser o Livro Suplementar às Advertências em Tempo de Prosperidade.

As mudanças não ficam por aqui. No final de 1897, em Dezembro, Zheng concluiu que dois capítulos novos que entretanto escrevera: O Parlamento e O Caminho Ferroviário deveriam integrar a sua obra maior, então decide juntar o livro suplementar, os dois capítulos novos e a obra original, transformando o conjunto na Edição Nova e Ampliada das Advertências em Tempo de Prosperidade. Estamos a lidar com 14 volumes e 104 capítulos.

“Para os oficiais a obra pode ser usada como um guia para apoiar o imperador a governar o país, e para os cidadãos, a obra pode ser usada como uma referência para formar talentos”, comentava Zhang Zhi Dong, alto funcionário, a propósito da obra.

Já em 1990 o autor decidiu por uma nova revisão à Edição Nova e Ampliada das Advertências em Tempo de Prosperidade. Eliminou um artigo, acrescentou outros sete. Uma versão nova foi publicada em oito volumes com 110 capítulos. E assim ficou. ■

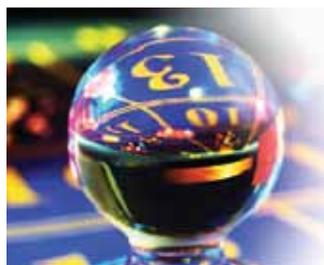


Foto cedida pelo Museu de Macau

“Estabelecer indústrias, promover actividades comerciais e desenvolver o sector da economia, instituir um parlamento e uma monarquia constitucional na política e criar escolas para formar novos talentos”, Zheng Guanying em Advertências em Tempo de Prosperidade

Fixado limite para a comissão dos promotores de jogo

As seis concessionárias de jogo concordaram com a fixação da comissão dos promotores em 1,25%, um valor que o Governo de Macau vai definir por regulamento administrativo. O consenso foi anunciado depois da segunda reunião entre o representantes do Governo e das operadoras. O incumprimento do estabelecido vai passar a representar uma infracção, punível com o pagamento de uma multa, para além do nome do infractor vir a ser tornado público.



Macau pode receber centro de negócios do Brasil

O Brasil quer triplicar as exportações para a China, para 30 mil milhões de dólares norte-americanos por ano até 2010, vendendo produtos de maior valor acrescentado. Macau desempenha um papel fundamental, de acordo com o secretário brasileiro do Comércio Exterior, Welber Barral. Durante uma visita à RAEM, o responsável anunciou a intenção de abrir um centro permanente da Associação Comercial de São Paulo em Macau para apoiar as empresas brasileiras.



Subsídio para proteger a gastronomia

O Governo de Macau vai distribuir 20 milhões de patacas pelos 100 restaurantes que preenchem seis critérios de avaliação. O objectivo é proteger a gastronomia típica de Macau. Os candidatos devem ter licença de operação, estar em funcionamento há pelo menos dez anos, produzir ou usar produtos locais típicos, ter menos de 50 mesas e menos de 15 empregados. Os restaurantes terão ainda de provar que constituem por si só estabelecimentos de interesse cultural.



Feira Internacional de Macau realiza-se em Outubro

Sob o lema “Macau – Uma Plataforma Eficiente de Negócios como Meio de Suporte das Vantagens de Co-Operação Regional”, a XIII Feira Internacional de Macau (MIF) realiza-se entre 23 e 26 de Outubro. A Feira incluirá pavilhões para províncias e municípios do Interior do País, Macau, países da União Europeia e de língua portuguesa, organismos de promoção do comércio e do investimento internacionais, convenções e exposições internacionais e exposições temáticas de produtos.





SJM cotada em bolsa

A Sociedade de Jogos de Macau Holdings, (SJM) de Stanley Ho, já está cotada na Bolsa de Valores de Hong Kong. No primeiro dia de oferta pública de venda (OPV), as suas acções registaram uma quebra de 1,3 por cento, sendo negociadas no final da sessão a 3,04 dólares de Hong Kong. A OPV de 1,25 milhões de acções foi lançada no início de Julho, tendo a SJM arrecado 3,85 mil milhões de dólares de Hong Kong.

A holding de Stanley Ho era a única empresa de jogo a operar em Macau que não estava cotada numa bolsa de valores.



Empresários de Macau de olho no Brasil

O Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) concluiu, após uma viagem ao Brasil, que a RAEM é uma plataforma de entrada de empresários brasileiros na Ásia. Ainda de acordo com o IPIM, a China já ultrapassou a Argentina nas trocas com o Brasil, tornando-se no segundo maior parceiro, após os Estados Unidos da América. “Macau pode desempenhar um papel de destaque na cooperação empresarial no vértice Macau, China e Brasil”, salientou o cônsul-geral da China em São Paulo, Sun Rongmao, que se reuniu com a delegação do IPIM.



Reforçada a cooperação comercial com a China

Macau e o Governo Central assinaram o quinto suplemento ao acordo de estreitamento das relações económicas e comerciais bilaterais (CEPA) que vai permitir a introdução de sectores como serviços ligados à extração mineira e serviços de consultadoria em tecnologia científica. O acordo prevê, entre outras facilidades, a isenção de tarifas aduaneiras a produtos que sejam exportados para o Continente, desde que tenha pelo menos 30 por cento de produção em Macau.



População opina sobre desenvolvimento urbano

A expansão de Macau para a ilha da Montanha e a limitação do número de veículos automóveis a circular na cidade e nas zonas históricas, são algumas das propostas do Plano Conceptual para o Desenvolvimento Sustentável. O plano está em fase de consulta e discussão públicas e vai ‘tocar’ alguns pontos essenciais da vida económica e social da RAEM, como a diversificação da economia, a aposta no turismo de convenções e exposições ou a contratação de mão-de-obra qualificada para os diversos sectores da sociedade local.

Castelos de Terra

Foto: António Mil-Homens



No Sul da China, na província de Fujian, as casas do povo Hakka conservam-se como uma maravilha arquitectónica com séculos de história. Construções que nasceram para serem colectivas, os Castelos de Terra são a herança cultural de um grupo que há centenas de anos chegou em visita... e ficou. Hoje, são Património da Humanidade

“Vem ver os *tulou*?”. A pergunta é feita no autocarro ainda a caminho de Yongding, um dos locais onde se concentra o maior número de casas do povo Hakka. Chamadas de “Tulou” – que significa literalmente “Casa de Terra”, em mandarim – algumas das primeiras habitações do género remontam ao século XII, durante a dinastia Song.

Conhecidas pela particularidade da construção, as aldeias das famílias Hakka têm-se tornado nos últimos anos na maior atracção da região montanhosa no centro da província de Fujian. Por ano, há centenas de chineses

e estrangeiros a percorrer as estradas íngremes das montanhas para conhecer os castelos de terra – únicos no mundo e famosos, muitos, por à primeira vista não terem esquinas. “Nasci e cresci aqui”, diz o senhor Chen, com 38 anos, ao olhar a grande casa em frente.

Actualmente, vive do outro lado da rua, num hotel com dois pisos que dirige juntamente com a mulher. Na antiga Tulou, a casa circular, vive ainda a sua mãe. Chen conta: “vou lá todos os dias, mas durmo deste lado”.

A estrutura circular com uma altura de quatro andares e feita a partir de terra crua, desafia todas as ideias conhecidas de construção. Mas se o edifício com pisos concêntricos e sobrepostos, admira pela rudeza do material que sobreviveu tantos anos, dentro de cada uma das casas, a verdadeira surpresa está no detalhe técnico.

As casas Tulou são habitações familiares. Inicialmente imaginadas para a segurança de quem as habitava, são projectos que nasceram numa época em que não havia arquitectos ou engenheiros. Porém, hoje impressionam quer arquitectos quer engenheiros que as visitam todos os anos quase com sentido de estudo.

Destinadas a clãs familiares, as casas Hakka chegaram a juntar mais de vinte famílias em comunidade. Numa organização seme-

lhante em todas elas, as habitações circulares subsistiram às mudanças da China durante mais de seis séculos.

Sem se reflectir num isolamento, esta forma de habitação criou naturalmente uma separação entre os Hakka e o resto da população. E a origem da subcultura Hakka dentro da nação Han, começou aqui.

As “famílias visitantes”

“As casas foram imaginadas para garantir a segurança”, explica o senhor Chen.

Com paredes que chegam a metro e meio de espessura e pequenas janelas apenas nos andares superiores, as Tulou provaram, de facto, ser à prova de tudo. Devido a serem circulares e sem possibilidade de alguém se agarrar a pedras para trepar, garantiam que nem ladrões nem animais atacavam as casas à noite.

Há quem diga que o gosto pela exuberância inspirou o primeiro a mandar fazer um tipo de casa como nunca até então se tinha visto. Porém, os Hakka, que na prefeitura de Yongding são oitenta por cento da população, negam esta teoria. “Gostamos de casas mais arejadas”, defende Chen que tem agora o sonho de poder reconstruir um dos velhos castelos de terra para o transformar num novo hotel.

Com um dialecto próprio, o povo Hakka chegou da China central, das provín-

cias de Henan e Shanxi. As primeiras migrações para Sul datam de há cerca de dois mil anos e para Chen os Hakka “são o início da cultura chinesa”.

Descendentes de oficiais da Corte Imperial, tinham na verdade muitas diferenças do povo local das províncias às quais chegaram como Fujian e Guangdong. Chamados de “Kejia” em mandarim, cujo significado se lê como “família visitante” – numa tradução do que quer dizer “Hakka” –, os grupos cedo se começaram a agrupar em clãs próprios.

Estabelecer-se entre as montanhas veio pela necessidade de distância porque nas terras baixas, os autóctones não gostavam da sua presença. Conhecidos pela persistência, ainda hoje os Hakka se orgulham de ter assegurado a subsistência através da agricultura nas zonas montanhosas. Com culturas individuais como arroz, chá e tabaco, os mais velhos continuam a seguir a vida tal como há muitos anos. “Vendemos o que cultivamos”, refere um habitante mais antigo na aldeia de Chuxi. Ao visitar uma Tulou, as ofertas para provar o chá da região são normais. Na verdade, em Yongding, numa área que passa pelas aldeias de Hongkeng, Chuxi, Gaobei, Tianluokeng, entre outras, a visão da cultura do chá é constante. E, naturalmente, defende-se que o melhor aroma está nas





Com um dialecto próprio, o povo Hakka chegou da China central, das províncias de Henan e Shanxi

Foto: António Mil-Homens

Terra, bambu, arroz glutinoso, madeira e pedra – o suficiente para fazer uma casa

plantas que crescem nos socacos das montanhas. Quando chegaram há vários séculos, outra das diferenças Hakka passou pela autonomia reconhecida às mulheres que eram responsáveis pela casa e pela agricultura. Uma independência que levou a que as mulheres Hakka ficassem conhecidas por se terem recusado sempre a enfaixar

os pés, um hábito que durou do século X até ao século XX na China. Perante o argumento da beleza de ter uns pés pequeninos, defendiam-se com a necessidade de trabalhar no campo, algo que com os pés enfaixados tornar-se-ia impossível. Os homens estavam fora de casa onde protegiam o território de ataques e exploravam as montanhas para

novas plantações. Histórias como esta mantêm-se até hoje na tradição oral. Sem um registo escrito nas aldeias de Fujian, o dialecto Hakka tem alguma relação com o cantonês e é sobretudo falado pelos mais velhos apesar de conhecido por todos. Nas Tulou ainda habitadas nem sempre se ouve o mandarim uma vez que todos comunicam pelo





Rica em sabores, a culinária dos Hakka enche hoje restaurantes em cidades como Pequim

dialecto hakka que deriva de uma adaptação de outras línguas.

Para Chen, que vive a menos de um quilómetro da casa chamada Zhengfu Lou datada do século XX e hoje transformada em museu, apesar da língua falada poder vir a estar ameaçada na região, a cultura Hakka não corre o risco de desaparecer.

Embora se brinque que apenas chegaram de visita, há muito tempo que são parte integrante de províncias como Fujian, Cantão e Jiangsu. “Não há razão nenhuma para falar em grupo minoritário”, comenta Chen, que afirma a sua pertença à etnia Han. Na verdade, na visita que dura há séculos, os “visitantes” tornaram-

se família. Por tradição, muitos Hakka continuam a casar com gente do mesmo povo mesmo que não haja requisito nenhum neste sentido.

Com um grande instinto de migração, os Hakka espalharam-se pelo mundo e por toda a China. Hoje ainda há grandes comunidades em Hong Kong e Taiwan. Uma gastrono-



ma particular levou a que os restaurantes Hakka se alargassem a todo o mundo. A senhora Luoqiao, esposa de Chen, conta que cedo começaram a cozinhar com tofu porque no Sul não encontravam a farinha que usavam quando saíram de Henan nas primeiras migrações. Os pratos hakka têm, contudo, diferenças entre si

mediante o local de origem do povo. Longe das montanhas, muitos preferem confeccionar pratos de peixe como em Hong Kong ou Taiwan. Mas em Yongding aprendeu-se a cozinhar com o que se plantava. Rica em sabores de especiarias e doces, a culinária dos Hakka enche hoje restaurantes em cidades como Pequim, onde um dos restaurantes mais famosos pertence ao “povo das Tulou”.

Longe do bulício das cidades, em Yongding à noite o silêncio é total apenas cortado pelos sapos a coaxar. O tamanho do universo surge entre as casas redondas abertas ao centro. Quando às nove da noite já não há ninguém na rua, Chen explica “durante o ano somos 400 pessoas nesta aldeia e só no ano novo chinês chega mais gente a visitar os familiares. Nessa altura, chegamos quase a mil.”

Porque se trata de um meio rural, muitos jovens saem das aldeias em direcção às cidades mais próximas para trabalhar ou estudar. O exemplo estende-se a toda Yongding onde em dezenas de aldeias a população só cresce uma vez por ano e enche as Tulou, contabilizadas em cerca de vinte mil entre três províncias.

De acordo com a Natureza

Terra, bambu, arroz glutinoso, madeira e pedra – o suficiente para fazer uma

casa. Sem nenhum recurso a pregos, toda a madeira utilizada surge por umas peças encaixadas nas outras. Se à primeira vista, parece difícil de aceitar a segurança de aguentar mais de seis lances de escadas apenas por encaixe, para os Hakka este tem sido um segredo bem guardado da construção.

O senhor Kexin vive na vila de Chuxi, uma das mais conhecidas no que se refere às construções. Apesar do orgulho que sente por habitar ainda uma das antigas casas, Kexin refere a falta de negócios e investimentos na região. Para além da cultura do arroz e da folha de chá, quase não se encontra comércio.

Os vizinhos vendem o chá que plantam e o dinheiro pago para visitar as Tulou reverte a favor da comunidade. Cada entrada ronda os 30 renminbi. Em alguns locais, há pequenas lojas a vender postais ou algum artesanato local. Frequentemente, são os mais velhos que exploram este pequeno comércio.

Em círculos, elipses, quadrados ou rectângulos, há Tulou para vários gostos. As que mais impressionam os visitantes são, normalmente, as circulares onde o diâmetro tem até 82 metros, numa das maiores Tulou e que já foi casa de mais de 600 pessoas. A mais pequena, com 20 metros de diâmetro também é uma atracção mas, ao contrário das maiores, está hoje totalmente aban-

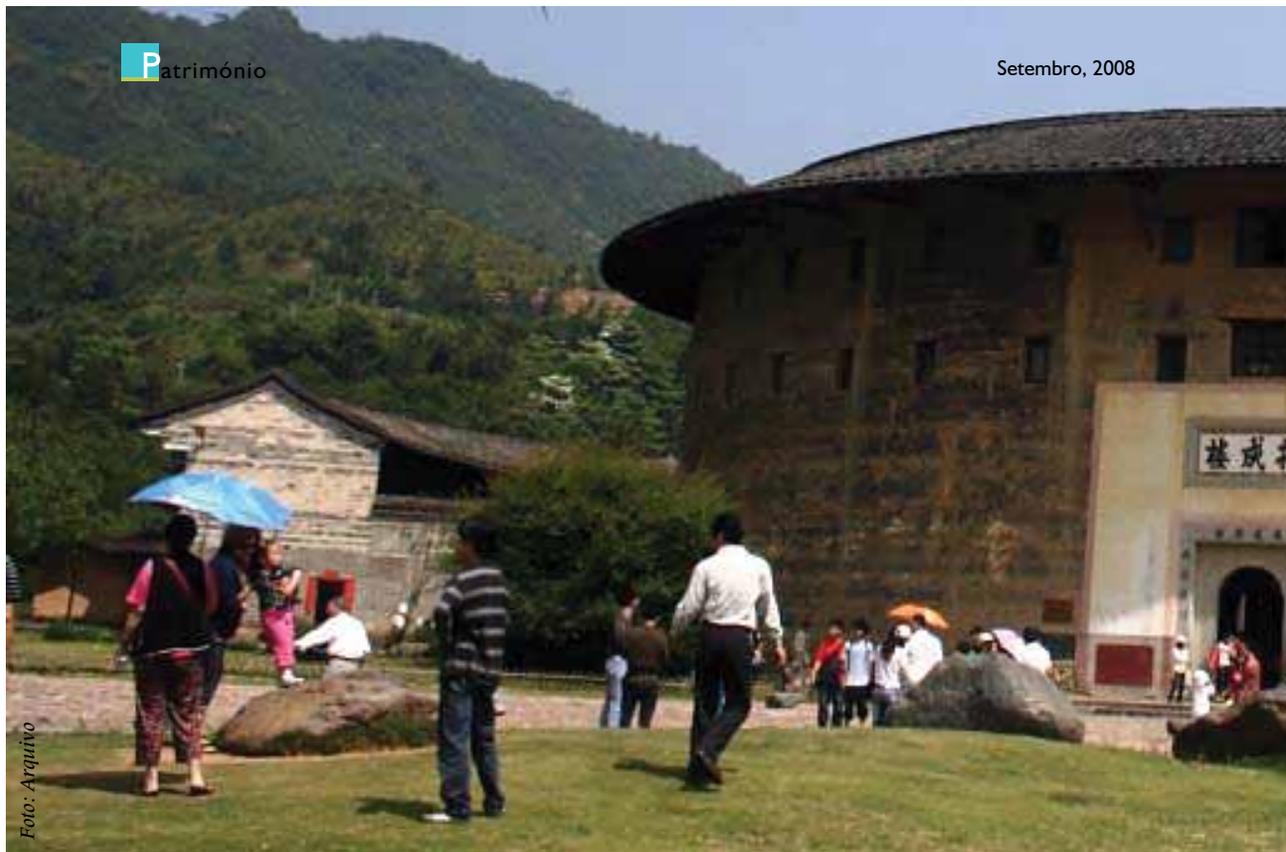


Foto: Arquino

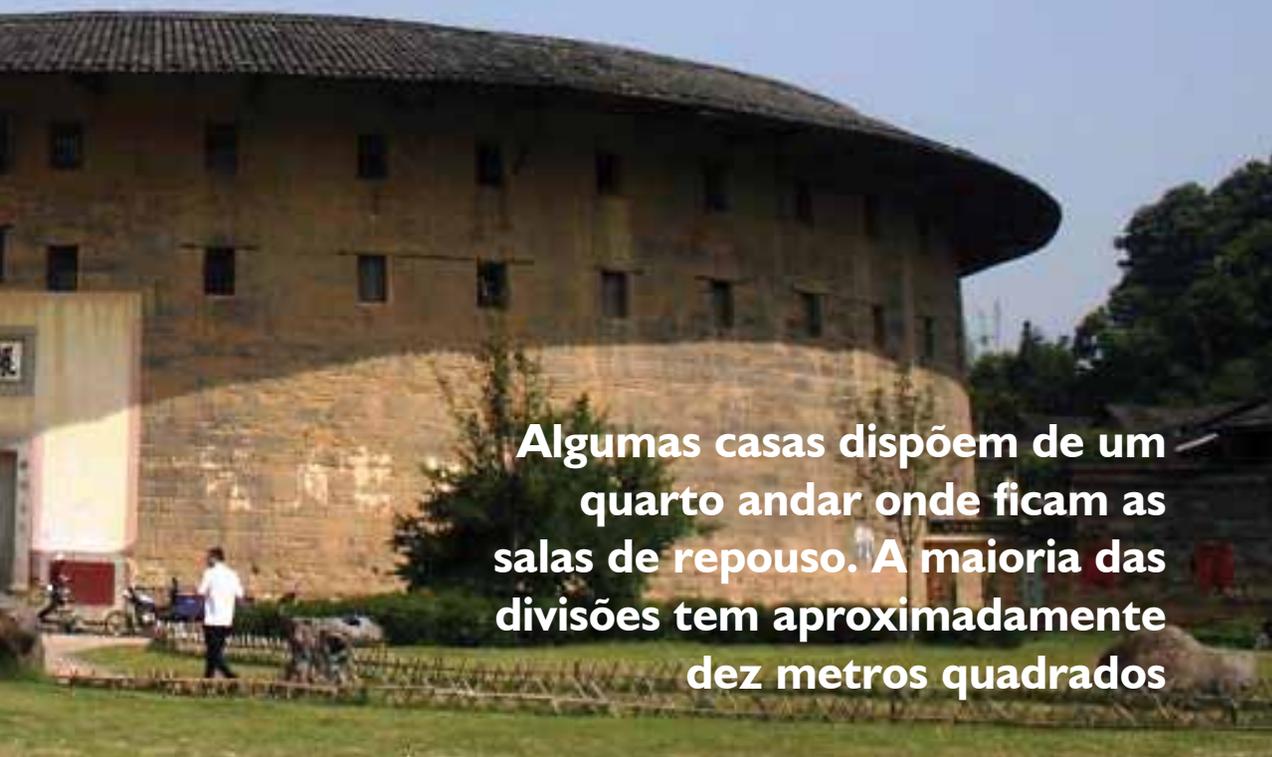


donada. Por uma questão estrutural e do próprio método de construção, as paredes são mais largas na base que no topo e há quem refira como outro exemplo, as pirâmides do Egipto onde também é a base que sustenta o resto. Na estrutura que faz lembrar uma praça de touros, pessoas e animais compartilham o mesmo espaço e no grande pátio interior no centro da casa, é

normal ver as galinhas a passearem na divisão que funciona para o encontro da comunidade.

Antigamente, as pessoas que viviam numa mesma Tulou partilhavam o mesmo apelido mas hoje, depois de tantas gerações, o princípio já não é o mesmo. Em todas, independentemente do formato que têm, os andares diferenciam-se por funções. No rés-do-chão ficam as

cozinhas, salas de comer e espaços para os animais. O primeiro andar destina-se aos armazéns e o terceiro aos quartos. Cada família divide a vida diária entre os três andares, com direito a uma divisão, respectivamente, em cada um. As janelas existem unicamente nos andares superiores dedicados aos quartos. Algumas casas dispõem de um quarto andar onde ficam as salas de repouso.



Algumas casas dispõem de um quarto andar onde ficam as salas de repouso. A maioria das divisões tem aproximadamente dez metros quadrados



Fotos: António Mil-Homens

A maioria das divisões tem aproximadamente dez metros quadrados.

Todas as casas dispõem unicamente de uma grande porta de entrada. Até hoje, as pesadas portas de madeira que protegeram várias gerações, mantêm-se inalteráveis e ao contrário de outros tempos os habitantes lembram “agora já não temos necessidade de fechar a porta central porque não se corre perigo”.

Chuxi tem cinco grandes habitações circulares e mais um conjunto de rectangulares. Vários das Tulou na aldeia remontam à dinastia Ming no século XV. Também ali a população não é numerosa e, numa forma de revitalizar o local, alugam-se quartos a turistas que passam pela região.

As casas dividem-se entre pequenas, médias e grandes, com diferenças que

vão dos 18 quartos no último piso até aos 72 para as maiores. Mas se as casas de terra têm a vantagem de se terem mantido inalteráveis, têm, por outro lado, a desvantagem da falta de casas de banho interiores, algo que não se usava à data da construção. A forma de construção tradicional é um charme, mas também uma dificuldade para aqueles que esperam que as casas não percam

de vez os seus habitantes, hoje já em número reduzido. De bicicleta ou de carro é a melhor maneira de conhecer a arquitectura Hakka. As aldeias ficam a vários quilómetros umas das outras, nos vales escondidos entre as montanhas. Integrado em livros de turismo rural na China, as casas Hakka existem como habitações próprias, mas onde se deixam entrar viajantes de fora. Verdadeiras fortalezas, são construções que intrigam quem as visita. Os grandes círculos, com diâmetros variáveis, obedecem no interior ao símbolo do “Bagua”, um mapa energético com oito lados e onde o Yin e o Yang estão ao centro.

Originário do “Livro das Mutações” do I-Ching, o “Bagua” corresponde aos oito trigramas em conjugação com a teoria dos cinco elementos – madeira, fogo, terra, metal e água. Trata-se de uma representação mística das energias do Yin e do Yang. Uma busca da harmonia que não foi esquecida quando se empreendeu a primeira construção.

Testemunhas do tempo e da História, as Tulou pertencem a uma arquitectura tradicional que já não se repete.

Tratava-se de uma forma de vida colectiva onde a privacidade tinha um papel secundário. Actualmente são parte de uma linguagem comum, partilhada agora apenas por quem os habita.

Um património a proteger

Qualquer conversa nas aldeias leva ao tema das antigas habitações estarem propostas para integrar a lista de património da Humanidade da UNESCO. Para Chen, esta é uma mudança que pode estar para breve. No entanto, não foi em 2007 e não se sabe se será em 2008.

Qualquer investimento para transformar uma Tulou num hotel é dinheiro que ao fim de dois anos já foi recuperado. De momento, alugam-se quartos para turistas por uma ou duas noites. Porém, Chen sabe que as condições não são as melhores e sonha com um hotel com mais categoria. Só que estas casas não estão à venda. Para o empresário, a serem classificadas pela UNESCO, as Tulou só têm a ganhar. Só que se, por um lado, seria proveitoso para o turismo, por outro, há quem receie que as casas a esvaziarem-se de habitantes, acabem lentamente transformadas em peças de museu sem possibilidade de atraírem novos habitantes.

Chamada de “reliquia cultural da China rural” é certo que atrai poucos jovens que escolhem as cidades próximas como Yongding, Xiamen ou até Cantão para viver, locais onde podem encontrar mais novidade.

Nas montanhas de Fujian, as histórias famosas são as mesmas desde há décadas. Em plena guerra-fria, saté-

lites norte-americanos encontraram as casas Hakka e, incapazes de perceber o que eram, classificaram-nas como as bases de lançamento de mísseis pelo governo chinês. Uma teoria que se manteve por muitos anos e que só com a visita do Presidente Nixon em 1972 à República Popular se esclareceu o mal entendido quando o líder norte-americano pode, ele mesmo, ver as Tulou.

A história é contada em pequenos painéis de explicação aos turistas. De facto, as habitações Hakka são um registo vivo de muitos anos de História. Na porta de algumas casas ainda se podem ler *slogans* da Revolução Cultural e “Longa Vida ao Presidente Mao” aparece pintado nas velhas paredes de terra.

“O Presidente Mao era Hakka”, garante um visitante chinês. Natural da província de Hunan, Mao Zedong teria antepassados Hakka. Os *posters* com a imagem do antigo presidente continuam colados nas salas de algumas Tulou, espaços onde o tempo se manteve sempre o mesmo. Chen é peremptório: “nós gostamos do Presidente Mao”. Independentemente da pertença ao grupo Hakka, que comunica no seu dialecto e tem uma culinária específica, continua a haver uma grande identificação com o trabalho desenvolvido por Mao Zedong. Mas há o sagrado e o profano coexistem com o mesmo sentido e o pátio central de muitas ca-



Fotos: Maria João Belchior

“O Presidente Mao era Hakka”

sas está reservado a Buda, protecção para toda a comunidade.

Hoje, os Hakka, um povo agrícola entre as montanhas, já não temem ataques dos vizinhos. A integração está consolidada tão fortemente como os castelos de terra que são

silenciosas testemunhas da História de outras épocas. Desenvolver o meio rural tem sido cada vez mais uma aposta do governo chinês. As casas Hakka reúnem um potencial único para atrair mais gente à região. Actualmente protegidas a nível nacional, têm a

característica do formato e do material usado na construção. Chen defende que as casas assim redondas dão um sentido de abertura. E ao abrir os braços como que para abraçar o Universo, termina: “é que daqui podemos sempre olhar o céu”. ■



Breve radiografia da música em Macau

Sons em crescendo

É raro o prédio de Macau em que não há um jovem aprendiz de pianista. Os violinos, mais discretos à audição dos vizinhos, também estão na cidade, a determinadas horas do dia, a caminho do Conservatório de Música ou da Academia S. Pio X, dois dos vários estabelecimentos de ensino de música do território

Setembro, 2008



“Quando era garoto, ia a concertos com o meu pai, à opera, ao bailado, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Ficava sempre encantado com aquilo que se passava no fosso da orquestra”, diz o maestro Oswaldo Veiga Jardim

Na zona Norte da cidade, num edifício industrial, escondem-se as instalações da Orquestra Sinfónica Jovem de Macau onde, ao final da tarde, dezenas de músicos experimentam o prazer imprescindível de tocar em conjunto. Nos pátios de várias escolas, a seguir às aulas, ouvem-se sopros em formato de banda.

Longe estão os tempos em que as salas de concerto tinham quase tantos espectadores como músicos em palco. Nas duas últimas décadas, cresceu o interesse dos jovens pela aprendizagem de instrumentos musicais, incentivado pelo investimento do Governo e pela vontade de entidades privadas. Como consequência, assistiu-se à formação de novos públicos e à melhoria de qualidade das próprias formações da cidade. Da iniciativa de amantes de música sinfónica resultou uma orquestra des-

tinada aos que aspiram à vida profissional entre arcos e batutas. Há música ocidental e oriental, de câmara e sinfónica, clássica e contemporânea.

Quando chegou a Macau no final da década de 1980, o maestro Oswaldo Veiga Jardim encontrou uma “audiência em que eram poucas as pessoas que tinham um passado com ligações fortes à música erudita”. A orquestra que veio encontrar precisava de avançar para a profissionalização. Actual director musical honorário da Orquestra Sinfónica Jovem, tem em mãos a tarefa de procurar na história a evolução da música em Macau, ao longo dos últimos cinco séculos.

Na região administrativa especial desde 2002, Cao Yi Ji, o actual director geral da Orquestra de Macau, apercebe-se de uma grande diferença em relação ao cenário

que encontrou quando veio ao território pela primeira vez, corria o ano de 1993. “Sinto que houve uma grande evolução, Macau é agora mais rica e diversificada em termos musicais”, resume.

Já o professor universitário Jorge Morbey tem um ponto de comparação ainda mais distante no tempo. Responsável pela criação da Orquestra Chinesa de Macau, que se encontra a comemorar o 20º aniversário, o antigo presidente do Instituto Cultural recorda-se do tempo em que os lugares das salas ficavam vazios e da transformação a que, uns anos mais tarde, se assistiu, com cadeiras improvisadas para sentar todos os espectadores. No que aos instrumentos chineses diz respeito, não esconde o orgulho de, volvidos tantos anos, a orquestra estar viva e de saúde, cada vez mais forte e pujante. Tal como o Conservatório de Música, para a existência do qual teve um papel determinante. A música é movimento constante, um trabalho em continuidade, uma tarefa de convicções e persistência. Para quem a toca, para quem a dirige, para quem a promove e a faz sentir mais próxima do público. Estimula o raciocínio como a matemática e enche a alma a fingir ser poesia. Em Macau, a música anda por aqui. Em crescimento. Como a cidade.

O maestro na cidade

É um trabalho a roçar o estoicismo, a impossibilidade, uma tarefa que só a paciência quase infinita e o gosto pela investigação permitem abraçar. Uma pesquisa sobre a vida musical de Macau desde a chegada dos portugueses até 1999, data da



transferência de administração do território, é uma empreitada para muito tempo, que exige mergulhar nos arquivos e tentar imaginar os sons de outros tempos. E que está a ser feita pelo maestro brasileiro Veiga Jardim.

Carioca do Bairro da Lapa, no centro da “cidade maravilhosa”, Oswaldo Veiga Jardim descobriu o mundo da música por contexto familiar. “O meu avô materno era mestre de banda e educou todos os filhos na música. Ouviu-se sempre muita música lá em casa”, recorda. Com cinco ou seis anos de idade, começou a estudar piano e teoria musical. O talento estava lá, os avanços foram rápidos, o caminho natural seria o de concertista. Mas o então adolescente Veiga Jardim tinha outras aspirações: ser maestro.

Com uma autorização especial do Ministério da Educação, por ainda não ter a idade mínima exigida, frequentou a licenciatura de Regência, “como se diz no Brasil”. “Quando era garoto, ia a concertos com o meu pai, à opera, ao bailado, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Ficava sempre encantado com aquilo que se passava no fosso da orquestra, era uma coisa mágica, os cantores no palco, os bailarinos, e ali uma pessoa a dirigir aquela gente toda. Pensava sempre que, um dia, eu queria estar ali”. O sonho concretizou-se com apenas 21 anos, idade com que terminou o curso de direcção de orquestra, com a distinção *magna cum laude*. Os jornais brasileiros não ignoraram o facto, destacando que Veiga Jardim era, na altura, “o mais jovem regente brasileiro de que se tem notícia”.

Foi a música que o trouxe até Macau, há quase duas décadas. O maestro estava a vi-



O fadista português Camané com a Orquestra Chinesa de Macau

ver em Madrid, depois de ter ganho o prémio Dell'Arte, uma iniciativa da professora de piano e agente Myrian Dauelsberg, destinada a financiar o estudo no estrangeiro de jovens talentosos. A passagem pela Europa valeu-lhe algumas distinções importantes e o contacto com um mundo musical diferente. Foi, contudo, rápida, pois Dauelsberg, que tinha sido sua professora, abriu-lhe as portas de Macau. “O marido era violoncelista e tinha sido convidado para actuar no primeiro Festival Internacional de Música de Macau. Como ela era empresária, perguntaram-lhe se conhecia algum jovem maestro que estivesse em início de carreira e que quisesse vir para cá trabalhar e reorganizar a or-

questra. Ela pensou logo em mim.” Veiga Jardim ponderava ir estudar para a então União Soviética. Optou pela hipótese que lhe dava oportunidade de ser maestro, na prática. “E estou aqui até hoje.”

Oswaldo Veiga Jardim faz parte dos incontornáveis nomes de Macau quando se pensa na evolução da música no território nos últimos vinte anos. Chegou no final da década de 1980, uma época em que se começavam a desenhar os primeiros esforços de profissionalização da área. O jovem maestro detectou os problemas que impediam a música de avançar, a começar pelo formato da orquestra que o esperava. “Quando a gente chega a uma cidade que é culturalmente heterogénea



como é o caso de Macau, não pode pensar em oferecer coisas que sejam de difícil assimilação. O repertório de uma orquestra de câmara é normalmente pouco apelativo para a audiência que encontrei na altura em Macau.”

A solução apontada passava pela reformulação do formato da orquestra, transformando-a em sinfónica, capaz de captar um público mais abrangente, pela flexibilidade de repertório que permite. A ideia foi inicialmente bem acolhida por quem decidia, mas houve troca de cadeiras ao nível do poder e o projecto original não chegou a avançar. No entanto, houve uma verba que serviu para criar a Macau Sinfonietta, formação que veio dar um

novo impulso ao panorama musical do território. Em 1989, o jornal *Standard*, publicado na vizinha Hong Kong, escrevia que “a Macau Sinfonietta, uma formação muito credível, na sua estreia sob a condução do maestro brasileiro Veiga Jardim, foi admirável”.

Com a Macau Sinfonietta, o maestro dirigiu concertos em que participaram nomes sonantes como Sequeira Costa e o Coro da Fundação Gulbenkian de Lisboa. Entre 1989 e 1995, conduziu cerca de cem concertos, com a formação local e outras da Ásia. Quanto ao projecto sinfónico de Macau, foi perdendo espaço com a mudança de políticas culturais e de prioridades. Deixou, no entanto, se-

mentes, que viriam a dar origem, poucos anos mais tarde, ao aparecimento de uma outra orquestra, destinada aos jovens músicos locais.

Entretanto, Veiga Jardim continuou a trabalhar na e para a música local. Em conjunto com Maria da Graça Marques, fez um exaustivo trabalho de divulgação da música de Macau, “um resgate da memória musical”, publicado na revista MACAU. O interesse despertado por este trabalho de pesquisa e pela necessária abordagem científica fizeram com que tivesse decidido fazer a tese de doutoramento sobre a vida musical de vários séculos de Macau.

Do currículo do maestro faz também parte o trabalho de composição da banda sonora do filme “A Trança Feiticeira”, a adaptação ao cinema da obra de Henrique de Senna Fernandes. No ensino, concebeu o programa do curso de Música do Instituto Politécnico de Macau, onde lecciona desde 1997. Na mesma altura, Hoi Kin Wa, antigo violinista da Macau Sinfonietta, criou a Associação da Orquestra Sinfónica Jovem de Macau, onde Veiga Jardim desempenha as funções de director musical honorário há mais de dez anos.

Em 2006, foi distinguido pela RAEM com a medalha de mérito cultural. “Quando me telefonaram chorei de emoção. Olhei também para o passado, reconciliei-me com alguns dos fantasmas que tinha”, conta, com sotaque carioca, o maestro brasileiro que diz ser mais de Macau que do Rio.

A orquestra em crescimento

É um reflexo perfeito do que Macau sempre foi e é, cada vez mais: uma mistura de pessoas de diferentes origens, contextos e formações. A Orquestra de Macau prima pelo multiculturalismo, é uma espécie de mapa-mundo musical, que demonstra bem a universalidade da música enquanto forma de comunicação. Integra músicos nados e criados em Macau, em Hong Kong e na China Continental, mas também vindos dos Estados Unidos, do Reino

Unido, da Austrália e da África do Sul. A completar a diversidade, há instrumentistas oriundos de França, Israel, Rússia, Eslováquia e República Checa. Aqui, os idiomas não interessam. O entendimento encontra-se através do som.

Actualmente constituída por cinquenta músicos, a Orquestra de Macau foi fundada em 1983, na Academia de Música S. Pio X. Nasceu da iniciativa do Padre Áureo de Castro e de um grupo de instrumentistas não profissionais. Um ano depois, foi integrada no então Instituto Cultural de Macau. Começou o processo de profissionalização, pela batuta de vários maestros, entre eles o brasileiro Oswaldo Veiga Jardim.

Em 1995, sofre a primeira grande reformulação e passa a ser a única orquestra profissional do território, sendo que era, na altura, uma formação de câmara. Em 2001, o Instituto Cultural do Governo da RAEM decidiu aumentar o número de músicos - de modo a que tivesse dois músicos em cada naipe de instrumentos de sopro - e, volvido um ano, alterou o nome da formação, deixando cair o termo “câmara”. Em termos técnicos, o número actual é, na realidade, próprio de uma formação de câmara, que por norma integra quarenta pessoas mas pode comportar mais dez. A ideia é fazer com que o projecto cresça, levar a orquestra mais longe, explica Cao Yi Ji, o actual director-geral. “Ainda temos algumas vagas e andamos à procura dos músicos adequados, que podem ser de qualquer ponto do mundo”, explica.

“A preocupação é a qualidade”, garante o responsável, “vamos sempre buscar músicos ao exterior quando é preciso, tanto para a própria Orquestra como na qualidade de músicos convidados”. Os convites a instrumentistas de Hong Kong, da China e de Singapura são frequentes e enquadram-se numa lógica de abordagem musical desenvolvida pela orquestra: a captação de uma audiência mais diversificada, pela via da formação de novos públicos, algo que se faz com mais facilidade quanto maior for a orquestra,



É através deste trabalho de criação de novos públicos que se conseguiu alterar o cenário da música erudita em Macau



por serem muitas as possibilidades ao nível de repertório.

“Queremos dar à população de Macau concertos melhores e aumentar o padrão de qualidade da orquestra”, resume Cao Yi Ji. Esse trabalho faz-se, segundo o responsável, não só pela escolha dos músicos que estão na formação, mas também através da escolha do programa para a temporada. “Tentámos escolher um repertório com músicas conhecidas, de modo a atrair pessoas”, explica Cao, destacando obras como a Sinfonia do Novo Mundo, de Dvorák, e a Sinfonia nº 5 de Beethoven.

A Orquestra aposta ainda no conceito dos “Grandes Mestres” – um espaço de abertura a instrumentistas de renome internacional. A presente temporada conta com presenças como as dos violinistas Pinchas Zuckermann, Pan Yinlin, Antje Weithaas e o pianista Alexander Melnikov. Quanto aos maestros, a orquestra

destaca Matthias Bamert e Philip Pickett, que ao longo do ano tem, por norma, En Shao na direcção musical da formação.

Com cerca de trinta programas musicais diferentes, a temporada 2007/2008 é feita por quase quarenta actuações. Destinada à população de Macau em geral e aos visitantes que passam pelo território, tem momentos específicos para públicos especiais, como as crianças. “Estamos a colaborar também com associações de Macau e a desenvolver um programa de concertos educacionais, temos ainda concertos multimédia”, refere o director-geral.

É através deste trabalho de criação de novos públicos que se conseguiu, defende o antigo responsável pela Orquestra Sinfónica de Xangai, alterar o cenário da música erudita em Macau. Atrás de novos e pequenos espectadores vêm outros, a música é explicada, passa a ser entendida. Sem esquecer a importância da música

de câmara e o público que prefere o intimismo gerado pelo seu carácter erudito, a orquestra vai proporcionando concertos em espaços de menores dimensões, com programas que exigem ouvidos habituados ao género. Tenta-se sempre trazer um nome que encha a casa e garanta a tal qualidade pela qual a formação se quer distinguir.

Uma grande orquestra de pequenos músicos

Não é regra geral, mas é um fenómeno comum, sentido sobretudo quando os anos de estudo começam a pesar e a idade chama para actividades menos solitárias do que estar fechado numa sala, várias horas por dia, a tocar um instrumento difícil, compasso atrás de compasso, frases musicais repetidas em busca da perfeição que parece ser inatingível. Há talentos que se perdem na exigência que um instrumento musical implica, sobretudo quando adquire contornos de solidão.

É principalmente nesta fase que ganha especial relevo a possibilidade de tocar em conjunto, de partilhar o que se sabe, de se aprender com quem está sentado ao lado. A experiência de orquestra é ainda determinante na aprendizagem de novos contextos musicais, na criação de coordenação, na obtenção de sentido de responsabilidade, no processo de socialização. Os arcos dos violinos têm que estar coordenados, a mais ligeira desafinação individual tem que ser evitada em nome dos objectivos conjuntos.

Estar sentado entre dezenas de instrumentistas e contribuir para um grande concerto é um prazer único, principalmente na fase de aprendizagem. Se a orquestra for grande, ao jeito das filarmónicas de reputação mundial, a satisfação é ainda maior. Foi a pensar neste prazer tão especial e na necessidade de colmatar uma lacuna em Macau que Hoi Kin Wa, em tempos violinista da Macau Sinfonietta, criou, há mais de dez anos, a Associação da Orquestra Sinfónica Jovem de Macau. A experiência tida, poucos anos antes, na formação

conduzida pelo maestro Veiga Jardim tinha sido muito marcante. Além disso, ao contrário do que acontece na generalidade dos conservatórios, no território não havia uma orquestra destinada aos que ainda estão a estudar um instrumento.

“É um projecto que me é muito querido, sou director musical honorário desde o princípio”, conta o maestro Oswaldo Veiga Jardim. “Concordei em trabalhar logo com Hoi Kin Wa porque senti que foi uma das pessoas que mais sofreu com a extinção da Macau Sinfonietta, ele próprio disse-me que nunca tinha experimentado uma emoção tão grande como quando tocamos Brahms, Tchaikowsky, Schumann.”

Num espaço da Zona Norte da cidade, num edifício industrial que não deixa adivinhar o mundo que ali se refugia, nasceu, em 1997, a Orquestra Sinfónica Jovem de Macau. O projecto acolheu o apoio do Governo, que continua a permitir o seu desenvolvimento. Trata-se de uma escola de música especial, onde se ensina a tocar em orquestra sinfónica. Conta com a colaboração de vários músicos de Hong Kong, que vêm dar aulas aos jovens instrumentistas, que têm também, com regularidade, a oportunidade de serem dirigidos por profissionais da China Continental, Israel, Austrália, Estados Unidos, França e Bélgica.

Quanto aos alunos, na orquestra principal são 75, sendo que há ainda uma formação B para os mais pequenos. Feitas as contas, acabam por ser duas centenas os jovens músicos que fazem da Associação da Orquestra Sinfónica Jovem uma segunda casa. Depois das aulas, e dadas as condições que o espaço oferece, são muitos os elementos que vão para lá estudar. Esta escola permite ainda que os estudantes sem possibilidades para adquirir um instrumento possam fazer os seus trabalhos de casa musicais.

A orquestra é constituída por instrumentistas ainda em fase de aprendizagem, mas o rigor que se exige é próprio das orquestras profissionais. O resultado é a multiplicação dos concertos (mais de cem, até à data), das deslocações ao exterior e a projecção,

em termos de carreira, de jovens talentosos, pois a orquestra acaba por ser não só um espaço de aprendizagem, mas oferece também a oportunidade de se mostrar o que vale, carimbando-se assim o passaporte para voos musicais mais altos.

Tratando-se da maior orquestra de Macau, tem procurado combinar a quantidade de instrumentistas à qualidade do seu trabalho. As colaborações com formações profissionais, ao longo de mais de uma década de existência, são muitas. Já teve apresentações conjuntas com outras orquestras jovens estrangeiras e acompanhou, por exemplo, dois concertos em Xangai do violinista Itzhak Perlman. Este ano, no final de Maio, fez a sua estreia na Europa, no Festival Internacional de Coros de Viena de Áustria. A viagem levou ainda os jovens músicos às principais capitais musicais europeias.

Para o público local, a orquestra apresenta anualmente dois grandes eventos: o concerto de aniversário e o concerto da nova geração de músicos de Macau, mostrando o trabalho realizado durante o ano lectivo e permitindo dar a conhecer os novos talentos que entretanto se destacaram. Este trabalho próximo com a comunidade é uma das formas mais eficazes de formação de novos públicos. Para ver o pequeno violinista, sentam-se nas salas de espectáculos os pais, os irmãos, os amigos da família. Os concertos da orquestra estão sempre cheios e são os mais jovens que abrem as portas de um novo mundo a adultos até então distantes dos sons. E é assim que a música vai crescendo.

A orquestra que é uma surpresa

É, sem dúvida alguma, a mais peculiar de todas as orquestras de Macau, principalmente para quem não está familiarizado com as especiais sonoridades da música chinesa. Em plena comemoração dos vinte de anos de vida, é um exemplo de como, de uma simples ideia, nasceu um projecto com pernas para andar. A Orquestra Chinesa de Macau não só desempenha com

qualidade os seus objectivos principais, como tem desempenhado um papel fundamental no contacto com o Ocidente, a demonstrar que, pentatónica ou não, para que haja música basta vontade.

Quando chegou a Macau, em 1985, o território era um “deserto cultural”. Jorge Morbey tinha vindo de Portugal com a missão específica de presidir ao Instituto Cultural. Uma das tarefas que de imediato abraçou foi sentir a arte da cidade. O ensino artístico era algo que não existia, mas que não tardou a aparecer. No ano lectivo de 1985/86, arrancaram as primeiras aulas de educação artística, que mais tarde vieram dar origem ao Conservatório de Macau. “Havia uma coisa curiosa. Macau, sendo uma cidade de cultura maioritariamente chinesa, não tinha uma orquestra tradicional”, recorda Morbey.

Embora a música na China seja tão antiga quanto o país, a primeira orquestra chinesa digna dessa classificação data de 1935. Exactamente meio século depois, Hong Kong era a referência para quem trabalhava em Macau e foi da então colónia britânica que veio Wong Kin Wai, um professor para dar aulas de música chinesa inseridas no programa de ensino que o Instituto Cultural decidiu lançar. A adesão da população às aulas de música chinesa foi surpreendente, com 190 alunos inscritos logo no primeiro ano.

Decorridos dois anos lectivos, Jorge Morbey e Maria da Graça Marques, uma das responsáveis pelo Instituto Cultural da altura, lançaram um desafio a Wong Kin Wai, que continuava a viver em Hong Kong, deslocando-se ao território apenas para leccionar. “Perguntei-lhe quando é que estaríamos em condições de formar uma orquestra chinesa. Disse-me que já tínhamos músicos, não eram de um nível técnico elevado mas já sabiam tocar para se fazer uma formação”, recorda o ex-presidente. E foi assim que a orquestra começou.

Com duas décadas de concertos, houve alterações diversas ao nível da composição, o número de músicos foi variando e os próprios instrumentistas foram sendo substituídos por outros, bem como os maestros.

A orquestra continua, contudo, a ser a mesma. “Foi algo que ficou. Penso que a Orquestra Chinesa nunca vai acabar”, analisa Jorge Morbey. “As dinâmicas, depois de se criarem, continuam e isto é extremamente agradável”, diz, não sem uma pontinha de orgulho. Embora recuse a paternidade da orquestra, não esconde ter uma sensação “muito gratificante” de cada vez que vai assistir a um concerto. “Não posso dizer que seja minha filha, nem pouco mais ou menos, mas é uma sensação muito semelhante. É como quando se constrói alguma coisa, uma casa, um livro, algo que fica.”

A Orquestra Chinesa de Macau, que actua hoje com regularidade dentro e fora do território, começou logo com grande sucesso. E com um toque especial. Os músicos chineses, com os seus instrumentos tão diferentes, foram adaptando temas tradicionais portugueses. Estes “pequenos mimos” da orquestra foram evoluindo e começaram a surgir composições pensadas no intercâmbio cultural e civilizacional do território.

A “Fantasia para Macau” é um dos exemplos mais significativos e continua a ser tocada pela Orquestra: à sonoridade das composições da região Sul da China foi adicionado um arranjo dos “Verdes anos”, de Carlos Paredes. O resultado é surpreendente: quando menos se espera, a contrastar com o ritmo colorido da música chinesa, cheia de percussões, surgem os

lânguidos “Verdes anos”, que os êr-hú, os káu-hú e os djông-hu (que fazem as vezes dos violinos) interpretam.

Característica da Orquestra Chinesa de Macau é ainda a assiduidade com que desenvolve projectos com músicos portugueses. “Macau é o encontro de culturas, na arquitectura, na gastronomia, em muitos hábitos e tradições. A música não podia ser diferente”, explica Teresa Tou, coordenadora da Orquestra Chinesa.

Sob a alçada do Instituto Cultural do Governo da RAEM, a formação tem desenvolvido projectos com vários músicos portugueses, por altura do Festival Internacional de Macau e do Festival Internacional de Música. O fadista Camané foi o mais recente músico português a subir ao palco do Centro Cultural de Macau acompanhado pelos 33 músicos da Orquestra Chinesa, no Outono passado. Rao Kyao, Pedro Caldeira Cabral, Kátia Guerreiro e a Ala dos Namorados são apenas alguns dos nomes que actuaram no território nesta lógica de partilha musical. No sentido inverso, a orquestra tocou, numa das várias deslocações que já fez a Portugal, na Expo 98, ao lado de Luís Represas.

No que toca ao futuro da Orquestra, actualmente dirigida por Pang Ka Pang, Teresa Tou vinca que “a aposta é na qualidade, tanto na execução dos temas tocados pelo grupo de músicos, como na formação de novos instrumentistas”. ■





**“Foi algo que ficou. Penso
que a Orquestra Chinesa
nunca vai acabar”**
recorda Jorge Morbey

Instrumentos para uma música diferente



Num país com uma enorme dimensão e várias etnias, são inúmeras as formas e os meios de expressão musical. A história é milenar, pelo que é (quase) impossível determinar a origem das manifestações culturais, sendo certo que estão permanentemente associadas a uma simbologia muito própria. A música não é excepção à regra e os instrumentos também não. A China é tão diversificada quanto extensa.

Em língua portuguesa, num livro lançado pelos Correios e Telecomunicações de Macau, Oswaldo Veiga Jardim ensina o essencial para se perceber a evolução e as especificidades dos principais instrumentos chineses. As histórias e lendas em torno da música são muitas, mas há dados mais ou menos consensuais, como o facto de os instrumentos serem considerados vozes para as quais a natureza contribuiu, através de diferentes materiais - pedra, metal, seda, bambu, madeira, pele, cabaça e barro – e que serviu para fazer a primeira classificação.

Actualmente, os instrumentos estão divididos em quatro categorias: de arco, de corda dedilhada, de sopro e de percussão. Para muitos destes instrumentos encontram-se variações nas formas e materiais de construção, consoante o ponto da China de onde são originários. Deixamos apenas uma breve descrição dos mais conhecidos. ■



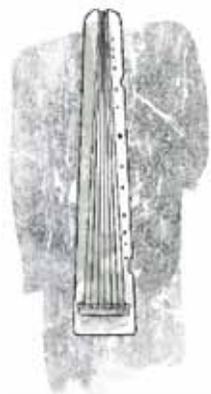
Êr-hú

Explica Veiga Jardim que o êr-hú é “o mais representativo dos instrumentos de arco chineses”. Com mais de quinhentos anos de história, é um instrumento versátil, que tem sofrido um processo de evolução de modo a permitir aos músicos corresponder a maiores exigências em termos musicais. Constituído por duas cordas, um braço e uma caixa de ressonância, apresenta uma diferença enorme em relação aos instrumentos de corda ocidentais: o arco é colocado entre as cordas e ambos os lados são usados no processo de obtenção de som.



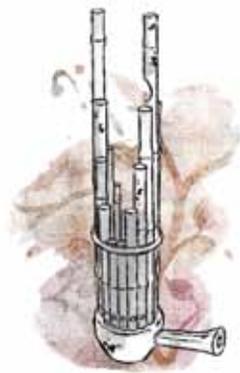
Yangtchín

É o equivalente chinês da cítara. Sendo um dos instrumentos mais importantes das orquestras tradicionais chinesas, foi também alvo de modificações ao longo dos tempos, nomeadamente através da introdução de cavaletes que permitiram a criação de semi-tons. Pertencente à categoria de instrumentos de corda dedilhada e toca-se com duas baquetas feitas de bambu.



Kutchín

Trata-se de um instrumento composto por uma longa caixa de madeira, onde estão assentes sete cordas. A mão direita dedilha as cordas, que são pressionadas pela mão esquerda. Instrumento de grande nobreza, tem um timbre que permite jogar com as harmonias.



Tí-tzé

Presume-se que tenha surgido na Ásia Menor ou Ásia Central. Com dois mil anos de história conhecida, foi evoluindo com a introdução de mais orifícios e a utilização de bambu de melhor qualidade. Trata-se do equivalente da flauta transversal e desempenha um papel semelhante nas orquestras chinesas, sendo o seu emprego generalizado. A família do tí-tzé é composta por outros instrumentos semelhantes, de diferentes dimensões, que produzem sons mais ou menos agudos.



Este projecto foi desenvolvido em 2006 em algumas cidades como Bangucoque, Macau, Hong Kong, Pequim, Xangai e Tóquio. Em todas elas, o território e comportamentos estão em acelerada alteração. Mudanças essas que o fotógrafo tentou captar de uma forma intuitiva e aleatória caminhando pelas ruas, atraído por luzes, cores, cenários e pessoas anónimas que convida a posar.

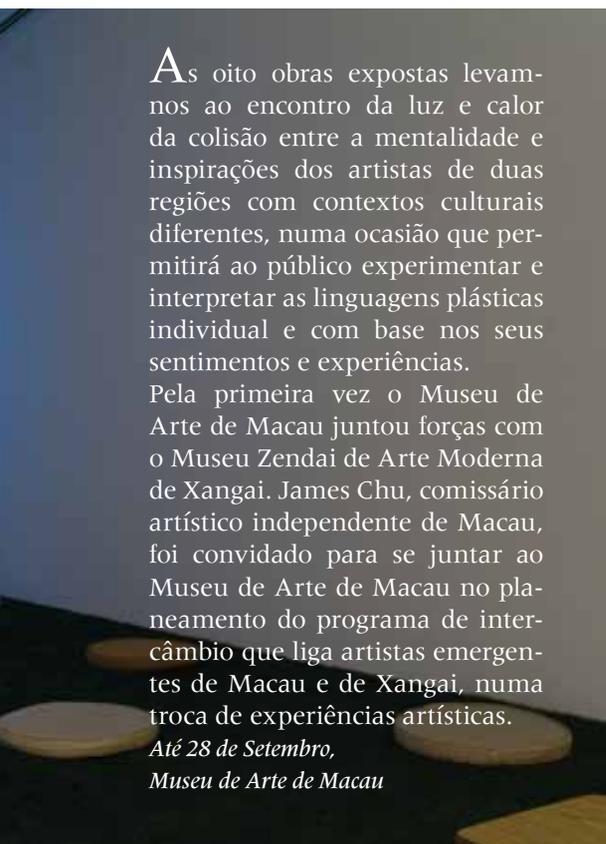
Os retratos são realizados muito rapidamente, mas procurando relacionar a pessoa com o fundo.

Virgílio Ferreira nasceu no Porto, frequentou diversos cursos de Fotografia, no Porto, na École des Arts e Metiers de L'Image em Paris e em Cuba na Escola Internacional de Cinema.

Até 2 de Novembro, Centro Português de fotografia, Porto, Portugal

**Gravura:
Trabalhos dos Alunos
2007/08**

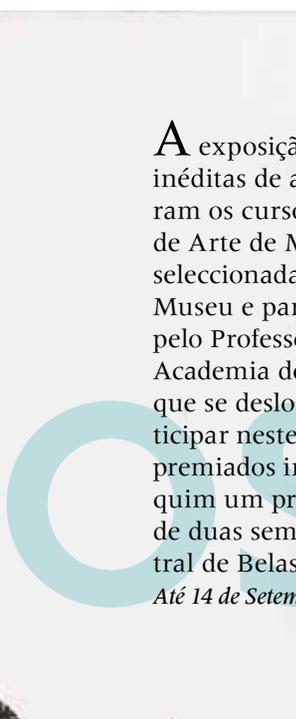




As oito obras expostas levam-nos ao encontro da luz e calor da colisão entre a mentalidade e inspirações dos artistas de duas regiões com contextos culturais diferentes, numa ocasião que permitirá ao público experimentar e interpretar as linguagens plásticas individual e com base nos seus sentimentos e experiências.

Pela primeira vez o Museu de Arte de Macau juntou forças com o Museu Zengdi de Arte Moderna de Xangai. James Chu, comissário artístico independente de Macau, foi convidado para se juntar ao Museu de Arte de Macau no planeamento do programa de intercâmbio que liga artistas emergentes de Macau e de Xangai, numa troca de experiências artísticas.

*Até 28 de Setembro,
Museu de Arte de Macau*



A exposição apresenta 30 obras inéditas de alunos que frequentaram os cursos de gravura do Museu de Arte de Macau. As obras foram seleccionadas por um júri do próprio Museu e para o qual foi convidado pelo Professor Gao Rongsheng da Academia de Belas Artes de China, que se deslocou a Macau para participar neste evento. Os dois alunos premiados irão frequentar em Pequim um programa de intercâmbio de duas semanas na Academia Central de Belas Artes.

Até 14 de Setembro, Museu de Arte de Macau



Pinceladas Inovadoras: Pintura Experimental do Instituto de Belas Artes de Sichuan

É a primeira exposição conjunta do Museu de Arte de Macau e do Instituto de Belas-Artes de Sichuan, que apresenta os trabalhos de 12 jovens artistas para os quais a pintura a tinta não representa apenas uma imagem externa ou a exibição de técnicas sofisticadas e, muito menos, um jogo desligado da realidade social. Ela é antes o melhor veículo para depurar e ampliar a expressão de percepções e emoções pessoais, com base numa compreensão acrescida da riqueza da cultura chinesa.

Esta exposição é também uma forma de homenagem às vítimas do sismo de Sichuan. As peças expostas representam igualmente as emoções destes jovens artistas, dias antes do sismo de 12 de Maio.

Até 26 de Outubro, Museu de Arte de Macau

Irvin Mayfield e Orquestra de Jazz de Nova Orleães

Um concerto pautado por uma combinação entre o chamado jazz Dixieland (o estilo que nasceu em Nova Orleães no início do século XX) e as novas composições e arranjos de Mayfield.



A NOJO (sigla em inglês da banda) tem as suas raízes na tradição do jazz de Nova Orleães, do blues, do swing e do gospel. Para além de ser a principal instituição de jazz da “Big Easy”, um dos muitos epítetos atribuídos à cidade-berço do Jazz, no pós-Katrina, a banda também apresenta programas educacionais que sublinham a herança cultural e musical de Nova Orleães. O colectivo será conduzido pelo fundador e director artístico da orquestra, Irvin Mayfield. O trompetista, compositor nomeado para um Grammy e vencedor de um prémio Billboard, foi também designado como Embaixador Cultural de Nova Orleães.

4 Setembro, Grande Auditório Centro Cultural de Macau

HUSH!! Maratona de Rock

É uma iniciativa que pretende oferecer às bandas locais um palco de apresentação, bem como uma oportunidade de troca de experiências com bandas do exterior.

Neste espectáculo estão apenas as bandas escolhidas por um júri que teve como critérios principais a originalidade do tema, o nível de execução e a técnica de produção.

Nas edições passadas o festival tem sido bem acolhido pelo público, com várias bandas asiáticas provenientes de cidades como Pequim, Xangai, Taipé, Seul, Kuala Lumpur e Hong Kong a subirem ao palco da Plaza da Arte do CCM.

14 Setembro, Plaza da Arte do Centro Cultural de Macau



Zaia, Cirque du Soleil

A companhia canadiana Cirque du Soleil tem já um espectáculo permanente em Macau, onde apresenta Zaia. É uma produção de 90 minutos que junta 75 artistas para contar a viagem no espaço de uma jovem ao encontro da auto-descoberta. O cenário tem inúmeras referências à exploração cósmica, incluindo uma esfera gigantesca com cerca de 7,5 metros de diâmetro e um fundo de estrelas, que reproduz as constelações do céu real.

Ao longo da viagem, a jovem descobre a beleza da Humanidade e partilha-a com os habitantes da Terra, num espectáculo de dança, movimento e acrobacia.

Arena do Complexo do Venetian, Cotai, Macau

XXII Festival Internacional de Música de Macau
XXII Festival Internacional de Música de Macau



**Orquestra Filarmónica Real
(Reino Unido)**

Leonard Slatkin, maestro principal convidado, lidera a orquestra que se apresenta pela primeira vez em Macau. A interpretação da Primeira Sinfonia de Mahler é um dos pontos altos desta actuação. O compositor austríaco Gustav Mahler (1860-1911) criou a sua primeira sinfonia aos 28 anos.

*5 Outubro, Grande Auditório,
Centro Cultural de Macau*

**Pequenos Cantores de S. Floriano
(Áustria)**

Händel, Franck e Duruflé dão os primeiros passos neste concerto, aquecendo as vozes para Edelweiss de Rodgers e O Danúbio Azul de Johann Strauss II. Na segunda parte, árias da ópera O Morcego do “Rei da Valsa” e da Flauta Mágica de Mozart vão abrindo caminho a canções populares chinesas, japonesas e europeias. Franz Farnberger conduz os Pequenos Cantores de S. Floriano, lançando a âncora nas águas profundas da tradição austríaca.

6 Outubro, Igreja do Seminário de S. José

**Quinteto de Sopros
da Filarmónica de Berlim
(Alemanha)**

Fundado em 1988 na era de Herbert von Karajan, foi o primeiro quinteto de sopros com carácter permanente no seio da tradição de música de câmara. Os seus músicos são todos membros originais e testemunhos vivos das parcerias musicais altamente produtivas e influentes da Filarmónica de Berlim – tanto com Karajan como os dois directores musicais mais recentes da orquestra: Claudio Abbado e Sir Simon Rattle.

7 Outubro, Teatro Dom Pedro V

Trio Apollon (Alemanha)

O trio foi fundado em 1990 por três solistas da Orquestra da Ópera Estadual de Berlim, sob a liderança do maestro Daniel Barenboim. O grupo mantém uma colaboração constante com artistas como Yefim Bronfman e Yo Yo Ma, além do próprio Daniel Barenboim. Matthias Glander no clarinete, Félix Schwartz no violino e Wolfgang Kuhn no piano vão interpretar Robert Schumann, Félix Mendelssohn-Bartholdy e Johannes Brahms.

8 Outubro, Teatro Dom Pedro V

Kolsimcha – The World Quintet (Suíça)

O quinteto formou-se em 1986, e desde então já cativou e encantou o público do Carnegie Hall em Nova Iorque e do Queen Elizabeth Hall em Londres. O grupo já actuou nos mais famosos festivais de música jazz, clássica e do mundo.

9 Outubro, Fortaleza do Monte

Orquestra Chinesa de Macau Convida Adam Cheng

Adam Cheng, o herói de artes marciais de Hong Kong, passou os últimos trinta anos a saltar dos ecrãs para os palcos, alternando entre o papel de um icónico mestre de wushu e de um cantor romântico de Cantopop. Em três concertos com a Orquestra Chinesa de Macau, Adam Cheng vai recordar êxitos como “Heaven Sword e Dragon Sabre”, “Chor Lau Heung” e “Rotation”.

**10, 11, 12 Outubro, Grande Auditório,
Centro Cultural de Macau**

Orquestra Sinfónica de Vancouver (Canadá)

O maestro britânico Bramwell Tovey regressa a Macau para dirigir a terceira maior orquestra do Canadá, da qual é o Director Musical. Maestro e orquestra foram distinguidos com um Gammy este ano para a Melhor Execução Instrumental. A Vancouver Symphony Orchestra (VSO) foi fundada em 1919 e apresenta 140 concertos por temporada.

**14 Outubro, Grande Auditório,
Centro Cultural de Macau**

Orquestra de Macau Convida o Ensemble Vocal Ars Nova (Hungria)

A Orquestra e o ensemble vão apresentar um programa totalmente preenchido por obras de Mozart, enaltecendo algumas das peças de música sacra do génio austríaco. O concerto culmina com uma das composições mais populares do compositor: a Sinfonia N° 40 em Sol menor.

17 Outubro, Igreja de S. Domingos

Orquestra Chinesa de Macau

“A Flor de Lotus Dourada” de Salmos de Macau e Excertos do romance A Trança Feiteira constituem duas estreias mundiais da autoria dos compositores chineses de renome Tang Jianping and Kuan Nai Chung. O concerto inclui ainda o tema tradicional “Lua Alta”, que dá lugar ao jubiloso Concerto para Pipa “Tocando em Jeito de Brincadeira” antes do Dizi emprestar a sua graça ao Concerto “Na Montanha Vazia”.

**18 Outubro, Grande Auditório,
Centro Cultural de Macau**

Orquestra de Jazz Pedro Giraud (EUA)

A Pedro Giraud Jazz Orchestra, liderada pelo baixista e compositor que lhe dá o nome e a quem chamam Mr. Vivo, tem vindo a fascinar os ouvintes em todo o mundo com a sua combinação única de sons sul-americanos, canções populares argentinas, a paixão do tango e a improvisação do jazz. Giraud, na senda da tradição de compositores como Duke Ellington e Carla Bley, realça os talentos excepcionais de cada membro da banda, tecendo magistralmente elementos pré-compostos e improvisados.

19 Outubro, Fortaleza do Monte

Ensemble Vocal Ars Nova (Hungria)

Em Macau, o ensemble apresenta um programa totalmente húngaro que abrange temas do início do século XIX ao final do século XX. Também vai ser apresentado um interlúdio de arranjos modernos das Orações a São Francisco de Assis, preparados por vários compositores não-húngaros.

21 Outubro, Igreja de S. Domingos

Coro Feminino de Hannover (Alemanha)

Fundado em 1952, o MädchenChor Hannover é um dos coros juvenis mais famosos na Alemanha. O grupo domina uma ampla gama de música e de estilos, com especial destaque para as obras corais contemporâneas. Este coro tem contribuído

para o desenvolvimento de um repertório mais alargado para coros juvenis e femininos, devido às várias encomendas de novas obras que tem feito.

23 Outubro,

Igreja de Nossa Senhora de Fátima

Quarteto Haydn (Áustria)

Seguindo a tradição da cultura musical Esterházy, o Quarteto Haydn está sediado no Palácio Esterházy, em Eisenstadt, na Áustria, onde Joseph Haydn viveu e compôs durante mais de trinta anos.

Quartetos de Mozart, Schubert, Pärt e de Haydn, constituem a receita para este concerto, que conta com Martin Kocsis (segundo violino) e Nikolai New (violoncelo) – ambos elementos da formação original do quarteto - e Fritz Kircher (primeiro violino) e Gerswind Olthoff (viola).

25 Outubro, Teatro Dom Pedro V

Concerto de Música Popular Chinesa

A música das minorias Dong e Miao/Hmong remonta a uma sociedade sem escrita na qual a história e a cultura foram passadas oralmente, de geração em geração, e todos os aspectos da vida eram expressos através do canto.

Associando-se aos Miao que actual num cenário montado na Fortaleza do Monte, os Dong apresentam um repertório exótico de dage (“grandes canções”) corais polifónicas, canções para pipa, canções do rio e baladas narrativas.

26 Outubro, Fortaleza do Monte

Slava e Leonard Grigoryan (Austrália)

Os irmãos Slava e Leonard Grigoryan, nascidos no Cazaquistão e criados na Austrália, foram considerados na última década dos mais originais guitarristas clássicos. Slava está constantemente em busca de projectos que alarguem as fronteiras do repertório da guitarra acústica, estando também envolvido noutros géneros musicais - da música contemporânea ao jazz. Leonard sempre se dedicou tanto à música clássica como ao jazz, e é também um compositor activo.

28 Outubro, Teatro Dom Pedro V

Il Trittico de Giacomo Puccini

A ‘Opéra de Nice’ regressa a Macau com uma nova produção de Il Trittico (O Tríptico), em comemoração do 150º aniversário do nascimento de Giacomo Puccini. O compositor italiano fazia questão que a sua colecção de três óperas em um acto, Il Tabarro, Suor Angelica e Gianni Schicchi, fossem representadas em conjunto, enfurecendo-se sempre que eram levadas à cena separadamente. Il Tabarro, a primeira do tríptico, é uma ópera sombria e plena da violência e garra, associadas ao verismo operático. Suor Angelica, uma história de redenção religiosa, era a favorita de Puccini. Gianni Schicchi que encerra o tríptico, é uma popular farsa bufa sobre a cobiça e a intriga.

31 De Outubro e 1 e 2 de Novembro,

Grande Auditório, Centro Cultural de Macau

Júlio Pereira (Portugal)

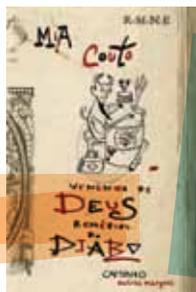
Com uma longa carreira de trinta anos, o multi-instrumentista, compositor e produtor Júlio Pereira tem-se dedicado a empreendimentos artísticos guiados por um sentido de universalidade de manifestações culturais. A sua obra procura incorporar a tradição portuguesa nas correntes estéticas contemporâneas. Júlio Pereira dedica-se à recuperação dos sons quase perdidos dos instrumentos tradicionais.

24 Outubro, Teatro Dom Pedro V



Venenos de Deus, Remédios do Diabo

Mia Couto



O jovem médico português Sidónio Rosa, perdido de amores pela mulata moçambicana Deolinda, que conheceu em Lisboa num congresso médico, deslocou-se

como cooperante para Moçambique em busca da sua amada. Em Vila Cacimba, onde encontra os pais dela, espera pacientemente que ela regresse do estágio que está a frequentar algures. Mas regressará ela algum dia? Venenos de Deus, Remédios do Diabo é descrito como “uma obra que parece ser uma história de amor, mas que se transforma em mais um dos belos quadros de Mia Couto sobre a realidade moçambicana”. Para o autor é “um livro mais ou menos universal”, com uma história que podia ocorrer em qualquer lado do mundo e também menos crível a factos históricos embora Mia Couto faça referência a lugares precisos, como, por exemplo, Murébuè, algo que nunca tinha feito antes.

2008, *Caminho, Lisboa*

A matéria do poema

Nuno Júdice



Lê-se no poema inaugural, intitulado Poética: “Quero que o meu poema fale de barcos e de azul, fale / do mar e do corpo que o procura, fale de pássaros e / do céu em que habitam. Quero um poema puro,

limpo / do lixo das coisas banais, das contaminações de quem / só olha para o chão; um poema onde o sublime nos / toque, e o poético seja a palavra plena”. Escritor, poeta e ensaísta português, Nuno Júdice é professor da Universidade

Nova de Lisboa, onde se doutorou em 1989 com uma tese sobre Literatura Medieval.

2008, *Dom Quixote, Lisboa*

Viriato da Cruz, O Homem e o Mito

Vários



Trata-se de um livro colectivo sobre a pessoa e a obra de Viriato da Cruz e que inclui informações e cópias de documentação inédita, testemunhos de contemporâneos e muita informação

adicional, para além de estudos aprofundados sobre a sua vida política. Viriato da Cruz nasceu em 1928, em Porto Amboim, Angola, e morreu em 1973, em Pequim, onde procurou exílio em plena Revolução Cultural. Foi um dos fundadores do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) e uma personalidade bem vista pelo regime chinês, até ao dia em que afirmou que seria impossível levar o movimento maoísta para África.

O livro subdivide-se numa parte sobre a obra poética de Viriato da Cruz e outra sobre o projecto político, sob a coordenação de Edmundo Rocha, Francisco Soares e Moisés Fernandes. 2008, *Prefácio & Chá de Caxinde, Lisboa*

O Poder e o Direito, Ensaios de Direito Constitucional e Ciência Política

Arnaldo Gonçalves



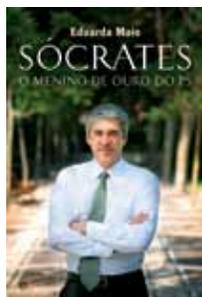
Esta obra reúne um conjunto de dez textos, entre originais e republicações, em português e inglês, que fazem um enquadramento à política da RAEM. O livro

está dividido em duas partes. Na

S primeira, Arnaldo Gonçalves debruça-se sobre o desenvolvimento do direito constitucional na República Popular da China, questiona a hipótese de uma Sociedade Internacional e descortina a autonomia das regiões administrativas de Macau e Hong Kong. Na segunda, fala-se da crise democrática, da falência do estado providência na Europa, do legado de Deng Xiaoping e o papel da China na Organização Mundial do Comércio. Uma obra, que como diz o autor no prefácio, é dirigida “aos jovens que por e-mail ou fax me procuram dirigindo-me questões pertinentes sobre ciência política, relações internacionais ou a projecção da China no mundo. Sinto-me, por eles, na obrigação de partilhar, testemunhar vivências que me marcaram e à forma como interpreto o mundo”.
2008, Delta Edições, Macau

Sócrates: O Menino de Ouro do PS

Eduarda Maio



Fevereiro de 2005. Nas eleições legislativas, o Partido Socialista alcança uma vitória inédita e consegue a primeira maioria absoluta na Assembleia da República. Aos 48 anos e a liderar o

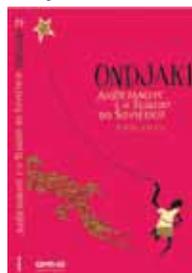
partido há pouco mais de quatro meses, José Sócrates chega ao poder. Era o culminar da carreira política daquele que muitos companheiros apelidaram de “Menino de Ouro do PS”, que começara duas décadas antes, na Covilhã.

Eduarda Maio, jornalista da Antena 1, percorre os trilhos políticos e familiares de José Sócrates: das festas em Vilar de Maçada, aos seus primeiros tempos como militante da Juventude Social Democrata, do espírito com que reorganizou o Partido Socialista em Castelo Branco à eleição como deputado, de mediático ministro do Ambiente, à conquista do PS e do país.

2008, Esfera dos livros, Lisboa

Avó Dezanove e o Segredo do Soviético

Ondjaki



Mais uma obra do jovem escritor angolano que conta a história de um grupo de crianças de um bairro de Luanda. As obras do Mausoléu que irá albergar os restos mortais do

presidente da República estão quase a terminar. Os habitantes do bairro vizinho descobrem que as suas casas serão destruídas porque o espaço circundante ao monumento será requalificado. Duas crianças decidem explodir o Mausoléu e assim poupar o bairro onde sempre viveram. Mas o responsável pela obra, um soviético, apaixona-se pela avó de uma das crianças. O plano das crianças falha, mas o Mausoléu é destruído...

2008, Caminho, Lisboa

Gaveta de Papéis

José Luís Peixoto



“Quando me cansei de mentir a mim próprio comecei a escrever um livro de poesia.”, escreve José Luís Peixoto. Nesta gaveta o autor guardou os seguintes temas e objectos:

Fotografias de

Cidades; Documentos; Chaves; Recortes de Jornal; Postais; Bilhetes Usados; Lista de Tarefas e literalmente Desenhos Feitos pelos Filhos.

Com este trabalho venceu o Prémio de Poesia Daniel Faria 2008 sob o pseudónimo de André Serrano.

2008, Quasi, Lisboa



Matizes,
Djavan

“Matizes” é o terceiro disco que lança através da sua própria editora, Luan-da, e o décimo oitavo da sua carreira. Djavan é autor das 12 novas canções deste trabalho, que é mais um reflexo da profunda marca do seu sentido de harmonia entre o popular e o sofisticado, como provam temas como “Joaninha”, “Pedra” ou “Desandou”. Dos sambas ao blues, das baladas aos boleros, de canções inventivas (como a bossa nova de protesto) às canções típicas, “Matizes” tingi as tonalidades de uma obra em plena maturidade. Cantor com uma forte marca de autor, Djavan viu alguns dos seus temas serem gravados por grandes nomes da música, como Stevie Wonder, Carmen McRae e Al Jarreau
IPlay, 2007

Terra, *Mariza*

É o quarto álbum de originais da cantora portuguesa que o define como “orgânico” e “acústico” com um “ritmo contagiante”. Produzido pelo espanhol Javier Limón, conta com as participações de Concha Buika, Chuchu Valdês e Dominic Miller. Do repertório musical cabo-verdiano, Mariza escolheu uma morna de B. Leza, “Beijo de saudade”, que interpreta com Tito Paris. A fadista recupera ainda um tema da dupla Alberto Ribeiro/Max. Entre os 14 temas que integram o álbum, a fadista volta a interpretar Florbela Espanca, designadamente o poema “Vozes do mar”, com música de Diogo Clemente. Referindo-se ao título do álbum, Mariza afirmou já que foi escolhido no sentido em que Miguel Torga escreveu, “acabo sempre por vir dormir aqui”, e a minha “Terra” é esta, os meus pés estão na minha terra”.

EMI Music, 2008



Canção do Lado,

Deolinda

Há uma longa série de clichés associados ao fado que os Deolinda contradizem. Por exemplo, o fado tem que ter guitarra portuguesa. Os Deolinda não usam guitarra portuguesa. Ou ainda, o fado não pode ser dançado. E dança-se com os Deolinda. Ou, para terminar, a fadista tem que vestir de preto, e Ana Bacalhau, a voz do grupo, veste roupas garridas, alegres e coloridas.

Naquele que é o seu disco de estreia, este quarteto reúne influências da música popular portuguesa – um universo que abarca José Afonso e António Variações, Sérgio Godinho, Madreus, Amália Rodrigues e Alfredo Marceneiro – e vai ainda à rembetika grega, à música ranchera mexicana, ao samba, à música havaiana, ao jazz e à pop, numa confluência original e rara.

IPlay, 2008

Mulheres ao Espelho,

Aldina Duarte

“Mulheres Ao Espelho” conta onze histórias de mulheres. Cada fado é uma história que na voz de Aldina Duarte toma forma e se transforma quase que ganhando vida própria.

Para este trabalho, o terceiro da sua carreira, três fadistas lhe “serviram de espelho” e a quem presta homenagem: de Maria José da Guia interpreta “Bairro divino”; de Hermínia Silva, “A rua mais lisboeta”; e de Lucília do Carmo “Não vou, não vou”.

Aldina Duarte canta ainda cinco poemas da sua autoria e dois de Rosário Pedreira.

Roda- Lá Music, 2008



Revista **MACAU** Locais de Venda

PORTUGAL

Lisboa

Casa de Macau em Portugal

Av. Gago Coutinho, 142,
1700-033, Lisboa

Tel: +(351) 21 849 5342

Centro de Promoção

e Informação Turística

de Macau em Portugal

Direcção dos Serviços de Turismo da RAEM

Av. 5 de Outubro, n.o 115, r/c
1069-204 Lisboa

Tel: +(351) 217 936 542

Porto

Livraria Latina

Rua de Santa Catarina, 2
4000-441 - Porto

Tel: +(351) 22 200 12 94

Aveiro

Livraria Nobel Académica

Rua Eça de Queirós 62
3810-109 Aveiro

Tel: +(351) 234421494

MACAU

Livraria Portuguesa

Rua São Domingos, 18-22
Tel: +(853) 2856 6442

Livraria S. Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"
Tel: +(853) 2832 3957

Livraria Bloom

Largo do Pagode do Bazar
Rua de Guimarães, 206. r/c

Tel/Fax: +(853) 2892 0121

Plaza Cultural Macau

Av. do Conselheiro Ferreira de
Almeida, 32

Tel: +(853) 2833 8561

Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,
Edif. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau
email: assinaturas@revistamacau.com Tel: + 853 2832 3660 Fax: + 853 2832 3601

Nome:

Morada:

Telefone: Fax:

E-mail:

Angola: 1,150.00 AON

Brasil: R\$ 29.00

Cabo Verde: 1,200.00 CVE

Guiné Bissau: 7,000.00 XOF

Macau: 100.00 MOP

Mundo: US \$13.00

Moçambique: 350,000.00 MZM

Portugal: € 10.00

S. Tomé: 94,000.00 STD

Timor: US \$13.00



deltaedições